



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CLÉCIA MARIA NÓBREGA MARINHO

**O LÉXICO REGIONAL/POPULAR DE GRACILIANO RAMOS EM *CAETÉS*, *SÃO*
BERNARDO E *VIDAS SECAS*: UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA**

JOÃO PESSOA - PB
MAIO, 2018

CLÉCIA MARIA NÓBREGA MARINHO

O LÉXICO REGIONAL/POPULAR DE GRACILIANO RAMOS EM *CAETÉS*, *SÃO BERNARDO* E *VIDAS SECAS*: UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, Área de Concentração Linguagens e Cultura, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão

JOÃO PESSOA - PB

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M3381 Marinho, Clécia Maria Nóbrega.
O LÉXICO REGIONAL/POPULAR DE GRACILIANO RAMOS: UMA
ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA / Clécia Maria Nóbrega
Marinho. - João Pessoa, 2018.
113 f.

Orientação: Maria do Socorro Silva de Aragão.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. 1 Lexicologia 2 Lexicografia 3 Sociedade 4 Cultura.
I. Maria do Socorro Silva de Aragão. II. Título.

UFPB/CCHLA

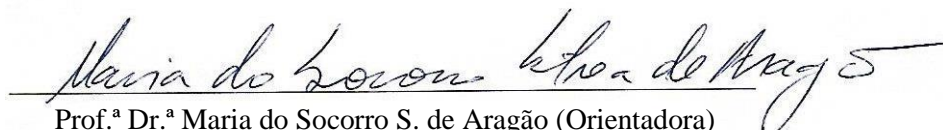
CLÉCIA MARIA NÓBREGA MARINHO

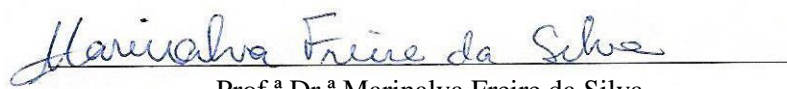
**O LÉXICO REGIONAL/POPULAR DE GRACILIANO RAMOS EM CAETÉS, SÃO
BERNARDO E VIDAS SECAS: UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA**

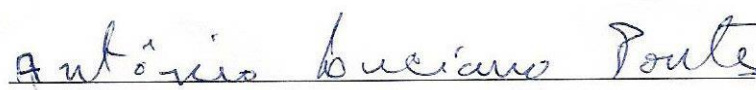
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, Área de Concentração Linguagens e Cultura, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Doutora em Letras.

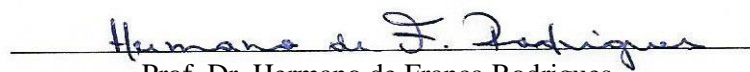
Aprovada em: 07 de maio de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro S. de Aragão (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba – PPGL / UFPB


Prof.^a Dr.^a Marinalva Freire da Silva
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB


Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará – UECE


Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba – PPGL / UFPB


Prof. Dr. Sandro Luís de Sousa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN

Às minhas filhas, Shaka e Ariadne,
e ao meu netinho Ariel.

Apreendi que viver é, também, sentir saudade, muita saudade!

In memoriam do meu amado filho Axell.

AGRADECIMENTOS

Ao Meu Pai Celestial, fonte de minha fé.

Aos meus pais, João Marinho de Araújo e Maria Daura da Nóbrega Marinho, pelo zelo dedicado à minha formação.

À Universidade Federal da Paraíba, pela oportunidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, nas pessoas da Coordenadora Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Marinho Lúcio e da Secretária Rosilene Marafon, pelo apoio no decorrer do Curso.

À Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão, pela segurança e precisão na orientação e pela amizade construída.

À professora Dr.^a Marinalva Freire da Silva e aos professores Dr. Antônio Luciano Pontes, Dr. Hermano França Rodrigues e Dr. Sandro Luís de Sousa, por aceitarem compor a Banca e pela criteriosa avaliação deste trabalho.

À professora M.^a Neila Coelho (UFAL), pela valiosa contribuição.

Às professoras Dr.^a Maria do Socorro Burity Dialectaquiz e Dr.^a Maria Salete F. de Carvalho (CLCT / IFPB), pela sólida amizade e pelo companheirismo no trabalho e na academia.

À professora Dr.^a Ivone Lucena, por todo estímulo e torcida nesse percurso.

A Shaka e Leandro e a Ariadne e Sávio, por caminharem comigo todos os dias.

A todos os meus familiares, que estão sempre perto de mim, principalmente, quando mais preciso.

Aos companheiros de doutorado, Sandro, Wellington e Robson, pela boa convivência e pelos laços de amizade gerados ao longo da jornada.

A Paulo Aldemir D. Lopes, pela leitura e apoio logístico na diagramação deste trabalho.

A todos que, de formas diversas, acompanharam minha trajetória de qualificação.

*“A fala não se esgota na mensagem que engendra,
ela pode fazer ouvir muito além do que foi dito”.*

(Barthes, 1978)

RESUMO

Este trabalho constitui-se um estudo linguístico voltado para a descrição dos aspectos léxico-semânticos em *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1936) e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, com vistas à elaboração de um glossário do léxico regional/popular deste escritor. Consiste, pois, numa pesquisa de palavras e expressões de cunho regional/popular contidas nas obras em foco, respaldada em pressupostos teórico-metodológicos da Lexicologia, da Lexicografia, ao que se inclui a Lexicografia dialetal, ou regional, da Semântica, bem como da Dialetologia, da Sociolinguística e da Etnolinguística. Considerando que seus limites se definem nos registros de fala regional/popular, contextualizados nas obras estudadas, de Graciliano Ramos, com o objetivo de proceder-se a uma descrição e análise léxico-semântica destes, na perspectiva geo-sócio-etnolinguística, reiterando a interface língua-sociedade-cultura, o conteúdo de feição literária e os processos a ele inerentes não constituem, então, objetos de estudo, apenas suportam à análise.

Palavras-Chave: Lexicologia. Lexicografia. Sociedade. Cultura.

ABSTRACT

The present work represents a linguistic study that describes the lexicon-semantic aspects in *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1936) and *Vidas Secas* (1938), by Graciliano Ramos. Herein it is provided a glossary with the regional/popular léxicon of the writer which consists in a survey of regional/popular words and expressions from these works, supported by theoretical and methodological assumptions of Lexicology, Lexicography, including dialectal Lexicography, or regional, Semantics, as well as Dialectology, Sociolinguistics and Ethnolinguistics. Considering that its limits are defined by the regional/popular speech records contextualized in the literature studied and with the aim of proceeding to a lexicon-semantic description and analysis, and in the geo-socio-ethnolinguistic perspective, reaffirming the language-society-culture interface, the content of literary aspects and the processes inherent to it are not objects of study, they only support the analyses.

Keywords: Lexicology. Lexicography. Society. Culture.

RESUMEN

Este trabajo constituye un estudio lingüístico a lo que concierne a la descripción de los aspectos léxico-semánticos en *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1936) y *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, con vistas a la elaboración de un glosario del léxico regional/popular de este escritor. Consiste, pues, en una investigación de palabras y expresiones de acuño regional/popular contenidas en las obras en evidencia que se apoya en un postulado teórico-metodológico de la Lexicología, de la Lexicografía, al que incluye la Lexicografía dialectal o regional, de la Semántica, como también de la Dialectología, de la Sociolingüística y de la Etnolingüística. Suponiéndose, que sus límites se definen en los registros de habla regional/popular contextualizados en las obras estudiadas, con el objetivo en conducirse a una descripción y análisis léxico-semántica de dichas novelas, en la perspectiva geo-socio-etnolingüística, insistiendo en el eje lengua-sociedad-cultura, el contenido de aspecto literario y los procesos que le son inherentes no constituyen, entonces, objetos de estudio ya que sólo sostiene el análisis.

Palabras-Clave: Lexicología. Lexicografía. Sociedad. Cultura.

LISTA DE SIGLAS E/OU ABREVIATURAS

AB – Aurélio Buarque

adj. – Adjetivo

AH – Antônio Houaiss

AN – Antenor Nascente

Cf. – Conferir

CTS – *Caetés*

HA – Horácio Almeida

exp. – Expressão

GR – Graciliano Ramos

loc. adj. – Locução adjetiva

loc. adv. – Locução adverbial

loc. prep. – Locução prepositiva

LSDAC – Lexia simples, dicionarizada com acepção complementar

LSDAD – Lexia simples, dicionarizada com acepção diferente

LSDAE – Lexia simples, dicionarizada com acepção equivalente

LSND – Lexia simples, não dicionarizada

LCPDAC – Lexia composta, dicionarizada com acepção complementar

LCPDAD - Lexia composta, dicionarizada com acepção diferente

LCPDAE - Lexia composta, dicionarizada com acepção equivalente

LCPND - Lexia composta, não dicionarizada

LCXDAC - Lexia complexa, dicionarizada com acepção complementar

LCXDAD - Lexia complexa, dicionarizada com acepção diferente

LCXDAE - Lexia complexa, dicionarizada com acepção equivalente

LCXND – Lexia complexa não dicionarizada

MC – Michaelis

NE – Nota enciclopédica

NL – Nota linguística

SB – *São Bernardo*

s. f. – Substantivo feminino

s. m. - Substantivo masculino

Var. – Variante

V. – Veja (Remissiva)

v. – Verbo

VS – *Vidas Secas*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS	18
2.1 Dialetoлогия.....	20
2.2 A Sociolinguística.....	24
2.3 A Etnolinguística	27
2.4 Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Lexicografia Regional	29
2.4.1 Léxico / Léxico Regional	29
2.4.2 As Unidades do Léxico: lexias	32
2.4.3 Da Lexicologia, da Lexicografia e da Lexicografia Regional	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 Pesquisa Bibliográfica	42
3.2 O Universo da Pesquisa.....	42
3.3 O Escritor Graciliano Ramos	46
3.4 Delimitação do <i>Corpus</i>	48
3.5 Registro dos Dados Coletados para a Construção do <i>Corpus</i>	48
3.6 Organização do Glossário.....	49
3.6.1 Da macroestrutura.....	49
3.6.2 Da medioestrutura.....	52
3.6.3 Da microestrutura	53
4 GLOSSÁRIO DO LÉXICO REGIONAL/POPULAR DE GRACILIANO RAMOS EM CAETÉS, VIDAS SECAS E SÃO BERNARDO	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

Os seres humanos, organizados em sociedades, são detentores de vários conjuntos de signos, que lhes possibilitam a intercomunicação, os caracterizam e os representam. Dentre estes, a língua é o mais fundamental.

Os estudos linguísticos contemporâneos estão ligados a diferentes orientações teóricas. De um lado, a formal (imanentista); de outro, a contextual (menos imanentista), que considera fundamentais as relações entre língua, sociedade e cultura para melhor compreensão de alguns fenômenos ocorridos em uma dada língua.

Nessa perspectiva, a língua em sua totalidade e as unidades lexicais não são um todo marcado pela homogeneidade, ao contrário, são um compósito de variedades resultante de um processo histórico. Ao nomear seres e objetos, classificando-os, o homem vai estruturando dados do mundo em que vive e, desta forma, gerando os léxicos das línguas naturais. Logo, o acervo lexical de uma comunidade linguística revela as idiossincrasias formadoras da etnia dessa comunidade, renovando-se e alterando-se proporcionalmente à atuação de fatores extralinguísticos – social, histórico, cultural e geográfico.

Diante dessa dinamicidade da língua, perceptível nomeadamente no vocabulário, torna-se imprescindível a descrição e caracterização do léxico regional/popular numa perspectiva geo-sócio-etnolinguística, para que possamos ter uma visão global de uma variante regional, no caso deste trabalho, a nordestina.

Na região Nordeste, ao lado de trabalhos realizados por estudiosos, em sua maioria não lexicólogos, lexicógrafos ou linguistas, encontram-se alguns elaborados por especialistas e publicados em dicionários e glossários cujos *corpora* foram coligidos em obras literárias de escritores brasileiros, entre os quais, na Paraíba, Glossário Aumentado e Comentado de A Bagaceira, de Aragão, Madruga, Meller & Mello (1984); A Linguagem Regional/Popular na Obra de José Lins do Rego, de Aragão (1990), com nova edição revista e ampliada, publicada em 2017, e Dicionário linguístico de termos regionais/populares (Norte/Nordeste), de Pontes e Meller, publicado em 2003. Contudo, ao se considerarem as dimensões territoriais brasileiras e suas diversificadas culturas regionais, muito ainda se tem a fazer, urgentemente, antes de os meios de comunicação de massa, que vêm desbravando, praticamente, todos os recantos de nossas terras num ritmo avassalador, nivelarem espacial, social, cultural e temporalmente os falares nordestinos, contribuindo, assim, para o desaparecimento destes e, conseqüentemente, comprometendo a história da variante linguística regional/popular.

Para além do exposto, a presença de recursos da modalidade falada de uso da língua vem sendo verificada em textos escritos tanto em prosa quanto em verso, nas distintas épocas literárias. Na literatura brasileira, principalmente, em se tratando de escritores modernistas, este fato depende não só de uma escolha estética, ou de procedência regional, mas, também, da austeridade no uso da língua, que é proporcional à personalidade do escritor: quanto mais marcante, forte e genuína, tanto mais ímpar e próprio o matiz, o colorido de sua linguagem.

Nesse sentido, muitos estudos, até então realizados, direcionaram nossa atenção para essa singularidade em Graciliano Ramos, não só no que se refere à tessitura literária, mas, especificamente, à linguagem, à escrita. No entanto, em meio a estes, constatamos, apenas, um glossário que registra parte do léxico regional/popular da Obra desse renomado escritor: Glossário regional/popular da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, de autoria de Maria Salete F. de Carvalho e Maria das Neves Pontes de Alcântara, originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado da primeira autora.

Salvaguardados os méritos de tais empreendimentos, ora apresentamos um registro de uma amplitude inédita, possibilitando, assim, uma visão, provavelmente, global do léxico regional/popular desse escritor, que, apesar de para muitos ter estilo moderado e linguagem clássica, parece ter perpetuado, nos romances analisados, o jeito simples e verdadeiro do nordestino expressar sua visão de mundo e o sentimento de nele estar.

Nosso trabalho atende, pois, parte da demanda acima comentada. Nele, realizamos uma análise do universo linguístico contextualizado em *Caetés* (CTS), *São Bernardo* (SB) e *Vidas Secas* (VS), de Graciliano Ramos, em seus aspectos léxico-semânticos, numa perspectiva geo-sócio-etnolinguística e, à luz dos recursos teórico-metodológicos da Lexicografia, registramos em um glossário o léxico regional/popular do “Mestre Graça”, a partir dos dados coligidos nas obras selecionadas.

Para tanto, partimos de um questionamento geral: Existem lexias nos romances de ficção de Graciliano Ramos que refletem semanticamente uma variação de caráter, predominantemente, geo-sociolinguístico e/ou etnolinguístico e se prestam à elaboração de um glossário do léxico regional/popular desse escritor, mesmo sendo sua linguagem considerada clássica a um modernista brasileiro que produziu a partir dos anos 30?

Desse questionamento, levantamos a seguinte hipótese: No universo linguístico contextualizado em *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas*, romances de ficção de Graciliano Ramos, configuram-se, nas falas do narrador e/ou personagens, lexias que permitem uma análise léxico-semântica sob uma perspectiva geo-sócio-etnolinguística e, à luz dos recursos teórico-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia, ordenarem-se em um glossário do

léxico regional/popular desse escritor. Para testá-la, perfilamos as especificidades, as quais entendemos possibilitarem uma análise dessa natureza, sob a perspectiva selecionada, a saber: 1) identificar as estruturas linguísticas que determinam a construção do léxico contextualizado em *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas*; 2) identificar lexias de cunho regional/popular no léxico das obras em estudo; 3) verificar se tais lexias constituem variações de natureza essencialmente geo-etnolinguística ou são inerentemente sociolinguísticas; 4) elaborar, à luz dos princípios teórico-metodológicos da Lexicografia, o Glossário do léxico regional/popular de Graciliano Ramos, a partir dos dados coligidos em *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas*.

Trata-se, portanto, de um trabalho de caráter lexicológico e lexicográfico cuja perspectiva de análise fundamenta-lhe a especificação de regional/popular: regional pelo viés da Dialetoлогия; popular pelo da Sociolinguística; e referente à cultura pelo da Etnolinguística.

Para subsidiar o *corpus* desta investigação, serviram de elementos-fonte a 32ª edição de *Caetés*, Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2012; 92ª de *São Bernardo*, Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2012 e a 118ª de *Vidas Secas*, Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 2012.

Quando da seleção das lexias, voltadas para a perspectiva de análise adotada, seguimos a ordem de ocorrência em cada obra. Entretanto, vale constar que tais lexias foram compiladas no glossário segundo ordem alfabética, independentemente, da obra em que se encontram contextualizadas e do número de lexias coletado em cada uma delas, atendendo, desta forma, ao paradigma qualitativo.

Para efeito de análise, recorreremos a pressupostos teóricos linguísticos e sociológicos que tratam da interface língua-sociedade-cultura, isto é, às teorias que fundamentam a Dialetoлогия, a Sociolinguística, a Etnolinguística, a Antropologia, a Sociologia, a Semântica, a Lexicologia, a Lexicografia e a Lexicografia regional ou dialetal.

No intento de clarificar as discussões em torno do fim do nosso trabalho, iniciamos pela leitura das referidas obras de Graciliano Ramos, ao que se seguiram as leituras para a fundamentação teórica, cotejando os campos interdisciplinares da Dialetoлогия, da Sociolinguística e da Etnolinguística, buscando, desta forma, explicar a intrínseca relação língua, sociedade e cultura. Em seguida, percorremos as discussões acerca do léxico e suas unidades, objeto de estudo das ciências que o fundamentam: a Lexicologia e a Lexicografia, ao que se inclui a Lexicografia regional ou dialetal, cabendo àquela as teorias linguísticas acerca do léxico e suas unidades, as quais, à maneira de Pottier (1972), chamamos de “lexias”; e a esta, as teorias e técnicas em torno do fazer lexicográfico, isto é, do registro de lexias em obras lexicográficas, tais como, dicionários, glossários.

Considerando que as unidades léxicas são portadoras de significação lexical e/ou gramatical, tornam-se evidentes não apenas a íntima relação entre estas duas ciências, mas, também, entre ambas e a Semântica, ciência dos significados/sentidos cujas motivações podem provir dos contextos geo-socioculturais em que estão inseridos os falantes de uma dada língua. A esta, não elegemos um item por entendermos que os aspectos semânticos mais relevantes ao nosso estudo permeiam o item sobre Lexicologia e Lexicografia e o próprio glossário, uma vez que neste descrevemos o léxico selecionado em seus aspectos léxico-semânticos, na sua estrutura morfossintática e semântica, considerando-lhe o contexto de atualização.

Seguindo essa lógica de interdisciplinaridade, bem como os fundamentos de cada disciplina, apresentamos nosso trabalho em três capítulos: o primeiro, aborda os Princípios Teóricos que fundamentam a pesquisa, a saber, da Dialetoлогия, da Sociolinguística, da Etnolinguística, da Lexicologia, da Lexicografia e da Lexicografia regional; o segundo, trata dos Procedimentos Metodológicos; o terceiro, comporta a Descrição e Análise do *Corpus*: O Glossário. Por fim, apresentamos as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.

2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Da propriedade de os indivíduos de um determinado grupo social estruturarem o pensamento e articularem a linguagem conforme o sistema de vida e a cultura em que vivem, decorre o fato de a língua, em sua unicidade, comportar incomensuráveis variações de natureza espacial, geográfica ou diatópica; social ou diastrática; diafásica ou estilística; histórica ou diacrônica. Todas analisáveis nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Para a análise, descrição e explicação desses diferentes aspectos da língua, bem como de suas relações com outras instituições humanas e sociais, existem ramos específicos da Linguística: a Estilística, a Diacronia, a Etnolinguística, a Sociolinguística, a Dialetoлогия.

Os estudos dialetais que tratam da língua num dado espaço geográfico, considerando os aspectos socioculturais que nela se refletem, em muito contribuíram para o desenvolvimento, respectivamente, das mais recentes Sociolinguística e Etnolinguística.

Assim, em termos cronológicos, podemos pensar que o conceito de língua em sua dimensão concreta – que já se desenhava na Dialetoлогия –, com o advento da Linguística moderna, foi além do papel de atender às necessidades comunicativas inerentes ao homem ao ser considerada ponto de partida da ação cognitiva, social e cultural das comunidades humanas. Nessa perspectiva, língua, sociedade e cultura estão ligadas por uma relação de interdependência indissolúvel.

As interações sociais, fundamentalmente, dão-se pela língua. Afirma Vilela (1995, p. 26) que “Sociedade e língua estão sempre a intrometer-se uma com a outra, a ‘marcarem-se’ sem se demarcar”, logo, as mudanças ocorridas numa dada sociedade se refletem na língua que os membros usam em seus atos de fala.

Por sua vez, Morin (1991, p. 17) argumenta: “Cultura e sociedade encontram-se em relação geradora mútua, e, nesta relação, não esqueçamos as interações entre os indivíduos, que são eles próprios portadores/transmissores de cultura; estas interações regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura.”

O construto teórico inaugural de pesquisas com este enfoque foi assinado por E. Sapir em *A linguagem* (1921), obra resultante das pesquisas linguísticas realizadas por ele em tribos ameríndias. Aplicados ao método etnográfico de Franz Boas – indutivo e intensivo de campo, passando pelo aprendizado da língua em estudo – os dados linguísticos ali coletados passaram a significar a partir da análise da língua funcionando dentro da cultura observada. Para Sapir (1969, p. 205), “a língua não existe fora da cultura, isto é, de um conjunto socialmente

herdado de práticas e crenças que determinam a trama de nossas vidas”, portanto, língua e cultura são interdependentes.

Neste ponto, dada a complexidade conceitual que o termo cultura comporta, algumas considerações se impõem à clareza do conceito de cultura adotado neste trabalho. Em sentido amplo, a noção moderna de cultura – modos de vida e de pensamento – bem acatada em dias atuais, não obstante as divergências, motivou muitas polêmicas desde o seu surgimento no século XVIII, no contexto do processo de industrialização e de desenvolvimento urbano, em que se destacavam a França, a Inglaterra e a Alemanha.

Segundo Thompson (1995, p. 165), o conceito de cultura “possui uma longa história, e o sentido que ele tem hoje é, em certa medida, um produto dessa história”, segundo a qual, no século XIX, os termos civilização e cultura foram postos em contraponto, percurso que não retraçaremos neste espaço. Partimos, então, de duas visões de cultura: uma pautada no pensamento iluminista, a universalista, em que cultura é o conjunto dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, no decorrer de sua história; e outra, no pensamento romântico, a particularista, representado por Johann Gottfried Herder, que entende a cultura numa relação de descontinuidade, chamando a atenção para a diversidade de “culturas”, sem, contudo, descartar a possibilidade de comunicação entre os povos. Tais concepções, no final desse mesmo século, fundamentaram a Antropologia, disciplina emergente que buscava explicar costumes, práticas e crenças de outras sociedades que não as europeias.

Laplantine (2005, p. 120), em sua abordagem sobre antropologia cultural norte-americana, distingue-a da antropologia social europeia, apenas, pela perspectiva e explica:

O *social* é a totalidade das *relações* (relações de produção, de exploração, de dominação...) que os grupos mantêm entre si dentro de um mesmo conjunto (etnia, região, nação...) e para com outros conjuntos, também hierarquizados. A *cultura* por sua vez não é nada mais que o próprio social, mas considerado dessa vez sob o ângulo dos caracteres *distintivos* que apresentam os comportamentos individuais dos membros desse grupo, bem como suas produções originais (artesanais, artísticas, religiosas). (Grifos do Autor)

Tais palavras ratificam o pensamento de Morin (1991), citado anteriormente, e delas podemos apreender que a cultura se encontra no seio da sociedade, implicando-se uma e outra. A estrutura hierarquizada da sociedade gera a hierarquia cultural em cuja ordenação se inserem a cultura da classe dominante, dos intelectuais – a cultura erudita – e a das classes subalternas, dos não-intelectuais – a cultura popular. Ambas mantenedoras das tipologias culturais. É importante lembrar que, além de não ser a única, essa concepção de cultura não implica necessária alienação da cultura popular em relação à erudita. Apesar de

aparentemente polarizante estabelece o conceito de práxis como elemento de transformação das condições e ações coletivas. Na verdade, a noção de cultura popular traz originalmente uma ambiguidade semântica em virtude da polissemia inerente aos elementos linguísticos que a constituem. Não existe unanimidade entre os autores que a usam no tocante à definição de “cultura” e / ou “popular”: ora, cultura popular recupera a noção de folclore, portanto, “tradição”, ora, são noções diversas, e a cultura assume a conotação de elemento transformador.

Em termos de Brasil, a cultura popular assume uma identificação própria, uma autonomia, ou seja, funciona como reação ao imperceptível em relação às estratégias de dominação. Entretanto, ratificando o que dissemos antes, esse fato não nos autoriza julgamento valorativo de uma em relação a outra. A cultura popular tem o mesmo valor que a cultura erudita.

Reconhecendo ser “difícil dar uma definição que seja absolutamente satisfatória de cultura”, Laplantine (2005, p. 120) a considera “o conjunto dos comportamentos, saberes e saber fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através de um processo de aprendizagem, e transmitidas ao conjunto de seus membros”.

É também nessa medida, que se torna impossível dissociar língua, sociedade e cultura; esta enquanto conjunto de hábitos, costumes, ritos sociais, maneiras de ver o mundo, formas de produção e artefatos, formas de expressão e estratégias conversacionais instituídas por uma determinada sociedade considerada um todo organizado de indivíduos que atuam coletivamente e transmitem sua tradição viva, de geração em geração, especialmente, por meio de signos vocais. É esse sentido antropológico de cultura que levamos em conta nesta pesquisa.

Postas estas considerações preliminares, passemos aos Princípios Teóricos da Dialetoлогия, da Sociolinguística, da Etnolinguística, da Lexicologia e da Lexicografia, que fundamentam o nosso trabalho.

2.1 Dialetoлогия

A Dialetoлогия é a ciência que estuda os dialetos e os falares, sistematizando-os e interpretando-os, tendo como objeto a variação diatópica.

Conforme ressaltamos antes, as disciplinas que estudam as variações linguísticas dividem alguns interesses, dificultando a percepção das diferenças entre elas. No que se refere

à Sociolinguística e à Dialectologia, estas se voltam para o estudo da língua em suas modalidades falada e escrita e estabelecem as relações de alguns usos linguísticos com o contexto espacial e social de dados grupos de pessoas. Nesse sentido, Cardoso (2010, p. 26) esclarece:

A dialectologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatos sociais.

Ainda com Cardoso (2010, p. 54), a esses fatos sociais, que se configuram na língua, relacionam-se as variações diastráticas, ligadas à classe social em que está inserido o falante inquirido, ou informante, de uma dada comunidade, à idade (variação diageracional) e ao gênero (variação diagenérica) deste, bem como as variações diafásicas, que se voltam às situações formais ou informais em que se dão os atos de fala.

Em seus estudos sobre a história da língua, Faraco (1991, p. 112) diz entender “por dialectologia o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico”, e acrescenta: “O termo deriva de dialeto, que é a designação tradicional em linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica”.

As opiniões em torno da definição e delimitação de dialeto nem sempre são convergentes. Ora, os conceitos de língua e dialeto coincidem, conforme Whitney, citado por Rector (1975, p. 33); ora, opõem-se, conforme Coseriu (1982, p. 11), para quem “o termo dialeto, enquanto oposto à língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma)”. Para ele (1982, p. 24), o termo dialeto, em sentido específico, deve ser usado apenas em referência às variedades regionais ou diatópicas de uma dada língua.

Na linha coseriana, Dubois et al (2006, p.184) inferem:

O dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua. Empregado correntemente como dialeto regional por oposição a língua, dialeto é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independentemente daquela.

Nesse sentido, Mattoso Câmara (1986, p. 95) registra: “Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são os falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais”. Continuando, ele coloca a seguinte adversativa:

Entretanto, ao conceito linguístico se acrescenta em regra um conceito extralinguístico de ordem psíquica, social ou política [...]. Quando se verificam essas condições extralinguísticas, mas não a coincidência dos traços linguísticos essenciais, já não se têm dialetos, mas línguas diferentes.

Esse linguista (1986, p. 115) considera, ainda, o falar um subdialeto: “Os dialetos são a rigor conjuntos de falares que concordam entre si por certos traços essenciais”.

Sobre o assunto dialeto, Ataliba de Castilho (1972, p. 116) explica:

A variação espacial ou horizontal [...] processa-se numa gradação que vai desde pequenas alterações no foneticismo e no material léxico, sem prejuízo de uma fácil compreensão, até uma diferenciação mais avançada, que atinge também a morfologia e chega a acarretar dificuldades à comunicação. No primeiro caso temos os falares, e no segundo, os dialetos. Quando as pessoas que se servem de falares distintos entram em contacto percebem apenas que procedem de regiões geográficas diferentes. No caso dos dialetos os embaraços à compreensão deixam escassamente entrever um fundo linguístico comum, e isso é tudo.

Acerca de dialetos e falares, Aragão (1983, p. 65) apresenta uma visão mais contemporânea, ao afirmar ser consenso, em meio a estudiosos de Portugal e do Brasil, não haver dialetos em terras brasileiras, mas, sim, falares. “No entanto, a tendência geral, atualmente, é usar os termos dialeto e falares como sinônimos ou parassinônimos”, optando a autora pelo uso de falares ao denominar um de seus trabalhos de “Linguística aplicada aos falares regionais”, parecendo evidenciar sua posição acerca desse assunto.

A gênese dos estudos dialetais datam das últimas décadas do Século XIX, motivados pelo interesse de eruditos pelas manifestações da cultura local ou regional e de linguistas voltados para o registro e a descrição das diferentes variedades linguísticas regionais.

No Brasil, esses estudos vieram à luz com Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, que, em 1826, escreveu a obra *Introdução ao Atlas Etnográfico do globo* (*Atlas Ethnographique du globe*), de Adrien Balbi, sobre diferenças entre o português brasileiro e o português europeu. Considerada a primeira fase dos estudos dialetais brasileiros, esta se estende até 1920 e conta com estudos léxico-semânticos propulsores de glossários regionais e dicionários.

Se ao Visconde da Pedra Branca coube esse pioneirismo, a Amadeu Amaral, segundo Brandão (1991, p. 43), o lançamento da “semente da geografia linguística, como método para conhecimento das variedades dialetais”, com a publicação de *O dialeto caipira*, sobre o falar de São Paulo. Neste trabalho, Amaral considera os dados sob o ponto de vista lexical,

fonológico e morfossintático e, também, orienta no sentido de que o mesmo método fosse aplicado aos estudos das demais regiões, com vistas a uma comparação posterior.

Estava, desta forma, iniciada uma segunda fase dos estudos dialetais brasileiros, que vai até 1952. Nela, destacam-se trabalhos importantes, a exemplo de *O linguajar carioca* (1922), de Antenor Nascentes, autor da primeira divisão dos falares brasileiros, e de *A língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim, sobre o falar de Pernambuco e Alagoas. Esta fase conta, ainda, com outras colaborações sobre o Português brasileiro, tanto no referente à continuidade de estudos lexicais, presentes nos estudos, quanto no tocante aos enfoques fonético-fonológico e morfossintático de algumas regiões do nosso país, bem como às influências do africano em nossa língua. É também em 1952 que o Decreto 30.643, do Governo brasileiro, determinava a elaboração do Atlas linguístico do Brasil, sob a responsabilidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a ser criada.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), esses estudos somados ao já mencionado Decreto direcionaram os estudiosos para a elaboração de atlas linguísticos, iniciando-se, então, a terceira fase dos estudos dialetais no Brasil, que termina, em 1963, com a publicação do primeiro Atlas Linguístico Regional no Brasil: o Atlas Prévio dos Falares Baiano, de Nelson Rossi.

Consensualmente, os linguistas envolvidos nos estudos dialetais decidem postergar a realização de um atlas nacional graças a dificuldades que se impunham, a exemplo da extensa dimensão territorial do nosso País, movendo-se estes para a construção de atlas regionais. E, assim, seguiram-se glossários, vocabulários e dicionários regionais, populares, além de registrarem-se teses, dissertações e outros diferentes estudos acerca dos falares brasileiros realizados sob diferentes perspectivas: fonético-fonológica, léxica, morfossintática e semântica.

Cardoso (2010, p. 143) afirma que um “trabalho gradativo de mapeamento linguístico”

[...] recobre os Estados do Pará, Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, com atlas publicados, a que se somam outros atlas em andamento – São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Acre, Rio Grande do Norte, Ceará (*concluído em 2010*) Maranhão, Pará – além de três teses já defendidas e relativas aos atlas linguísticos do Amazonas, do litoral potiguar (Rio Grande do Norte) e do Rio de Janeiro (microatlas fonético). (Grifo nosso)

Em terras paraibanas, especificamente, em relação aos trabalhos geolinguísticos, entre outros, contamos com o Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984) – de autoria das

professoras Maria Socorro Silva de Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes. Com dois volumes publicados, o ALPB compreende uma rede de 25 municípios. (ALiB, 2013).

Os direcionamentos para a construção do Atlas Linguístico do Brasil foram retomados sob a forma do Projeto AliB em 1996. Ao considerarem as inferências advindas da implantação deste Projeto em relação aos estudos geolinguísticos brasileiros, Mota e Cardoso (2006) propõem uma quarta fase dos estudos dialetais em nosso país com início exatamente em 1996. Ainda com essas autoras (2006, p. 239),

O que se espera dos Atlas Linguísticos, hoje, é que possam dar a imagem real da pluralidade e das inter-relações dos fenômenos da variação. A nova configuração do mundo contemporâneo, a mobilidade social, a distribuição demográfica, entre outros, constituem-se em fatores que exigem um redirecionamento dos caminhos da metodologia dialetal, sem, contudo, quebrar-se a fidelidade ao princípio de que à Dialectologia cabe, prioritariamente, investigar a diversidade diatópica.

Em consonância com tais palavras, atualmente, contamos com a publicação de dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil.

Na opinião de Ferreira e Cardoso (1994, p. 19), pertinentes são as palavras de Silva-Corvalán (1988, p. 8) para quem “A dialetologia é uma disciplina com larga tradição, com metodologia bem estabelecida e uma rica e valiosa literatura. É indiscutível que a dialetologia trouxe contribuição de importância à sociolinguística e à linguística geral”.

2.2 A Sociolinguística

Os estudos sociolinguísticos, segundo Preti (1997, p. 12), desenvolveram-se de forma bastante expressiva nas décadas de 50 e 60 do século XX, nos Estados Unidos, graças, provavelmente, à extensa divulgação dos estudos de Comunicação, Sociologia e Linguística, ao que se soma um conhecimento mais aclarado, aprofundado das obras de Boas, Sapir, Whorf e Bloomfield, precursores das teorias sociológicas da linguagem, ou seja, das teorias que enfocam as relações entre Antropologia, Sociologia e Linguística. Dessa forma, os métodos de que se utiliza a Sociolinguística são também usados pela Linguística, pela Psicologia e pela Sociologia, com o objetivo de obterem dados para a devida descrição e análise dos fatos sociolinguísticos e culturais.

Quanto ao termo Sociolinguística, parece não haver consenso, em meios aos estudiosos, no que se refere a sua criação. Destacamos o que diz Elia (1987, p.17): “O termo “sociolinguística” foi cunhado em 1949 (Sarmiento, 1979:12).* Mas, observa Dell Hymes, só

se vai tornando corrente na década de 1960 (1977:193).” A nota de rodapé (*) puxada por Elia adverte: “No entanto, como se verá adiante (p. 65), Haver C. Currie diz que o termo só apareceu em 1952.” (Grifo nosso)

Na área da Linguística, conforme Alkmim (2004, p. 28), o termo surgiu em 1964, em um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles, sob a organização William Bright.

Independentemente da falta de consenso acima posta, na década de 1960, salvaguardadas as contribuições de outros estudiosos, Labov, nas palavras de Calvet (2002, p.33), “constrói um instrumento de descrição que tenta ultrapassar, integrando-os, os métodos heurísticos da linguística estrutural”. Nasce, assim, a partir de um estudo sobre a centralização dos ditongos em Martha’s Vineyard, ilha de Massachussetts, nos EUA, e de outras pesquisas por ele realizadas a chamada Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa.

Dito de outra forma, foi com Labov [1960], portanto, que a variação linguística se constituiu objeto dos estudos sociolinguísticos, passível de descrição e análise científica. Para ele, todas as línguas naturais apresentam variabilidade e heterogeneidade; intrínsecas são as relações entre os diversos grupos sociais e as variedades linguísticas; nos fatos sociais, compreende-se o processo de mudança, não só em relação às variáveis internas da língua, mas, também, em relação às variáveis externas. Para Labov, citado por Elia (1987, p. 83),

[...] é impossível compreender a progressão de uma mudança na língua fora da vida social da comunidade onde ela se produz. Ou ainda, para dizer de outro modo, que pressões sociais se exercem constantemente sobre a língua, não de algum ponto de um passado longínquo, mas sob a forma de uma força social imanente e presentemente ativa.

É válido lembrar que, se por um lado a mudança resulta de um processo de variação mediante a coexistência das formas envolvidas no processo, de outro, nem todo processo de variação resulta numa mudança diacrônica. Neste caso, a variação é estável e indicadora de diferenças sociais.

Os estudos sociolinguísticos fundamentam-se na variabilidade e heterogeneidade da linguagem. Este campo teórico parte de uma propriedade inerente e funcional: as variáveis linguísticas estão correlacionadas às variáveis sociais que disciplinam seu uso. Nesse sentido, Calvet (2002, p. 102-103) explica:

Temos pois variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social [...]. Uma descrição sociolinguística consiste

precisamente em pesquisar esse tipo de correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos.

Ao definir Sociolinguística, Faraco (1991, p. 115) diz:

Entende-se por sociolinguística o estudo das correlações sistemáticas entre formas linguísticas variantes (isto é, entre diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes.

Percebemos, assim, que a Sociolinguística abarca a língua, a sociedade e a cultura, ou seja, a Sociolinguística se volta efetiva e precisamente para a relação língua e sociedade, sem, contudo, desconsiderar dados culturais e diatópicos, intrinsecamente ligados.

Coseriu (1990, p. 28-29) considera bastante ampla a definição de Sociolinguística, corrente na Linguística, como ‘o estudo da linguagem em relação com o contexto social (ou com a estrutura social das comunidades falantes)’ e, a seguir, diz ser conveniente, enquanto disciplina linguística e não sociológica, limitá-la “ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades”.

Ao tratarem das relações língua e sociedade, existem autores que distinguem, terminologicamente, sociolinguística e sociologia da linguagem. Nesse sentido, Coseriu (1990, p. 35) argumenta:

[...] se o que se estuda é a linguagem mesma, as diferenças linguísticas em relação à estratificação social, o que se faz é sociolinguística propriamente dita ou ‘linguística sociológica’, para a qual a sociologia é somente disciplina auxiliar, no sentido de que as categorias desta são utilizadas apenas como base de referência. Se, ao contrário, o objeto de estudo é o contexto social, as relações sociais como tais, se se comprova quem fala um tipo x de linguagem (que não se estuda como tal) e quando o fala e, portanto, se examina o ‘status’ desse tipo x na comunidade (ou seja, este mesmo tipo como atributo de tal ou qual categoria social), se faz sociologia da linguagem, disciplina para a qual a linguística é somente auxiliar.

Por sua vez, Calvet (2002, p. 143) conclui ser necessário que a abordagem dos fatos linguísticos seja compreendida como um extenso *continnum*, após fazer o seguinte comentário:

[...] o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social sob seu aspecto linguístico. [...] não há mais possibilidade de distinguir entre sociolinguística e linguística, e ainda menos entre sociolinguística e sociologia da linguagem.

Existem, assim, autores indiferentes a esse impasse terminológico, que usam os termos sociolinguística e sociologia da linguagem indistintamente. É sabido que se trata apenas da

ênfase dada a uma ou a outra, isto é, à língua ou à sociedade, uma vez que tanto a Sociologia da Linguagem quanto a Sociolinguística estudam as relações língua e sociedade.

Em qualquer comunidade de fala, as variedades linguísticas passam por um julgamento social por parte dos falantes. É uma noção valorativa preconceituosa: umas são consideradas “inferiores” em relação a outras. Os estudos sociolinguísticos têm tentado desmitificar tal noção ao explicarem, na adequação da linguagem à situação de uso, a valoração positiva das variedades linguísticas marcadas por fatores de natureza sociais e culturais.

Podemos entender, assim, por que Preti (1997, p.15) infere: “Difícil seria estabelecer uma diretriz única, fixa, na abordagem dos problemas que envolvem a relação língua/sociedade, seja à luz da sociolinguística, seja à luz da etnolinguística”.

2.3 A Etnolinguística

Germinada, em fins do Século XIX, a partir dos estudos antropológicos de Boas e de seu discípulo Sapir, a Etnolinguística pode ser compreendida como a disciplina Linguística que estuda a relação língua e cultura.

De acordo com Sapir (1969, p. 20), “a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa.” Isso significa que a língua tem o seu princípio no mundo social e só depois age na forma pela qual a sociedade conhece o mundo, e apenas o léxico de uma língua deve ser o organizador da experiência do povo.

Numa direção diferente, o discípulo de Sapir, Whorf, citado por John Carrol (1973, p. 57), entende ser a gramática o fio condutor da modelagem do pensamento. Para ele,

[...] o sistema linguístico de fundo (em outros termos, a gramática) de cada língua não é um mero instrumento de reprodução para exprimir ideias, mas ao contrário, é ele próprio o modelador de ideias, o programa e o guia para a atividade mental do indivíduo, para a sua análise de impressões, para a sua síntese do seu estoque mental em transição.

Essa diferença de pensamento, contudo, não rouba o mérito das pesquisas realizadas por esses estudiosos em tribos ameríndias, ao contrário, torna-se complementar no estudo das relações língua, sociedade e cultura, campo teórico da Etnolinguística.

Considerando amplas as definições dadas pelos linguistas para as disciplinas que tratam dessa relação, ou seja, de Sociolinguística, cuja definição já foi apresentada, e de Etnolinguística como ‘o estudo da linguagem em relação com a civilização e cultura das

comunidades falantes’, Coseriu (1990, p. 36) propõe que esta, enquanto disciplina linguística e não etnológica, seja limitada “ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura” e infere:

[...] se o objeto de estudo é a linguagem, se se trata dos fatos linguísticos enquanto determinados pelos ‘saberes’ acerca das coisas, faz-se etnolinguística propriamente dita ou linguística etnográfica; se, ao contrário, o objeto de estudo é a cultura, se se trata dos “saberes” acerca das “coisas”, enquanto manifestados pela linguagem (e da linguagem mesma como uma forma da cultura entre outras e conjuntamente com outras) faz-se etnografia linguística (e, em sentido mais limitado, tratando-se só da linguagem como manifestação cultural, etnografia da linguagem).

Assim, Coseriu (1990, p. 29) apresentou três diferentes planos linguísticos para cada disciplina: 1) o plano do falar em geral, cabendo à Etnolinguística o estudo da linguagem delineada pelo conhecimento universal do mundo; 2) o plano das línguas, em que essa disciplina, além de se voltar para os fatos linguísticos determinados pelos ‘saberes a cerca das coisas’ e da estratificação social das comunidades, bem como acerca da própria linguagem enquanto fato ‘real’, volta-se, também, no sentido diacrônico, para as mudanças linguísticas correlacionadas às mudanças na civilização e na cultura; 3) o plano do discurso, cujo objeto da Etnolinguística são a tipologia e a estrutura dos discursos determinados pela cultura de uma dada comunidade. Neste plano, Sociolinguística e Etnolinguística se aproximam ou até coincidem, apenas, os pontos de vista diferem.

Desse modo, considerando os estudos linguísticos realizados numa perspectiva geo-antropo-sociocultural, bem como os diferentes subsistemas linguísticos, podemos dizer, com Vilela (1995, p. 16), que o léxico de uma língua é um “diassistema”, em que

[...] as palavras de todos os dias convivem com as palavras dos especialistas, as palavras da língua falada (ou estilo coloquial) vivem lado a lado com as palavras da língua escrita (ou estilo refletido), as palavras ‘velhas’, ainda de uso corrente, coabitam com arcaísmos e neologismos. [...] Há também o chamado ‘jargão’ das variedades funcionais-contextuais.[...]. Há variedades geográficas e variedades sociais.

Preti (1997, p. 24 - 25) estuda a variabilidade linguística mediante um paradigma horizontal, onde se alocam os elementos linguísticos construcionais similares, responsáveis pelos regionalismos provenientes de falares locais; movem à “oposição fundamental linguagem urbana / linguagem rural”. Tais elementos são denominados por ele de variedades “geográficas ou diatópicas” e manifestam-se numa linguagem, hipoteticamente, comum do ponto de vista geográfico, já que as variedades do outro paradigma, o vertical, as “socioculturais ou diastráticas” – motivadas por fatores como escolaridade, idade, sexo, raça

ou cultura, posição social, classe econômica, lazer, religião e a própria ociosidade, portanto, diretamente ligadas à identidade sociocultural dos falantes – exercem papel determinante de nivelamento. A estas se vinculam, pelo menos, duas variedades linguísticas: a culta e a popular, nem sempre tão claramente distintas no nível lexical quanto o são as conduzidas pelas influências geográficas. A variedade culta, geralmente, é mais conservadora, mais presa às regras da gramática normativa, a exemplo da linguagem escrita e da literária, enquanto a popular é mais franca às alterações da linguagem oral do povo, por isso, mais espontânea, mais afetiva, mais natural, portanto, essencialmente mais expressiva.

Nas palavras de Biderman (1978, p. 161), “os usuários da língua [...] *inventam* novos matizes metafóricos e metonímicos para palavras velhas, ou *inventam* novas formas que eles julgam corresponder melhor àquilo que pretendem dizer”. (Grifo nosso)

Retomando Preti (1997, p. 24 - 25), não de se considerarem, ainda, as variedades “situacionais”, que dizem respeito, unicamente, às circunstâncias em que os atos de fala se realizam e às relações que unem os interlocutores durante o processo interativo. Delas resultam os registros ou níveis de fala “formal e coloquial (ou informal)”, pressupondo a adequação do uso linguístico a essa situação.

Enfim, as ponderações apresentadas encontram eco, ainda, nas seguintes palavras de Biderman (1978, p. 80): “[...] todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga”.

Na perspectiva do exposto e considerando o cunho lexicológico e lexicográfico de nosso trabalho, necessariamente, reservamos o próximo item à Lexicologia, à Lexicografia e à Lexicografia regional – ciências que estudam o léxico –, iniciando-o com alguns esclarecimentos sobre o que vem a ser léxico e as unidades que o constituem.

2.4 Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Lexicografia Regional

2.4.1 Léxico / Léxico Regional

O léxico, numa perspectiva cognitivo-representativa, é o subsistema linguístico mais rico e mais dinâmico, pois é o primeiro a configurar a realidade extralinguística e a arquivar o saber linguístico de uma dada comunidade. Os membros de uma comunidade linguística se comunicam entre si por meio de um conjunto de palavras que chamamos de léxico. Numa ou

noutra perspectiva – cognitivo-representativa ou comunicativa –, o léxico sempre codifica um saber partilhado.

Ao definir léxico, diz Barbosa (1981, p. 120):

O léxico, cujas formas exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico – sua civilização; e compreende-se, pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja o reflexo, não raras vezes, de alterações culturais.

Em outros termos, Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9) inferem que “[...] o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento.” Ainda segundo as referidas autoras, “[...] na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura”.

Sendo essa realidade extralinguística complexa e dinâmica, o léxico da língua que uma dada comunidade usa em seus atos de fala também o é, não podendo, pois, ser visto como um todo de nomenclaturas, mas, sim, como subsistema linguístico aberto à efemeridade do mundo e das coisas, à história e ao devir. “A codificação da língua no léxico”, afirma Vilela (1995, p. 78), “é tanto uma sintaxe como uma semântica, como um gerador de textos e ainda um produto de normas e repositório dessas normas, em que o social e o cultural se complementarizam”.

À medida que, em seus atos de fala, os membros de uma comunidade linguística, social e culturalmente organizada atribuem conotações particulares às unidades léxicas de significação externa – lexemas – podem agir sobre a estrutura do Léxico, modificando os campos de significação das palavras, perpetuando-os e/ou transformando-os. Essa tensão – indivíduo e sociedade – em movimento, comentada por Biderman (1978, p. 139), dá origem ao Léxico, que garante a sobrevivência da língua dessa mesma comunidade. Vale lembrar que essa inovação lexical não se dá aleatoriamente, senão mediante processos de criação dentro da própria língua, dos quais resultam as inovações formais e conceptuais, bem como pelo processo de adoção e adaptação de um termo estrangeiro, determinado por fins de natureza cultural, estética e funcional.

Em síntese, podemos dizer que o universo conceptual é um sistema organizado de categorias léxico-gramaticais cujos modelos de categorização são arbitrários, portanto, específicos de cada cultura e, ainda, de modo mais abrangente, considerar o Léxico como

patrimônio vocabular de uma comunidade linguística constituído ao longo da história dessa mesma comunidade.

Nessa perspectiva, razões históricas e a grande extensão territorial brasileira justificam o fato de em nossas terras o homem ter demarcado espaços físicos com características político-econômicas locais adequadas ao convívio social, criando, desta forma, modos de vida próprios, ou seja, as culturas regionais, bem como a própria norma, a tradição continuada e reiterada nos hábitos linguísticos dessas comunidades. De outra forma, das relações do homem com o meio e atendendo às necessidades de comunicação e interação fluíram saberes linguísticos e não-linguísticos, que configurados nos falares das respectivas populações constituem o chamado léxico regional, ou cultural, estabelecendo, assim, diferenças entre os falares das regiões Norte, Sul, Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste.

Para Isquierdo (2001, p. 91), “o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo.”

Observado em suas distintas realidades, o léxico regional não é muito extenso. Por vezes, os chamados regionalismos originam-se das nuances especiais que os falantes dão a unidades lexicais já existentes na língua; às vezes, são arcaísmos que ficaram restritos a determinadas regiões, onde os meios de comunicação de massa não chegaram, cujo uso caracteriza-o como pertencente a uma determinada norma parcial (regional). Embora evidencie as singularidades de tais realidades, graças ao contato humano, o léxico pode mover-se de uma região a outra, ou mesmo dentro dela, levando-se em conta os Estados e/ou respectivas mesorregiões, a exemplo de “ganhar o brejo” = fugir, comum aos Estados do Ceará, do Maranhão (Cf. Nascente: 1986, p. 38) e da Paraíba (Cf. Almeida: 1984, p. 95), portanto, expressão e conteúdo inalterados; e, ainda, desmaio = “turica”, na Paraíba (Cf. Almeida: 1984, p. 177), “cangolé”, em Alagoas (Cf. Medeiros: 2005, p. 25) e “acidente”, em Santa Catarina (Cf. Alexandre: 1994, p. 10), em que o mesmo conteúdo se apresenta em distintas expressões. É oportuno observar que o grau de dinamicidade da língua não é determinado pela extensão territorial maior ou menor, visto ser-lhe este atributo inerente quando de sua realização.

O léxico de uma língua pode ser estudado sob diferentes pontos de vista; no mínimo, quanto à sua estrutura e quanto ao seu conteúdo semântico. Desta forma, é fundamental a abordagem acerca das unidades que estruturam o léxico – lexias.

2.4.2 As Unidades do Léxico: lexias

Acerca das unidades significativas do léxico muitas discussões foram geradas, no entanto, não nos contempla esmiuçá-las neste ponto. Apenas consideramos que, ao se compararem as ponderações sobre o assunto “palavra”, inúmeros critérios foram adotados pelos linguistas, que lhe atribuíram denominações várias – morfema, lexema, palavra léxica, lexia – sem, contudo, deixarem de usá-la, visto ser o conceito “palavra” no universo linguístico o que lhes interessa.

Para Barbosa (1978, p. 118), a lexia é “um nível de signo linguístico bastante elaborado, não só para o estudo das estruturas de uma língua e a definição de sua tipologia, como também para abordagem de um universo de discurso, de um texto ou para o exame do universo léxico de um autor”.

Nesse sentido e considerando o objeto de estudo deste trabalho, direcionamos nossa atenção para os estudos do linguista Pottier (1967; 1972; 1978; 1983), a quem devemos o termo “lexia”. Neles, Pottier chama de morfema a unidade mínima de significação, distribuindo-o em lexemas, os morfemas de base conceitual pertencentes ao léxico, e gramemas, os indicadores de função pertencentes à estrutura interna da língua, isto é, os gramaticais. Reconhece, ainda, as unidades formal e funcional da língua. A primeira relaciona a união de elementos e constitui-se de lexemas e gramemas ou, apenas, de gramemas. Essa “unidade mínima construída” é denominada por ele de palavra, cuja definição e reconhecimento devem-se verificar conforme uma sequência combinatória em cada língua. A segunda, chamada de lexia, é uma “unidade lexical memorizada” caracterizada pela relação entre o elemento e a classe. Pottier a define como “unidade de comportamento” resultante de hábitos associativos, e propõe que nela se reconheça a unidade lexical.

Assim sendo, entendemos que o linguista francês admite teoricamente ser o lexema, nas estruturas, o *determinatum* da palavra.

Do ponto de vista morfossintático e léxico-semântico, as lexias podem constituir-se de um único lexema (monolexemática), ou de uma sequência de lexemas (polilexemática). As lexias são classificadas por Pottier em simples, compostas, complexas e textuais.

São simples as lexias formadas por um único lexema, coincidindo, portanto, com o que a gramática tradicional chama de palavra simples ou derivada, a exemplo de “árvore”, “entre”, “agora”.

Se uma lexia simples combina com outra, ou outras, também, simples, gera uma nova lexia chamada de composta cujo significado é resultante da integração semântica daquelas:

“primeiro-ministro”, “mata-burro”, “guarda-roupa”. Em termos gráficos, as lexias que constituem a lexia composta se apresentam ora aglutinadas, como em morfossintaxe, ora hifenizados de acordo com os exemplos aqui citados, formando uma sequência ininterrupta de sinais gráficos.

A lexia complexa constitui-se de duas ou mais lexias simples ou compostas e, às vezes, conta com a presença de “gramemas”, com a função de relatores. Os constituintes lexicais e gramaticais da lexia complexa, comumente, apresentam-se graficamente separados por espaços brancos: “pé de cabra” (= ferramenta), “estado de sítio”, “mortalidade infantil”, “dar a mão” (= ajudar), mas podem apresentar-se hifenizadas: “recém-nascido” e “mesa-redonda”.

O uso frequente da lexia complexa na língua termina por torná-la, mediante um processo de lexicalização em diferentes níveis, numa construção “estável”. O próprio Pottier (1972, p.27) diz que “as lexicalizações supõem uma combinação frequentemente realizada no discurso”.

Para efeito de compreensão e delimitação dessa estrutura complexa é necessário, portanto, que esta seja observada não só do ponto de vista fonológico e morfológico, mas, ainda, do sintático, semântico e pragmático, visto ser somente no contexto que, por vezes, tais lexias se delimitam.

Quanto à textual, nas palavras de Pottier (1978, p. 269), esta é “a lexia complexa que atinge o nível de um enunciado ou de um texto”, ao que se incluem, além de outras, provérbios, ditados: “quem tudo quer, tudo perde”.

Ao se referir a essa tipologia de unidade lexical, Barbosa (2001, p. 50) diz: “Como sabemos, as lexias textuais são enunciados cristalizados – ditados, provérbios, refrãos, etc. – que tiveram origem em combinatória livre que lhes é subjacente, e que, no estágio atual, são unidades memorizadas, em combinação fixa”.

Se considerarmos a perspectiva da gramática normativa, as lexias classificam-se em lexicais – substantivo, adjetivo e verbo – ou gramaticais – determinantes, quantificadores, relatores e seus equivalentes.

Na ótica de Biderman (1996, p. 33),

[...] o termo lexia, proposto por Pottier, é bastante útil, sobretudo por ser um termo técnico, e não correr o risco de ser maculado com as conotações discursivas, que podem gerar a ambiguidade encontrada em palavra e/ou vocábulo. Assim, no plano da língua, o termo lexema refere a unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos lexemas devem ser referidas tecnicamente como lexias.

Em consenso com os estudos de Pottier citados, procedemos à análise dos quatro tipos de lexias aqui apresentados, que, em seus aspectos léxico-semânticos, denotam e/ou conotam marcas culturais e/ou sociais de uma estrutura econômica e politicamente definida na região nordestina contextualizada nos limites das obras em estudo cujo léxico, nessa perspectiva de análise, apresenta-se descrito no glossário fim desta tese. Portanto, a base de nosso trabalho encontra-se na Lexicologia, na Lexicografia, à qual se inclui a orientação dialetal, ou Lexicografia regional.

2.4.3 Da Lexicologia, da Lexicografia e da Lexicografia Regional

A Lexicologia e a Lexicografia são ramos da Linguística que se voltam para o estudo e a sistematização do léxico e têm como objeto as unidades do universo lexical.

Nas palavras de Biderman (1998, p. 9 - 10), a Lexicologia “ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico”, e a lexicografia “está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas”.

Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1982, p. 92 - 93) chamam de lexicologia a descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade de um sistema individual ou de um sistema coletivo. Dentro do campo da lexicologia, chamam de “morfologia léxica” se se tratar somente das regularidades formais referentes aos significantes e de “semântica léxica” se se tratar de regularidades nas relações do léxico com outros fatores da comunicação linguística, especialmente, com o conteúdo dos significantes. Reservam o termo lexicografia para todo o domínio da descrição léxica que se concentra no estudo e descrição dos “monemas e sinmonemas” individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas linguísticos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos. Dizem, ainda, não conceberem uma lexicologia que não considere os dados lexicográficos, e comentam sobre as facilidades no cumprimento das tarefas lexicográficas quando se leva em conta os enfoques lexicológicos, assinando, com tais palavras, a interação lexicologia-lexicografia.

Pensando de forma semelhante, Vilela (1994, p. 11) distingue uma de outra dizendo que lexicografia é “o estudo da descrição da língua feita pelos dicionários, a elaboração de dicionários como aplicação dos dados da lexicologia”, portanto, uma técnica, e afirma ser objeto da lexicologia “o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua,

incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações”. Em outras palavras, a Lexicologia tem como objeto a morfologia e a semântica lexicais. É nessa perspectiva, portanto, que o autor assenta a chamada Semântica linguística.

Considerando o domínio da Lexicologia e a interatividade entre esta e a Semântica, esse estudioso (1994, p. 10) infere: “entendemos e analisamos a lexicologia como semântica lexical”.

A semântica lexical compreende o estudo das unidades lexicais e de seus equivalentes, em três níveis: o da “*langue*”, o da “*norma*” e o da “*parole*”.

No nível da “*langue*”, as unidades lexicais se configuram como unidades funcionais. É nesse nível que se dá a sistematicidade dessas unidades. De outra forma, é na língua que se verifica com sistematicidade as relações e inter-relações lexicais – campos e classes lexicais, sinonímia, antonímia, hiponímia, além de outros fenômenos léxicos e semânticos; no nível da “*norma*”, situa-se o que é socialmente estabelecido por uma dada comunidade e por ela usado, independentemente, de ser ou não funcional ou distintivo; e no nível da “*parole*”, o que é inerente ao discurso concreto, a designação ou a relação com o extralinguístico.

Além das relações entre a Lexicologia e a Semântica serem estreitas, visto que a análise lexical examina a palavra como um todo, ou seja, não só em seus elementos estruturais mas também em seus conteúdos semânticos, ressaltem-se, ainda, as relações entre a Lexicologia e a Sintaxe justificadas no fato de ambas considerarem a unidade lexical em sua ordenação nas frases.

Com efeito, a unidade lexical constitui-se, conforme Barbosa (1991, p. 182 - 184) “um nível de articulação morfo-sintático-semântico bastante complexo”, e proporcional a essa complexidade são as “numerosas tarefas” da Lexicologia, dentre elas, “analisar as relações do léxico com os universos natural, social e cultural”; “abordar a palavra como instrumento de construção e de detecção de uma visão de mundo, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais”; “analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras” – convergentes para o nosso intento.

Os estudos lexicológicos têm uma longa tradição. Remontam à gramática e à filologia tradicionais e até mesmo à Antiguidade, quando já se questionava sobre a origem da palavra e relevantes observações no que diz respeito ao emprego e ao sentido desta foram feitas. Aristóteles, por exemplo, foi quem primeiro definiu a palavra como unidade significativa da fala e observou que, mesmo isoladas, algumas delas preservavam seus significados, ao passo que outras constituíam-se palavras funcionais – provavelmente, ele já fazia referência ao inventário aberto e fechado da língua. Outro exemplo a citar é Demócrito, para quem uma

mesma palavra podia comportar mais de um sentido e, inversamente, uma única ideia podia ser expressa por uma só palavra. Contudo, somente no século XX, à Lexicologia foi conferido o estatuto científico. Dois fatos determinaram essa cientificidade: 1) os postulados de Saussure, que afirmava ser o vocabulário um nível plenamente sistemático, e o sentido de uma palavra puramente negativo, pois a palavra está integrada num sistema de relações e seu real significante resulta das delimitações que lhe são impostas por esse sistema, portanto, pode ser estudada numa estrutura conformada nos eixos paradigmático – das relações virtuais existentes entre as diversas unidades da língua, que pertencem a uma mesma classe morfossintática e/ou semântica – e sintagmático – das relações entre duas ou mais unidades, que aparecem na fala; e 2) a consequente inserção da disciplina Linguística nos cursos de Letras em busca da restauração do significado através da teoria dos campos lexicais, já chamados por Saussure de campos associativos.

A legitimidade da Lexicologia foi bastante questionada em meio aos pesquisadores, que lhe achavam o objeto assistemático: era fundamental distinguirem-se as unidades significativas constituintes do léxico e considerá-lo, além de o conjunto dos vocábulos do falante de uma língua, numa perspectiva cognitivo-representativa, a materialização da experiência interiorizada no saber da comunidade linguística desse falante por meio das palavras, portanto, um elemento móvel com possibilidade infinita de expansão, consequentemente, difícil de receber um tratamento sistemático.

Conforme já dissemos, as discussões em torno da delimitação e definição da palavra não eram consensuais. Nesse sentido, interessa-nos registrar as palavras de Biderman (1978, p. 85), que, respaldando-se nas ideias whorfianas acerca do relativismo linguístico, argumenta: “Se cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto.” E afirma ser entre os morfemas e sintagmas que se delineiam os contornos formais da palavra.

Com estatuto científico reconhecido, a Lexicologia passa a aplicar métodos e técnicas de análise e descrição de diferentes e sucessivas correntes da Linguística contemporânea. Sem entrarmos nos meandros de cada uma delas, podemos dizer que, em sua trajetória científica, a Lexicologia germina do método fonológico estrutural, aplica o chamado “estruturalismo clássico”, considera algumas propostas do gerativismo-transformacional e chega, finalmente, às atuais teorias relativas à linguagem humana, à semiótica e à semiologia.

Além desse estudo científico do léxico, numa outra perspectiva, situa-se a Lexicografia: disciplina científica, do campo da Linguística Aplicada, voltada para os aspectos teóricos e práticos da produção de obras lexicográficas.

Aos lexicógrafos cabe a classificação das lexias de uma comunidade social-linguístico-cultural, mediante critérios e normas específicos da Lexicografia.

Os produtos lexicográficos, por eles realizados, apresentam-se de formas bastante variadas, ordenando o léxico total ou parcial de uma língua: thessaurus; vocabulários; dicionários – monolíngues; bilíngues, ou plurilíngues; de sinônimos; de regionalismos –; glossários, entre outras.

Para Vilela (1995, p. 78), o dicionário é

[...] o conhecimento genérico culturalmente partilhado por uma comunidade linguística e codificado no léxico, ou é a codificação desse saber, concebido de forma estática, em suporte papel ou eletrônico, arquivando esse saber e que pode ser consultado por pessoas ou por máquinas.

E o glossário (1995, p. 14), “o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época”.

Biderman (1984a, p. 139) entende glossário como um “pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê”. E nos diz em outro trabalho (2003, p. 52-53) que “o dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua”.

A prática lexicográfica, assim como os estudos lexicológicos, não se constitui empresa recente. Se voltarmos aos primeiros tempos da escrita, vamos encontrar latinos medievais que buscavam auxiliar nas leituras de textos bíblicos e da Antiguidade clássica explicando o sentido das palavras e/ou expressões de difícil compreensão por meio de ‘glosas’ – explicações marginais ou interlineares –, que se postas em ordem alfabética eram chamadas de glossário. No entanto, não poderíamos atribuir a esse fazer a feição que a lexicografia tem hoje. Uma autêntica lexicografia inicia-se somente em tempos modernos, entre os séculos XVI e XVII, com a elaboração de dicionários bilíngues e monolíngues, respectivamente. Nesse sentido, em resenha do texto de WELKER (2004), Matos, (2004, p.1) tece o seguinte comentário:

[...] o termo lexicografia começa a aparecer sob forma escrita em línguas modernas a partir do século XVI, por volta de 1520. Mais antigo do que ele? **Glossário**, cuja estreia escrita se deu a partir de 1350. Mas, e o termo **léxico**? Surge quase no fim do século XVI, ou, mais precisamente, em 1595.

Ao encontro de tais palavras, Biderman (1984b, p. 2) explica que a “verdadeira lexicografia” teve seu início no Renascimento, momento em que o mundo europeu abria-se à criação de novas “nações-estado” e, nessa perspectiva, o homem ampliava o seu horizonte cultural, tornando-se imperiosa a aprendizagem das línguas europeias mais faladas no cenário europeu do século XVI, como instrumentos fundamentais aos diálogos entre as novas “nações-estado” daquele Continente. Surge, então, o interesse pelos dicionários bilíngues, que se multiplicaram na Espanha, na França, na Itália, em Portugal. No século XVII, o fazer lexicográfico experiencia aperfeiçoamento paulatino, com seus dicionários monolíngues. Enquanto produtos lexicográficos, segundo Vilela (1995, p. 217), os dicionários gozam de “prestígio social e prestigiam quem os possui”. Bastante difundidos mundialmente, representam o papel “de autoridade na língua.”

Se a “verdadeira lexicografia” desenvolve-se e aperfeiçoa-se entre os séculos XVI, XVII, sua consolidação se inicia apenas no século XX, quando as obras lexicográficas passaram a constituir-se objeto de estudo da linguística moderna. Segundo Seabra (2011, p. 29-30), as sementes para o novo entendimento da lexicografia foram lançadas na Espanha, por Pida (1945) e Cesares (1950), e começaram a germinar a partir de um congresso na Universidade de Indiana nos Estados Unidos da América (1960), do qual participaram lexicógrafos e linguistas. No final do século XX, a lexicografia já se mostra dividida em lexicografia prática – definida como técnica (e prática) de organizar dados para dar forma a dicionários e outros tipos obras lexicográficas – e lexicografia teórica, ou metalexicografia – que trata dos princípios que fundamentam a descrição do léxico total ou parcial de uma dada língua. Ainda com Seabra, “Contemporaneamente, acredita-se que essas duas vertentes se complementam, e a Lexicografia [...] se insere, portanto, no domínio da linguística aplicada.” Enfim, após o longo percurso do fazer lexicográfico, somente em tempos contemporâneos, a Lexicografia foi reconhecida como ciência.

No âmbito do Brasil, segundo Biderman (2001, p. 17) “[...] um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos” encerra um fato muito recente.

Conforme sua trajetória, a Lexicografia se expande e, sob a influência dos estudos desenvolvidos pela Dialetoлогия e pela Etnolinguística, surge a Lexicografia dialetal, ou regional, com a função de fazer o registro das variantes linguísticas de um país e/ou de regiões. Considerando-se contextos históricos e políticos, para europeus, em tempos de descobrimentos e conquistas; para nós, brasileiros, surge no afã pela nossa identidade, pela nossa afirmação nacional, portanto, como forma dessa afirmação.

Nesse sentido, é bom lembrar que, embora desde o século XIX se verifique o interesse de estudiosos pela descrição da língua portuguesa falada no Brasil, a citar: Antonio Álvares Pereira Coruja – *Colleção de Vocábulos e Frases usadas na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul*, publicado no Brasil (1852), na *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro* e, em Londres (1856), por Trübner e Comp.; e Beaurepaire-Rohan – *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, (1889) –, foi o século XX que assistiu a grandes debates entre escritores, poetas, lexicólogos, gramáticos, filólogos, dialetólogos, dentre os quais, conforme vimos, uns se voltaram para a recuperação da língua falada pelo povo, aos aspectos da oralidade, apontando, desde então, para a questão dos regionalismos, a exemplo de Amaral, de Nascentes, além de outros já citados neste trabalho e de tantos outros – para não sermos exaustivas nem repetitivas em citações –, que se dedicaram ao estudo dos falares em diferentes regiões brasileiras, quer na elaboração de atlas, quer de dicionários, vocabulários e glossários.

Compreendemos que, apesar de muito já se ter feito em relação ao estudo dos regionalismos, faz-se, ainda, necessária uma vasta descrição da norma lexical atualizada nas diferentes regiões brasileiras, pautada nos aspectos histórico-social da linguagem, visto ser na ambiência de um grupo social que se dá a instauração da norma, podendo esta se propagar ou ficar restrita a determinados espaços geográficos, subordinada que está às características socioculturais desse grupo. Só assim, evita-se o equívoco de se configurar um fato linguístico como regional sem o ser.

Na opinião de Frubel e Isquardo (2004, p. 153),

[...] a constituição de dicionários, glossários e vocabulários de cunho regionalista pode contribuir para o registro e a descrição de particularidades lexicais, uma vez que possibilitam, sobretudo por meio de estudos contrastivos, a verificação de ocorrência ou não de determinadas variantes em diferentes regiões do País.

Observando as palavras desses autores e considerando que a nossa proposta de tese consiste na elaboração de um glossário de cunho regional/popular, achamos pertinente ressaltar que essa classificação tipológica das obras lexicográficas em dicionário, vocabulário e glossário nem sempre são convergentes. O fato de algumas obras se apresentarem mistas, ou seja, trazerem em si características de diferentes tipos lexicográficos, e mesmo por alguns autores denominarem suas obras arbitrariamente são, geralmente, citados como gênese da dificuldade em se criar critérios rigorosos de classificação.

Segundo Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1982, p. 95 - 103), nem sempre é possível se estabelecerem critérios rigorosos de classificação, tanto por problemas teórico-linguísticos quanto pela influência de fatores históricos e culturais sobre tais trabalhos lexicográficos. A classificação, na opinião desses autores, deve partir da história da lexicografia, dos trabalhos lexicográficos existentes e de critérios teórico-linguísticos e pragmáticos.

Quanto aos critérios linguísticos, esses autores consideram fundamentais: 1) os distintos modos de ser da língua, mediante os quais os glossários, os dicionários ou vocabulários de obras literárias, por vezes de outros textos, constituem-se codificações de discursos individuais, ao passo que os thesaurus, codificações de discursos coletivos; e 2) os distintos enfoques da descrição linguística, para os quais, dentre outros, os autores apontam dicionários semasiológicos e onomasiológicos como dicionários de uso.

No que se refere aos critérios histórico-culturais e práticos, retomamos a definição das mencionadas ‘glosas’ para, fundamentadas em Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1989, p. 106), afirmar que na lexicografia atual o termo glossário é usado em referência: 1) à compilação de palavras e/ou expressões que tem o fim de explicar um texto dialetal, medieval, clássico, a obra de um autor, além de outros – acepção que contempla nosso trabalho –; e 2) à compilação de palavras, muitas vezes de termos técnicos, o que, praticamente, o afasta da possibilidade de ser exaustivo, podendo ser monolíngue ou plurilíngue.

Com base na abordagem desses teóricos (1982), as obras lexicográficas apresentam características que as diferenciam, estruturando-se cada uma a partir do enfoque, organização e finalidade definidos pelo autor.

Assim, dicionários e glossários de cunho regional, acima comentados por Frubel e Isquierdo, de um lado assemelham-se como resultados do trabalho de compilação, classificação e ordenação de lexias próprias do falar característico de uma região. Além das informações linguísticas, explicam aspectos socioculturais e geográficos dessa comunidade; ambos ordenam um léxico parcial, relativamente à língua nacional; de outro, distinguem-se pelo fato de o dicionário contemplar essa parte do léxico de uma língua de forma mais totalizante, ou seja, o léxico regional, hipoteticamente, total de uma ou de diferentes regiões no contexto de um país, e o glossário codificar, em geral, uma parcela menor desse universo lexical, podendo ter como objeto, além de outros, o léxico particular de um autor, caso que diz respeito ao falar concreto, ao discurso particular realizado. Deste modo, o glossário é sincrônico – compila fenômenos linguísticos que se apresenta em um determinado tempo –, sintópico – por ser representante linguístico de um espaço geográfico (região) –, sinstrático –

por representar fenômenos linguísticos verificáveis em todas as camadas socioculturais –, e sinfásico – por representar a relativa uniformidade no estilo ou no aspecto expressivo dos falantes de uma língua, em relação a diferentes situações ou estilos de língua. É nesse patamar que o Glossário do léxico regional/popular de Graciliano Ramos, aqui proposto, enquanto produto lexicográfico elaborado mediante recursos teórico-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia / Lexicografia dialetal, se insere.

À luz dos Princípios Teóricos aqui postos, passemos, então, à metodologia adotada para a efetivação deste trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico do trabalho que ora apresentamos define-se nas seguintes etapas: pesquisas bibliográficas; o universo da pesquisa (as obras de Graciliano); o escritor Graciliano Ramos (pequena biografia); levantamento dos dados para a elaboração do *corpus*; preenchimento de fichas lexicográficas a partir dos dados coletados; delimitação do acervo do glossário; e organização do glossário, segundo orientações teórico-metodológicas da lexicologia e da Lexicografia/Lxicografia regional e em consonância com os demais fundamentos teóricos até então apresentados e reelencados no item que se segue.

3.1 Pesquisa Bibliográfica

Tendo em vista que o fim maior desta investigação reside na organização de um glossário do léxico regional/popular de Graciliano Ramos, a partir das obras *Caetés*, *Vidas Secas* e *São Bernardo*, à luz dos recursos teórico-metodológicos da Lexicografia, enquanto técnica de estruturação de um léxico/dicionário/vocabulário/glossário, inicialmente, efetivamos a leitura das obras selecionadas com vistas às lexias simples, compostas, complexas e textuais regionais/populares evidenciadas nas falas do narrador e/ou personagens, bem como aos seus respectivos contextos de atualização. Efetivamos, ainda, leituras de trabalhos publicados sobre o autor e suas obras, ao que se incluem entrevistas, jornais, dissertações, teses e artigos. Em seguida, dada a perspectiva de análise selecionada ser geo-sócio-etnolinguística, valendo-nos de autores consagrados citados no decorrer do capítulo I, realizamos leituras nas áreas da Dialetoologia, da Sociolinguística, da Etnolinguística. Prosseguindo, pela natureza essencialmente lexicológica e lexicográfica do nosso trabalho, passamos às leituras das disciplinas no âmbito do léxico: Lexicologia, Lexicografia / Lexicografia regional e Semântica, uma vez que estas disciplinas se voltam para a descrição semântica das palavras. Cotejamos, também, outras disciplinas, na área das Ciências Sociais, que se fizeram necessárias em virtude do caráter multidisciplinar de nosso trabalho, a exemplo da Antropologia e da Sociologia.

3.2 O Universo da Pesquisa

Os espaços geográficos na ficção regionalista de Graciliano Ramos – universo desta pesquisa – apresentam-se muito bem delimitados: *Caetés*, em Palmeira dos Índios, Alagoas;

São Bernardo, em Viçosa, Alagoas; e *Vidas Secas*, em Buíque, Pernambuco. Essas obras evidenciam o engajamento político-social que marcou a produção literária da Geração de 30. Transpõem os ambientes sociais e culturais reais a seus respectivos contextos narrados e, assim, denunciam problemas e conflitos do povo nordestino, notadamente, do homem do campo, que, além de enfrentar as adversidades impostas pela natureza geoclimática da região, vive submisso à exploração dos proprietários de terras, para quem não passa de mão de obra barata, que pode sobreviver em péssimas condições e sem proteção alguma.

Em *Caetés*, dois planos estruturam a narrativa: 1) a paixão do narrador, João Valério, por Luísa, esposa de Adrião, proprietário do armazém onde ele trabalha como guarda-livros. Ao saber do romance, após três anos, por meio de uma carta anônima, Adrião se suicida, gerando um certo remorso em Valério, que se afasta de Luísa, no entanto, torna-se sócio do armazém; 2) a tentativa de João Valério escrever um romance histórico sobre os *Caetés* – índios brasileiros, de língua tupi antigo, que, no séc. XVI, habitavam o litoral entre a ilha de Itamaracá e o rio São Francisco.

Perfila o romance a sociedade “média” de Palmeira dos Índios, comerciantes, bacharéis, jornalistas, médicos, padres, sem, contudo, faltarem os representantes da classe menos abastada, menos favorecida, necessários por serem parte constituinte de uma estrutura social hierarquizada. Todos vivendo, cotidianamente, com suas crenças, seus projetos, suas visões de mundo, em suas relações e inter-relações, conforme o ambiente sociocultural da cidade do interior alagoano em que estão inseridos.

Introspectivo e cheio de fantasias, Valério tinha acesso a esse ambiente compartilhado pelos mais abastados – trabalhava com Adrião e escrevia no jornal dirigido pelo padre da cidade – e, sentindo-se um tanto inferiorizado, aspirava a um *status* semelhante, o que pode ser lido nas seguintes palavras do personagem:

Fiz a carta com inveja. Ora ali estava aquela viúva antipática, *podre de rica*, morando numa casa grande como um convento, só se ocupando em ouvir missa, comungar e rezar o terço, aumentando a fortuna com avareza para a filha de Nicolau Varejão. E eu, *em mangas de camisa*, a estragar-me no escritório dos Teixeira, eu, moço, que sabia metrificação, vantajosa prenda, colaborava na Semana de padre Atanásio e tinha um romance começado na gaveta. É verdade que o romance não andava, encarencado miseravelmente no segundo capítulo. Em todo caso sempre era uma tentativa. (CTS – p. 14) (Grifos nossos)

(...) Adrião Teixeira, um velhote calvo, amarelo, reumático, encharcado *de tisanas*. Ou injustiça da sorte. Para que servia homem tão combilado, a perna trôpega, cifras e combinações de xadrez na cabeça? Eu, sim, estava a calhar para marido dela, que sou *desempenado*, gozo de saúde e *arranho* literatura.

Nova e bonita, casada com aquilo, que desgraça! (CTS – p. 15) (Grifos nossos)

Sobre a escritura do livro, João Valério reflete nos seguintes termos:

Também aventurar-me a escrever um romance histórico sem conhecer história! Os meus *Caetés* realmente não têm verossimilhança, porque deles apenas sei que existiram, andavam nus e comiam gente. Li, na escola primária, uns carapetões interessantes no Gonçalves Dias e no Alencar, mas já esqueci quase tudo. Sorria-me, entretanto, a esperança de poder transformar esse material arcaico numa brochura de cem a duzentas páginas, cheia de lorotas em bom estilo, editada no Ramalho. (CTS – p. 23-24)

Assim, nesses dois planos, no transcorrer da narrativa a análise da sociedade é feita lenta e gradualmente, a partir do pensar e agir dos personagens nas mais diversas situações: família, festas religiosas, bate-papo informal estabelecido no barzinho da cidade, ou em situações mais formais, ou evento cultural, numa linguagem que se mescla entre os registros culto e popular, este na voz não só dos letrados, mas também dos de pouca ou nenhuma escolaridade, refletindo, na espontaneidade da fala, dados socioculturais da realidade transfigurada nos contextos narrados.

O ato de escrever literariamente, ou seja, de produzir obras literárias se faz presente, ainda, no romance *São Bernardo*, que é construído a partir da ideia de Paulo Honório, protagonista da obra, narrar a história de sua vida: “[...] imaginei construí-lo pela divisão do trabalho [...]. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria meu nome na capa.” (SB p. 7-8). Convidou alguns amigos que se dispuseram a ajudá-lo nessa empresa. Reuniões aconteceram, “[...] mas o otimismo levou água na fervura, compreendi que não nos entendíamos.” (SB p. 8). Com essa justificativa, Paulo Honório dispensou todos os colaboradores. Chama Gondim, o redator de O Cruzeiro. Quinze dias depois: “– Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma! [...] É o diabo, Gondim. O mingau virou água. Três tentativas falhadas num mês! Beba um conhaque, Gondim.” Assim, termina o primeiro capítulo.

Entendendo que a escrita deve corresponder à espontaneidade da oralidade, Paulo Honório começa o segundo capítulo dizendo:

Abandonei a empresa, mas um dia destes ouvi novo pio de coruja – e iniciei a composição de repente, valendo-me dos meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, direta ou indireta. Afinal foi bom privar-me da cooperação de padre Silvestre, de João Nogueira e do Gondim. Há fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo. E se souberem que o autor sou eu,

naturalmente me chamarão *potoqueiro*. [...] Isso vai arranjado sem nenhuma ordem, como se vê. Não importa. Na opinião dos caboclos que me servem, *todo caminho dá na venda*. (SB – p. 15-16)

Muitas folhas de papel foram rasgadas. Paulo Honório confessa desconhecer a própria origem:

Para falar com franqueza, o número de anos assim positivo e a data de São Pedro são convencionais: adoto-os porque estão no livro de assentamentos de batizado da freguesia. Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Se tentasse contar minha meninice, precisaria mentir. Julgo que rolei por ai à toa. Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida que vendia doce. (SB – p. 15)

Até os dezoito anos trabalhou pesado. Relata o episódio de uma briga quando tinha essa idade, motivada por questões passionais, que lhe rendeu quase quatro anos de prisão, onde aprendeu “leitura com o Joaquim sapateiro que tinha uma bíblia miúda dos protestantes.” Julga ser esse o seu primeiro ato a merecer referência no livro.

Paulo Honório é um personagem vigoroso, violento, opressor, senhor absoluto, para quem todo ser humano é bicho, tipologicamente, por ele, classificado. Essa brutalidade incontida atende ao seu senhor absoluto, à sua onipotência. Os demais personagens – em sua maioria “caboclos que lhe servem” ou agregados ou, ainda, figuras que a ele também se curvam – se amiúdam a cada passo da narrativa, enquanto ele vai se tornando cada vez mais absoluto.

Depois de muitas peripécias e infortúnios, decide fixar-se em Viçosa. Lá, com ações truculentas, consideradas por ele legítimas, consegue comprar, a preço irrisório, a Fazenda *São Bernardo*, onde havia trabalhado no eito, que se encontrava ora destruída. Com muita dificuldade, transforma *São Bernardo* em uma belíssima e próspera fazenda. Diante da conquista, resolve casar-se para preparar o herdeiro de *São Bernardo*. Casa-se com Madalena, professora educada, dócil que lhe dá o filho herdeiro. As ideias socialistas e as ações humanitárias da esposa muito desagradavam o marido e motivaram um ciúme doentio. A cada dia esse ciúme se intensifica. Madalena, não suportando o sofrimento gerado pelo comportamento opressor, violento, desumano do marido, se suicida.

A morte de Madalena leva Paulo Honório a refletir sobre a vida e o fato em si:

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda parte! A desconfiança é também consequência da profissão. Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração

miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos outros homens. E nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. (SB – p.221)

E como desfecho de sua narrativa escreve: “É horrível! Se aparecesse alguém. Estão todos dormindo. Se ao menos a criança chorasse. Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria!”

Considerada a obra-prima de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* é estruturada em dezessete “capítulos” – mais quadros que capítulos – independentes. Em terceira pessoa, Graciliano Ramos, numa linguagem simples, trazendo marcas da oralidade, narra a trajetória de uma família de retirantes fugindo da seca que assolava o sertão nordestino. Embrutecidos pelo sofrimento, pela falta de condições de sobrevivência naquele ambiente inóspito, esses retirantes, na pena do Mestre Graça, se sentem bichos.

A narrativa denuncia, a partir do processo de animalização do homem, o abandono de uma parcela da sociedade marcada pelas adversidades geoclimáticas de seus espaços por parte dos governantes; a opressão; a exploração do trabalhador do campo pelos proprietários de terras; ao tempo que investiga a alma dessas miseráveis criaturas.

Enfim, Graciliano Ramos transpôs em *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas* o sertão nordestino, seu povo e suas peculiaridades.

3.3 O Escritor Graciliano Ramos

Aos 27 dias de outubro de 1892, em Quebrangulo, no estado de Alagoas, no seio de uma família numerosa, de classe média, nasceu Graciliano Ramos de Oliveira, tendo como filiação Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Barros.

Desde a infância levou uma vida de idas e vindas justificadas por questões familiares e pessoais. Morou em Buíque, Pernambuco, Viçosa e Maceió em Alagoas e no Rio de Janeiro onde trabalhou como jornalista. Retornando a Alagoas, fixou-se em Palmeira dos Índios, casou-se com Maria Augusta de Barros e tiveram quatro filhos. Após cinco anos, viúvo, desposou Heloísa Medeiros, união da qual nasceram três filhos.

Graciliano Ramos desenvolveu diferentes atividades. Atuou no jornalismo, na literatura, na educação, na política.

Os relatórios escritos por ele, quando Prefeito de Palmeira dos Índios, chamaram a atenção de Augusto Frederico Schmidt, editor carioca que o estimulou a publicar o seu primeiro romance: *Caetés* (1933), iniciado em 1925 e concluído em 1930, após várias revisões e, conforme textos constantes na Contracapa e Orelha da Edição publicada pela

Record (2012), em homenagem aos 120 anos do nascimento de Graciliano Ramos, do seguinte comentário: “Vou mexer num capítulo e ver se mando logo para o Rio aquela encrenca.” Na opinião desse renomado escritor,

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

No ano de 1934, reconhecido pela crítica, conclui e publica *São Bernardo*, romance cujos capítulos iniciais foram escritos na sacristia da Igreja Matriz de Palmeira dos Índios. Preparava-se para publicar o seu próximo livro, *Angústia*, quando foi preso pela Intentona Comunista, em março de 1936, sob a alegação de ser ele comunista, embora sem culpa formada. Ainda na prisão – desta feita no Rio de Janeiro após ter passado por prisões em Maceió e Recife – em agosto do mesmo ano, com a ajuda de José Lins do Rego, consegue publicá-lo. Fora da prisão, onde passou onze meses, fixa residência no Rio de Janeiro e dá continuidade as suas atividades de jornalista, de tradutor e de escritor. O romance *Vidas Secas*, considerado sua obra-prima, veio ao público em 1938. Alguns de seus títulos somente foram publicados postumamente.

A vasta obra de Graciliano Ramos, pelo seu conjunto, conferiu-lhe, aos 50 anos, o prêmio Felipe de Oliveira. O amplo reconhecimento e as muitas homenagens prestadas ao romancista, no entanto, se deram bem mais pós-morte, em 20 de março de 1953, que em vida. Não pretendemos, neste espaço, esgotar sobre a vida e obra do Mestre Graça nem simplesmente elencá-la. Ressaltamos apenas que, além de outros títulos, *São Bernardo* e *Vidas Secas* foram traduzidos em diferentes línguas, a citar: húngaro, italiano, francês, finlandês, espanhol, catalão, esperanto, dentre outras. Considerando a natureza lexicológica e lexicográfica de nosso trabalho, optamos por referenciar as palavras de Antônio Cândido (Ficção e Confissão, In: *São Bernardo*, 1972), que, em síntese, expõe o fazer literário do Mestre Graça ao afirmar:

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada dispondo-se de uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vividas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a

cidade, casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir. De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de mais preocupado em ser, por intermédio da sua obra como artista e como homem, termina por nos conduzir discretamente as esferas bastante várias de humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever.

3.4 Delimitação do *Corpus*

O *corpus* deste trabalho está constituído de palavras e expressões, conforme Pottier (1967; 1972; 1978; 1983), lexias simples, compostas, complexas e textuais, inerentes à fala do narrador e/ou personagens do universo linguístico contextualizado em *Caetés* (CTS), *São Bernardo* (SB) e *Vidas Secas* (VS) e identificadas como unidades estruturantes do léxico regional/popular de Graciliano Ramos.

3.5 Registro dos Dados Coletados para a Construção do *Corpus*

Ao iniciarmos este tópico, reiteramos o fato de nenhum dos títulos ter sido privilegiado. As lexias selecionadas para a construção do *corpus* foram aquelas que melhor representam, ou assim julgamos, as marcas regionais/populares do léxico de Graciliano Ramos, conforme ocorrência, independente de em que obra tais lexias se encontram atualizadas e de dados quantitativos proporcionais a cada obra. Consoante Borba (2011, p. 21), “A montagem de verbetes a partir do corpus evita a criação individual de acepções, seja na ampliação, seja nas sutilezas ou diluição das definições individuais”.

Visando à estruturação dos verbetes que constituem o glossário aqui proposto, os dados relevantes coletados nas obras deste contexto foram registrados em Fichas Lexicográficas, assim dispostas:

- **Lexia-entrada:** unidade lexical selecionada, ou lexia-ocorrência.
- **Aspectos gramaticais:** informações sobre a classe e a categoria gramatical da lexia-entrada.
- **Definição:** elaborada pela pesquisadora a partir do contexto de atualização da lexia-entrada.
- **Abonação:** fragmento ou excerto da obra em que a lexia-entrada foi atualizada e a respectiva fonte, com indicação do número da página e da linha.

- **Variantes:** registro de variantes léxicas, gráficas, morfossintáticas e fonéticas; podem ser apresentadas na forma de remissivas.
- **Remissivas:** estas apontam as relações de significação estabelecidas entre a lexia-entrada analisada e outras apresentadas por toda a extensão no glossário.
- **Dicionarização ou não da lexia-entrada:** referenciada a partir de consultas aos dicionários selecionados, conforme siglas entre parênteses. Se dicionarizadas, apenas as acepções elucidativas são consideradas. Para este fim, foram consultados os dicionários de língua, on-line, de Aurélio (AB), de Houaiss (AH) e de Michaelis (MC); e os dicionários regionais/populares, em suas formas impressas, de Tomé Cabral (TM), de Horácio de Almeida (HA) e de Antenor Nascentes (AN). Quando necessário dirimir dúvida ou acrescentar alguma nota enciclopédica, utilizamos outras obras, também devidamente referenciadas, além das consideradas fontes principais.
- **Notas Linguísticas e/ou Enciclopédicas:** informações que não constam na definição da lexia analisada por serem mais gerais. Se linguísticas, tais notas apresentam dados de cunho linguístico; se enciclopédicas, informações e/ou explicações de natureza não-linguística relacionadas a diversos campos do conhecimento.

3.6 Organização do Glossário

Conforme já anunciamos, optamos por organizar o léxico estudado em um glossário, visto tratar-se da descrição e explicação do léxico regional/popular de Graciliano Ramos, portanto, de um léxico particular, ou seja, de um discurso individual, em oposição ao dicionário, que registra dados de uma língua.

Com efeito, o glossário em pauta apresenta-se estruturado em três partes: macroestrutura, medioestrutura e microestrutura.

3.6.1 Da macroestrutura

De acordo com Biderman (2001, p. 18), a “lista total” de entradas lexicais ou lemas constitui a nomenclatura ou macroestrutura do dicionário. Normalmente, essa “lista” de entradas ou lemas está organizada verticalmente em ordem alfabética para facilitar a leitura ao consulente ou usuário.

A partir das observações feitas por Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1982), inferimos que, quando da elaboração de uma obra lexicográfica, além de outros, alguns

critérios se impõem preliminarmente por encerrarem condições fundamentais para que esta cumpra com a função de atender, satisfatoriamente, às necessidades dos usuários: a finalidade (descritiva, normativa, etc.), o público-alvo, a nomenclatura ou macroestrutura a ser tratada cujos tamanho (quantidade de entradas ou lemas) e forma de ordenação na obra influenciam diretamente no tratamento dado pelo lexicógrafo à polissemia e à homonímia.

A organização macroestrutural do glossário do léxico regional/popular de Graciliano Ramos encontra-se organizada da seguinte forma:

- **Referências às obras-fonte:** as obras estão referenciadas no corpo do glossário conforme a seguinte legenda: *Caetés* (CTS); *São Bernardo* (SB); e *Vidas Secas* (VS).
- **Número de línguas:** trata-se de um trabalho monolíngue, uma vez que as entradas componentes, bem como as informações e explicações acerca delas estão na variante brasileira da Língua Portuguesa.
- **Público-alvo:** o glossário destina-se a todo aquele que se interesse por essa temática, ou seja, pelos estudos linguísticos voltados para os aspectos geo-socioculturais refletidos na língua, em especial, na regional/popular do escritor alagoano, Graciliano Ramos: estudante, professor, pesquisador das áreas em foco e de outras afins, bem como o público de forma geral.
- **Seleção das estradas:** foram selecionadas 243 entradas caracterizadoras do universo geo-sócio-etnolinguístico do narrador e/ou personagens contextualizado nas obras-fonte, logo estruturantes do léxico regional/popular de Graciliano Ramos. Para tanto, consideramos, conforme Pottier (1967; 1972; 1978; 1983), lexias simples, compostas, complexas e textuais dicionarizadas, ou não, que, embora possam apresentar um baixo índice de ocorrência no discurso do narrador e/ou personagens, são relevantes na caracterização do léxico em estudo. Desta forma, privilegiamos a carga semântica da lexia-entrada no contexto e não a frequência no universo linguístico pesquisado.
- **Ordenação das entradas:** em observância à lexicografia tradicional, as entradas estão ordenadas na forma canônica das letras do alfabeto da língua portuguesa, em sua variante brasileira, e dispostas verticalmente no corpo do glossário. A ordenação dos materiais léxicos em conjunto é considerada por Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1982, p. 452) o elemento mais importante da macroestrutura.
- **Enfoque ou percurso metodológico:** os verbetes do glossário proposto estão apresentados semasiologicamente, ou seja, parte do significante léxico (entrada) para dar a conhecer o

conteúdo (significado) deste no contexto de atualização, portanto conteúdo de um discurso realizado.

- **Natureza das informações:** as informações veiculadas pelo glossário são primordialmente de natureza linguística, no entanto, podem constar algumas notas enciclopédicas, com fim explicativo.
- **Princípios de funcionalidade entre letras maiúsculas e minúsculas:** todas as entradas do glossário apresentam-se grafadas em caixa alta e negritadas, não havendo, pois, funcionalidade de oposição entre maiúsculas e minúsculas na apresentação das entradas.
- **Tratamento da homonímia e da polissemia:** para Ullmann (1964, p. 369 - 370), “[...] é difícil dizer nos casos particulares onde termina a polissemia e onde começa a homonímia”, cabendo ao lexicógrafo a decisão de registrar como uma ou duas palavras. “A decisão será certamente subjetiva e até certo ponto arbitrária”. Com a palavra, Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1989, p. 300 – 301; 467-468) inferem que uma análise puramente sincrônica de uma língua permite chegar a um resultado comum para casos distintos como polissemia e homonímia, segundo o critério etimológico: tanto a polissemia quanto a homonímia apresentam identidade no plano da expressão e diferença no plano do conteúdo. Para esses teóricos, a solução prática e mais viável nos dicionários semasiológicos que não dão indicações sobre a etimologia é a de não fazer diferença entre os referidos fatos linguísticos, sendo preferível registrar um só lema com as correspondentes subdivisões dentro do artigo em questão, já que os critérios de distinção para tal fim são insuficientes e insatisfatórios: na etimologia (quem conhece todas as etimologias?), na consciência linguística (critério não objetivável) são convenientes. Essa mesma solução – reunir em só lema todos os significados – é para Werner, segundo Murakawa (2011, p. 41), a mais acertada na prática lexicográfica. Com base no exposto, bem como considerando o glossário uma obra lexicográfica de caráter sincrônico, sintópico, sintrástico e sinfásico, conforme explicamos antes, no que ora apresentamos, não há distinção entre os casos de homonímia e polissemia. Assim, tanto as lexias homônimas quanto as polissêmicas não constituem entradas distintas; estão incluídas no verbete como subentrada indicada com número negrito.
- **Tratamento dos sinônimos e variantes:** conforme Aragão (2014, p. 9), a “sinonímia é uma questão de gradação e de variação quer linguística, quer extra-linguística, [...] não há sinônimo perfeito, uma vez que o semema de nenhum item lexical recobre totalmente o semema de outro item”. Ainda segundo Aragão, a “sinonímia não pode ser vista, apenas, como dois itens lexicais que têm o mesmo significado, mas ela deve ser analisada a partir das

relações de significação como funções desses itens lexicais”. Assim, optamos por registrar as lexias sinônimas e/ou parassinônimas no interior do verbete. Logo, no glossário em questão, sinônimos e variantes não constituem entradas independentes.

3.6.2 Da medioestrutura

A medioestrutura, também chamada de sistema de remissiva, constitui um sistema de referência que promove a articulação entre as partes do texto de obras lexicográficas. De forma sistemática, as remissões apontam as relações de significação (sinonímia, antonímia, paronímia, hponímia, hiperonímia) estabelecidas entre as lexias remitidas, por toda a extensão da obra. Conforme Biderman (1984c, p. 142),

No texto de um verbete (entrada de dicionário) é freqüente o dicionarista remeter a outra palavra. Essa prática se explica da seguinte forma: além de economizar espaço no dicionário, evita-se repetir informações que já foram dadas em outro verbete e por isso se remete a ele. Por outro lado, para que o consulente compreenda bem o significado e o uso de uma palavra, é preciso contrapô-la a outras palavras de significação próxima, ou oposta.

A partir dos estudos de Pontes (2009, p. 91- 95), inferimos que as remissões de uma obra lexicográfica podem se localizar dentro ou fora da nomenclatura. Daí, serem classificadas em vertical, horizontal e transversal. As remissões vertical e horizontal (remissivas internas) se localizam na nomenclatura: o primeiro tipo entre os verbetes, e o segundo, no interior do verbete; a transversal (remissiva externa) “entre elementos do verbete e uma palavra externa à nomenclatura”.

Esse mesmo autor, reportando-se aos estudos de Barros [2004], refere que as remissivas podem vir explicitamente (remissivas explícitas), quando “nenhuma informação é dada sobre a entrada” e o usuário é remetido para o verbete principal onde constam as informações completas. Nesse caso, a remissão é obrigatória e vem marcada por v. (veja), ou implicitamente (remissiva implícita), “[...] no caso de uma sequência de unidades léxicas pertencentes a uma mesma família de palavras virem dispostas em ordem alfabética na macroestrutura.” A remissiva que não expressar obrigatoriedade, apenas, sugerir ao usuário a consulta a outro verbete para complementar as informações, por isso facultativa, deve ser marcada por cf. (confronte).

No glossário do léxico regional/popular de Graciliano Ramos, a medioestrutura está constituída de remissivas verticais e horizontais explícitas, logo obrigatórias, e de remissivas facultativas. Independentemente de expressarem obrigatoriedade ou não, o marcador

remissivo utilizado é **V.** (veja; maiúsculo, negrito, itálico), seguido pela lexia, também escrita em itálico e entre aspas, para a qual o consulente é remetido.

3.6.3 Da microestrutura

A microestrutura, conforme Correia (2009, p. 134), refere-se “à estrutura definida para organizar a informação, de naturezas diversas, apresentada nos artigos do dicionário e forma da representação dessa estrutura (negritos, itálicos, numeração, parênteses, etc).” Vale dizer que, na Lexicografia, “artigo” e verbete têm o mesmo significado. Assim, seguindo Biderman (1994, p.144), adotamos, neste trabalho, o termo verbete: “O texto ou enunciado de uma palavra-entrada de um dicionário, inclusive ela própria.” Ainda com essa autora: “Os dicionários e glossários são formados de seqüências de verbetes.” (Grifo nosso)

A microestrutura de uma obra lexicográfica pode variar bastante, tanto no que se refere à extensão quanto ao conteúdo, conforme a finalidade e público-alvo ou natureza do léxico objeto de descrição.

Barbosa (1999, p.42), a um só tempo, ratifica nossas palavras e agrega outros dados, quando infere:

Se a microestrutura, considerada em todos os seus aspectos, é variável de uma obra lexicográfica/ terminológica para outra, é constante no interior de uma mesma obra. Adotado um programa, sustentar-se-á ao longo da obra. Essa mesma organização se reitera em subclasses das macro-classes componências da microestrutura. A microestrutura apresenta, pois, uma hierarquia interna, que tem no paradigma definicional o seu elemento nuclear.

Por sua vez, Welker [2004], nas palavras de Pontes (2009, p. 96 - 97),

[...] classifica a microestrutura em abstrata e concreta. [...] a microestrutura abstrata é um programa constante de informações, que se dispõem, horizontalmente, de forma padronizada, isto é, igual, constante para cada tipo de lema [...]. Assim, o verbete de um verbo transitivo não precisa seguir o padrão do verbete de um substantivo, mas dentro de cada categoria, de cada classe deve haver rigorosamente padronização. [...] Microestrutura concreta - Constitui a realização da microestrutura abstrata. É, então, aquela que está presente nos verbetes de um determinado produto lexicográfico.

Para efeito de organização dos verbetes do glossário compilado por nós, a partir dos dados das fichas lexicográficas, elaboramos previamente o seguinte programa de microestrutura abstrata, em que os elementos precedidos pelo sinal de adição (+) obrigatoriamente estão presentes em todos os verbetes, ao passo que os precedidos pelo sinal

de mais ou menos (+/-), a depender da natureza deles, poderão estar ou não presentes em todos os verbetes:

[+ **Entrada (palavra-entrada)** + **Informações gramaticais** + **Definição** + **Abonação** +/- **Variante** +/- **Remissiva** + **Indicação de dicionarização ou não da palavra-ocorrência** +/- **Nota linguística** +/- **Nota enciclopédica** +/- **Subentrada**]

Definida a microestrutura abstrata, passemos à apresentação de cada elemento que a compõe, bem como aos procedimentos por nós adotados para a realização dessa microestrutura, ou seja, passemos à microestrutura concreta, a que se faz presente no glossário:

- **Entrada (ou palavra-entrada)**

Entrada, palavra-entrada ou lema é a unidade lexical, a lexia propriamente dita, em torno da qual giram explicações e informações. Para Biderman (1984d, p. 139), o lema é a “unidade léxica ideal que representa um paradigma de formas flexionadas. Essa unidade constitui a típica entrada de dicionário e representa todas as demais formas do paradigma.” A exemplo, a autora cita cantar (forma infinitiva) presente na nomenclatura dos dicionários de português representando “todas as outras variantes deste paradigma verbal: canto, cantara, cantasse, cantando etc.” A lematização consiste, pois, na redução de uma unidade léxica atualizada no discurso a lema, que passa a representá-la na macroestrutura ou nomenclatura de um dicionário, de um glossário.

Neste glossário, as entradas apresentam-se na forma lematizada: os verbos no infinitivo. No caso do verbo pronominal, cujo sentido determina-lhe a flexão apenas na terceira pessoa do singular, a forma atualizada vem entre parênteses após o infinitivo. Os nomes apresentam-se no masculino singular, exceto quando o feminino e o plural, semanticamente, constituírem-se traços distintivos. Assim, cada lema pode ser uma lexia simples ou derivada, uma lexia composta, uma lexia complexa, ou uma textual, conforme classificação de Pottier (1967; 1972; 1978; 1983). Os lemas deste glossário estão dispostos verticalmente em ordem alfabética, facilitando, desta forma, a leitura ao consulente ou usuário. Graficamente, apresentam-se em caixa alta, negritados, fonte Times New Roman, tamanho 12, separados do enunciado lexicográfico por espaço branco.

• Informações gramaticais

As informações gramaticais dizem respeito às classes lexicais, substantivo, adjetivo, verbo e advérbio, e às categorias gramaticais, gênero e número. Observamos que a unidade léxica deve ser descrita conforme seus contextos de atualização. Isso implica classificá-la considerando-lhe as propriedades fônicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas.

Nesse sentido, na microestrutura do glossário apresentado, não constam informações fônicas da lexia-entrada; na categoria verbo, somente a subcategoria pronominal está indicada. Assim sendo, as informações léxico-gramaticais apresentam-se após o lema (palavra-entrada) de forma abreviada, no estilo *itálico*:

➤ As lexias simples ou derivadas e compostas:

adj. – adjetivo

2g. – comum de dois gêneros

f. – feminino

m. – masculino

s. – substantivo

pl. – plural

v. – verbo

v. pron. – verbo pronominal

➤ As lexias complexas e textuais:

A lexia complexa constitui expressão convencional resultante da combinação de duas ou mais palavras relacionadas sintática e semanticamente. Apresenta-se em diferentes graus de estabilidade, com possibilidades de mudança de seus elementos constitutivos; seu significado é apreendido dessa combinatória e não da soma do significado de cada um dos elementos que a compõem.

Há estudiosos que aproximam lexias complexas, lexias textuais e fraseologias. É o caso de Pottier (1978, p. 269), para quem, conforme já dissemos, a lexia textual é “a lexia complexa que atinge o nível de um enunciado ou de um texto”, ao que se incluem, além de outras, provérbios, ditados: “quem tudo quer, tudo perde.”

Ao falar sobre fraseologia, na Introdução a *Metáforas do Nosso Tempo*, Vilela (2002, p. 12 - 13) se aproxima do pensamento de Pottier ao dizer:

[...] a fraseologia, como disciplina linguística, compreende um conjunto de formas caracterizadas pela fixidez (*relativa*), polilexidade, idiomaticidade, fraseologização ou lexicalização e abrange um leque de expressões que vão desde o frasema (ou fraseologismo) típico até formas mais amplas, o equivalente a frases ou sentenças (e porventura, a pequenos textos: os

provérbios). [...] O modelo em que se insere a fraseologia dá possibilidade ao falante / escrevente de dizer muito mais do que aquilo que as palavras dizem e ao ouvinte / leitor de entender muito mais do que a materialidade fônica afirma. [...] A fraseologia é o modo normal de ser e de estar perante a língua e o mundo. (Grifo nosso)

Assim consideradas, as lexias complexas e textuais não pertencem a uma classe gramatical específica.

No glossário em questão, há ocorrência de lexias complexas e textuais que, às vezes, fogem à classificação tradicional da gramática. Assim, não as classificamos nem destacamos-lhes as noções verbais e/ou nominais que possam denotar tais lexias, ao que se incluem as chamadas locuções, bem como outros tipos de construções, independente de serem frasemas, colocações, expressões idiomáticas, ditados, provérbios, ou de outras denominações que possam receber, já que, nesse sentido, nem sempre tais denominações são coincidentes ao se referirem a um mesmo tipo de lexia. Optamos, então, por classificar de expressão a lexia constituída por mais de uma unidade linguística, quer sejam lexicais, quer, lexicais e gramaticais. Por conseguinte, as lexias complexas e/ou textuais estão indicadas neste glossário pela seguinte abreviatura:

exp. – expressão

• Definição

Para Biderman (1984e, p. 10), “A pedra de toque de um dicionário é a definição da palavra-entrada.” Murakawa (2007, p. 238) também destaca a importância da definição em lexicografia ao citar Paul Imbs, para quem a definição é a “arte suprema em lexicografia.”

Não obstante sua importância, explicar a natureza desse paradigma, bem como sua tipologia parece ser matéria de discussões e falta de consenso entre os lexicógrafos. Em meio a esse quadro, entre outras classificações, podemos situar a definição lexicográfica ou linguística e a definição enciclopédica.

Nas palavras de Pontes (2009, p.186), “a definição enciclopédica explica por meio da língua a realidade ou referente, representada pela entrada, a qual se diferencia da definição linguística, que apenas objetiva explicar o significado das palavras”. Embora haja tal diferença, não é incomum a definição lexicográfica ou linguística conter dados enciclopédicos e até científicos. Sem considerar os últimos, um dos motivos é a dificuldade de se elaborar a definição de uma palavra que remeta para a realidade extralinguística sem, de alguma maneira, descrever as características dessa realidade.

Ainda sobre definição lexicográfica, esta pode ser perifrástica (ou analítica), quando o significado é descrito por meio de perífrases, explicitações, ou sinonímia (ou sintética), quando se recorre a sinônimos. Na prática lexicográfica, de acordo com Haensch, Wolf, Ettinger e Werner (1982, p. 502), as perifrásticas são preferíveis às sinonímicas, mas quando se trata de definir palavras cujo uso está diatópica ou diastraticamente restringido, a definição mediante sinônimos da língua padrão está justificada.

Sobre uma e outra, Biderman (1984f, p. 32 - 35) comenta:

A definição de um vocábulo vem a ser uma paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente. Essa paráfrase deve ser redigida em linguagem simples, escoreita e ter sido formulada utilizando-se palavras muito frequentes na língua, preferivelmente lexemas que façam parte do vocabulário básico. Tal precaução garantiria, em princípio, a compreensão fácil do termo cujo significado o consulente desconhece.

[...] Além de secular, a técnica de explicar a palavra através de sinônimo é inevitável por vezes, especialmente no caso de adjetivos e verbos. Contudo, sempre que possível, a definição através de uma paráfrase é melhor.

O enunciado parafrástico constitui-se de um hiperônimo (= gênero próximo) e hipônimos (= diferenças específicas) do definido.

Com base em tais palavras, o glossário, produto deste trabalho, contempla as definições lexicográficas analíticas e sintéticas. Quanto às enciclopédicas, se pertinentes, assumem o caráter de informação e estão alocadas em notas.

Alguns critérios foram observados na elaboração das definições do glossário:

- correspondência entre a classe gramatical do definido e do descritor – palavra que encabeça a definição – sempre que possível: **a)** para substantivo: nome de gênero próximo, seguido de elementos indicadores de diferenças específicas do definido; **b)** para adjetivo: os descritores diz-se de... ou relativo a/ao...; estes podem ser usados também para advérbios; **c)** para verbo: verbos parassinônimos;
- definição redigida na forma afirmativa, sempre que possível;
- formulação de um enunciado em linguagem simples e objetiva, considerando a natureza da obra e o público-alvo;
- formulação da definição a partir do contexto de atualização;
- uniformidade sintática e semântica.

• Abonação

Em lexicografia, a abonação é o excerto (enunciado) que comporta a palavra-entrada fornecendo informações linguísticas e socioculturais, ao tempo que ilustra o uso desta no contexto, justificando as explicações dadas na definição. Para Biderman (2001, p. 18), a abonação “é essencial para explicitar claramente o significado e/ou uso registrado na definição.”

De acordo com Pontes (2009, p. 214), “O exemplo de uso *ou abonação* é um enunciado que se acrescenta à definição para comprovar, ilustrar ou abordar uma palavra-entrada” (Grifo nosso). Entre os critérios que fundamentam a classificação do exemplo apontado por esse autor, destacamos o que diz respeito à seleção do material: “Os exemplos podem ser extraídos de corpora textuais, orais ou escritos (exemplos autênticos), podem ser inventados (exemplos fabricados) ou ainda baseados em um *corpus*, mas adaptados pelo lexicógrafo (exemplo adaptado).”

Nesse sentido, a abonação, considerada uma espécie de atestado de existência, assume importância de definição e com esta constituem, na verdade, partes integradoras das demais do verbete.

No glossário apresentado, cada abonação foi extraída do *corpus* elaborado a partir das obras *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e atesta as relações geo-sócio-etnolinguísticas configuradas nos aspectos léxico-semânticos da lexia-ocorrência representada pela palavra-entrada. Está localizada após a definição, separada desta por dois pontos (:) e apresenta-se entre aspas (“...”). Nela, a lexia-ocorrência está graficamente negritada. Cada abonação é seguida da indicação da obra e respectiva(s) página(s) e linha(s) onde se encontra atualizada. Quando necessário, foi colocado entre colchetes a autoria de determinada fala, com o objetivo de clarificar a abonação dentro do contexto da obra, uma vez que, por vezes, localiza-se distante do nome daquele que a proferiu.

• Variante

Com Calvet (2002, p. 90), entendemos “por *variável* o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...) e por *variante* cada uma das formas de realizar a mesma coisa.” (Grifo do autor)

Na Sociolinguística, comumente, as variáveis são classificadas em internas – influenciáveis por fatores fonéticos, morfológicos, sintáticos, lexicais e discursivos –, e externas – geradas por influência de fatores geo-socioculturais. No léxico regional/popular de Graciliano Ramos, aqui estudado, consideramos a variante lexical e a variante gráfica em seus

registros diatópicos e socioculturais. Em relação às do último tipo, apenas como representação de dados fonéticos, visto que as variantes fonéticas não foram estudadas, bem como as morfossintáticas. Também foram tratadas como variantes as lexias sinônimas e/ou parassinônimas. Estas se apresentam na composição do verbete. As variantes que não foram coligidas nas obras *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas* estão registradas como notas linguísticas (NL), devidamente referenciadas.

Graficamente, as variantes aparecem precedidas pela indicação ***Var.*** grafadas com inicial maiúscula, em itálico e negrito. Algumas variantes podem ser indicadas como remissivas.

- **Remissiva**

As remissões indicam as relações semânticas estabelecidas pela palavra-entrada e outras lexias dentro da obra lexicográfica. Na estrutura organizacional do glossário, integram a medioestrutura. Conforme definimos anteriormente, o marcador utilizado para as remissivas é ***V.*** (veja).

- **Indicação de dicionarização ou não da lexia e sua acepções dicionarizadas**

As lexias foram coletadas nas obras de ficção CTS, SB e VS, de Graciliano Ramos. Desta forma, visando à descrição e análise mais consistentes do léxico em estudo, consideramos fundamental a constatação do registro ou não da lexia e acepções dicionarizadas em três dicionários gerais, por estes trazerem marcas de uso (diatópico e sociocultural) e, por razões óbvias, em três obras de cunho regional/popular. Para este fim, foram consultados os dicionários gerais *on-line* de Aurélio (AB), de Houaiss (AH), e de Michaelis (MC). Em relação às de cunho regional/popular, as consultas deram-se no Dicionário Regional Cearense de Tomé Cabral (TC), no Dicionário Popular Paraibano, de Horácio de Almeida (HA) e no Tesouro da fraseologia brasileira, de Antenor Nascentes (AN)).

Além das consideradas fontes principais, quando necessário dirimir dúvidas e/ou acrescentar alguma nota enciclopédica, utilizamos outras obras, que se apresentam devidamente referenciadas.

As informações obtidas estão indicadas conforme a seguinte legenda:

- Para as lexias não dicionarizadas:

LSND: lexical simples não dicionarizada

LCPND: lexia composta, não dicionarizada

LCXND: lexia complexa não dicionarizada

- Para as lexias dicionarizadas:

Simples:

LSDAE: lexia simples, dicionarizada com acepção equivalente

LSDAD: lexia simples, dicionarizada com acepção diferente

LSDAC: lexia simples, dicionarizada com acepção complementar

Compostas:

LCPDAE: lexia composta, dicionarizada com acepção equivalente

LCPDAD: lexia composta, dicionarizada com acepção diferente

LCPDAC: lexia simples, dicionarizada com acepção complementar

Complexas e textuais (expressão = *exp.*):

LCXDAE: lexia complexa, dicionarizada com acepção equivalente

LCXDAD: lexia complexa, dicionarizada com acepção diferente

LCXDA: lexia complexa, dicionarizada com acepção complementar

- **Notas linguísticas**

As notas linguísticas, de forma geral, explicam dados linguísticos de natureza diversas. Podem trazer, por exemplo, informações sobre algumas variantes, explicar fenômenos morfossintáticos, apresentar a etimologia da lexia, citar variantes coligidas nas obras lexicográficas dialetais selecionadas consultadas, no intuito de ampliar as informações acerca da linguagem regional/popular. As notas linguísticas apresentadas, quando resultantes de pesquisas a obras que tratam do assunto em questão, estão referenciadas, ao contrário do que acontece quando consistem em explicações por nós dadas ou estão associadas a informações já fornecidas no percurso deste trabalho.

Quando presentes, as notas linguísticas estão situadas no verbete, após as indicações de dicionarização e indicadas seguinte forma: NL: (caixa alta, negrito, seguida de dois-pontos).

- **Notas enciclopédicas**

As notas enciclopédicas ampliam e/ou complementam as informações, possibilitando melhor compreensão da lexia em questão. Tanto trazem informações acerca de curiosidades sobre a lexia-entrada quanto de sua natureza histórica e/ou sociocultural. Da mesma forma

que as notas linguísticas, quando resultantes de pesquisas a obras pertinentes ao assunto, estão referenciadas, ao contrário das informações fornecidas pela elaboradora do glossário. Quando necessárias, estão, também, situadas no verbete, após as indicações de dicionarização e indicadas seguinte forma: NL: (caixa alta, negrito, seguida de dois-pontos).

- **Subentrada**

Subentrada é uma nova entrada posta dentro do mesmo verbete. Recebe o mesmo tratamento dispensado à palavra-entrada que abre o verbete. Para isso, consideramos as seguintes palavras de Pontes (2009, p. 140):

[...] a palavra entrada pode pertencer a mais de uma categoria ou a mais de uma subcategoria. Nesse caso, a microestrutura se organiza de modo que, em primeiro lugar, aparecem as acepções correspondentes a seu uso como adjetivo e, em seguida, como substantivo, ou, tratando-se de um verbo, como transitivo, intransitivo, pronominal.

No glossário aqui organizado, a subentrada apresenta-se grafada com inicial maiúscula. Diferentemente da palavra-entrada, que não vem enumerada, é indicada por número negrito que a precede a partir do 2. No caso de haver mais de uma subentrada, esta obedece à ordem crescente da referida numeração e às orientações acima postas.

Desta forma, consideramos evidenciados os procedimentos teórico-metodológicos norteadores da elaboração do glossário que se segue.

4 GLOSSÁRIO DO LÉXICO REGIONAL/POPULAR DE GRACILIANO RAMOS EM CAETÉS, VIDAS SECAS E SÃO BERNARDO



À BICA PARA *exp.* Em vias de entrar para...; na iminência de...; prestes a...: “[...] Evaristo [...] estava **à bica para** deputado estadual.” (CTS – p. 32, l. 16). LCXDAE em MC e TC; LCXDAC em AN; LCXND em AH, HA e AB. **NL**: AN registra a lexia “*Estar na bica*”. Diz ser “reminiscência do tempo em que o povo se abastecia em fontes públicas”. Vale lembrar que bica ou torneira, para o nordestino, é uma peça dotada de uma chave que, ao ser adaptada a um cano, a um tubo ou a recipientes de variados tipos, tem como função reter ou liberar o fluxo do líquido neles contido ou que por eles circula.

ABRECAR *v.* Segurar alguém firmemente; agarrar: “Numa sentinela, que acabou em furdunço, **abrequei** a Germana, [...] e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda”. (SB – p. 16, p. 19). LSDAE em MC, HA e TC; LSND em AH, AN e AB. **NL**: 1 No Novo dicionário de alagoanês, de Elza Cansanção Medeiros (2005, p. 12), encontram-se registradas em duas entradas distintas as lexias: “ABECAR – pegar uma pessoa pela gola ou pela beca” e “ABRECAR – frear um veículo”. Neste caso, “abrecar” é uma variante de “brecar”. 2 HA registra “abecar” com o mesmo significado da lexia-entrada.

ACABAR (ACABOU-SE) *v. pron.* Encerrar uma situação, posicionando-se definitivamente em relação a esta, por não haver nada mais a fazer ou dizer: “Não admito que desconfiem de mim. **Acabou-se**, vou falar com o Monteiro.” (CTS – p. 38, l. 28). LSDAE em TC, AN e MC; LSND em HA, MC, AH e AB. **NL**: Nesse sentido, tal lexia é usada, sempre, na terceira pessoa do singular, variando apenas quanto à voz verbal, que pode ser sintética (acabou-se) ou analítica (está acabado).

ACANHAMENTO *s. m.* Sentimento de timidez, de vergonha ou constrangimento experimentado por uma pessoa em situações sociais: “E dispunha-me a sair, porque sentia **acanhamento** e não encontrava assunto para conversar.” (CTS – p. 9, l. 4). LSDAE em HA, AB, MC e AH; LSND em TC e AN. **NL**: HA registra a variante “*acanhaça*”.

ACEIRO *s. m.* Faixa de terra limpa em volta de uma plantação ou de um roçado cuja finalidade é evitar a propagação do fogo: “Pensei no Mendonça. Canalha. Do lado de cá da cerca o algodão pintava, a mamona crescia nos **aceiros** da roça; do lado de lá, sapé e espinho.” (SB - p.39, l. 23). LSDAE em TC, AH, HA e AB; LSDAD em MC; LSND em AN.

AÇÚCAR *s. m.* Elogio exagerado e interesseiro feito a alguém; lisonja exagerada; bajulação; adulação; puxa-saquismo: “– O Fortunato é exemplar. Como funcionário é um modelo; como pai de família, um espelho. / Afagou o queixo largo, ficou algum tempo em silêncio, esperando o efeito daquele **açúcar** todo.” (CTS – p. 28, l.27). LSDAE em AB; LSDAD em AH, MC; LSND em HA, TC e AN. **NL**: Neste contexto, as lexias “exemplar”, “modelo” e “espelho” estão representadas pela lexia “açúcar” – elemento resumidor – que tem na lexia “todo” seu elemento intensificador.

ADULAÇÃO *s. f.* Agrados excessivos a alguém, por interesse; bajulação: “– Vá lá. Se fosse desaforo, podia render desgosto; como é **adulação**, se bem não fizer, mal não faz.” (CTS – p. 30, l. 25). LSDAE em AH e MC; LSND em TC, HA, AB e AN.

À FINA FORÇA *exp.* Forçosamente, sem considerar a razão, mas, sim, a violência, a pressão: “Quer **à fina força** que eu confirme esse disparate que o Neves inventou [...]” (CTS – p. 205, l.1). LCXDAE em AN, TC e MC; LCXND em AB, HA e AH. **NL**: AN e TC registram as variantes “à viva força” e “por fina força”, respectivamente.

AFOGAR-SE EM POUCA ÁGUA *exp.* Preocupar-se ou abater-se com algo insignificante, ou de pouca importância: “– Bater assim num homem! Que horror! / [...] – Ninharia, filha. [...] Está você aí **se afogando em pouca água**.” (SB – p. 128, l. 22 – 25). LCXDAE em AH, HA e AN; LCXND em MC, AB e TC. **NL**: Neste contexto, a lexia reflete a insignificância do ser humano para o personagem Paulo Honório em cuja linguagem se configura a zoomorfização do homem, principalmente daqueles que lhe prestam serviço. No Nordeste, é muito comum a variante “afogar-se num copo de água”.

AINDA POR CIMA *exp.* Além disso...; ademais...; além do mais...: “[...] queria ver o tipo [fiscal] da prefeitura cobrar dele impostos e multas. Arrancavam-lhe a camisa do corpo e **ainda por cima** davam-lhe facão e cadeia.” (VS – p. 98, l.18). LCXDAE em TC. LCXND em HA, AN, AH, MC e AB. **NL**: TC registra também a variante “ainda mais”.

AIÓ *s. m.* Bolsa ou sacola de pano, de couro ou trançada em folha de carnaubeira ou caroá, usada a tiracolo destinada à condução de alimentos, utensílios, apetrechos (utensílios e ferramentas) de caça: “[...] Fabiano sombrio, cambaio, o **aió** a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro.” (VS – p. 9, l. 11). LSDAE em TC e MC; LSND em AH, HA e AB. NL: HA registra as variantes “*embornal*”, “*badameco*” “mochila”; TC, “*borná*”, “*bornal*”, “*embornal*”, “*bornó*”, “*bornoz*”.

AJOUJAR *v.* Promover, por imposição, uma união ou relação indesejada ou descabida de duas pessoas, ou seja, impulsionar o namoro, o casamento de alguém: “Era como se ela me houvesse **ajoujado** à outra.” (CTS – p.137, l. 17). LSDAE em AH, MC; LCND em TC, AN, AB e HA. NL: TC registra “ajoujado”: “Unido, ligado a outro, especialmente por meio de canga”, ou de ajoujo, correia que liga uma rês a outra. Canga *s. f.* “é o jugo de madeira que se põe ao pescoço do animal” (TC), para que esses prossigam paralelamente unidos, mutuamente dominados. No Nordeste, “*estar com a canga no pescoço*” é o mesmo que ser casado.

ALHO *adj. m.* Diz-se do indivíduo muito espertalhão; vivo, sagaz, arguto: “[...] admirei o talento do Barroca. Sim senhor, é um **alho**, pensei. Faz seis anos que aqui chegou, pobre, [...]. E lá vai [...] Grande clientela [...], comprou fazenda de gado, [...].” (CTS – p. 31, l. 22). LSDAE em MC, AH, TC, e AN; LSND em HA e AB.

AMALDIÇOADO *adj. m.* Diz-se daquele ou daquilo que é indesejável; excomungado: “Não gosto de ouvir estes **amaldiçoados** gritos. Justamente por cima da casa do Silvério, que está de cama, esta peste voar, rasgando mortalha [...].” (CTS – p. 36, l.27). LSDAE em TC, AH, AB e MC; LSND em HA e AN.

AMANHECER EM AZEITES *exp.* Acordar-se pela manhã irritado, ranzinza, muito aborrecido ou mal-humorado: “Sinhá Vitória tinha **amanhecido em seus azeites**.” (VS – p. 40, l. 11). LCXDAE em TC, AN, MC e AH; LCXND em AB, HA.

AMARRAR-SE *v. pron.* Unir-se pelo matrimônio; casar-se: “E quando o velhote morresse, [...] eu **amarrava-me** a ela, passava a sócio da firma e engendrava filhos muito bonitos.” (CTS – p. 25, l.1). LSDAE em TC; LSND em AN, HA, AH, AB e MC. NL: AN registra a lexia: “*dar os doces*”: “Casar-se. Alusão à festa o casamento.” (p. 102, entrada DOCE).

ANDAR DE TANGA *exp.* Viver em estado de miséria, com carência de diferentes tipos; sobreviver praticamente sem nada: “**Andei** por lá uns meses **de tanga**, procurando passagem, comendo da banda podre. Veio o furdunço. E, como não tinha o que fazer na vida, peguei no pau-furado.” (SB – p. 16, p. 19). LCXDAE em TC, MC; LCXND em AN, AB, HA, AH e MC.

ANDAR MORRENDO DE FOME *exp.* Viver extrema e continuamente faminto por não ter o que comer, graças a sérias dificuldades financeiras: “– Ah! sim! A história de ontem, esse infeliz **anda morrendo de fome** [...]. Uma penca de filhos! Vamos ver se ajudamos esse desgraçado [o sapateiro], que tem vergonha de pedir esmolas.” (CTS – p. 39, l. 2). LCXND.

ANDAR, VIRAR, MEXER *exp.* Movimentar-se daqui e dali, com o objetivo de pedir, cobrar, persistentemente, o que lhe é de direito; mover-se de cá para lá, providenciando, de diversas formas, conseguir o que se deseja: “O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo [...]. **Andei, virei, mexi**, procurei empenho – e ele duro como beira de sino.” (SB – p. 17, l. 23 – 27). LCXDAE em TC, AN e MC; LCND em HA, AH e AB.

AO PÉ DE *exp.* Perto ou junto de alguém ou de alguma coisa: “Luísa veio descansar numa cadeira **ao pé de nós**.” (CTS – p. 67, l. 6). LCXDAE em AN, AH, AB; LCXND em TC, HA e MC.

APANHAR O COBRE *exp.* Herdar uma riqueza ou fortuna: “E a afilhada, a Marta Varejão, beata e sonsa, é que ia **apanhar o cobre**. Mundo muito mal arranjado.” (CTS – p. 14, l. 24). LCXND. NL: A lexia “cobre” equivale coloquialmente a dinheiro (MC, AH, AB, TC), por extensão, à riqueza, à fortuna.

APERTAR *v.* Pressionar ou forçar uma pessoa no intuito de se conseguir alguma revelação ou outra coisa: “Se ele **apertasse** com Luísa, era possível que ela se aborrecesse e contasse que eu lhe dei dois beijos no pescoço.” (CTS – p. 44, l. 14). LSDAE em HA, TC e AH; LSND em AB, AN e MC.

APERTO *s. m.* Situação difícil pela falta, pela escassez de dinheiro: “– É que... O senhor poderá tirar-me de um **aperto** [...]. Tenho precisão de cento e cinquenta mil-réis.” (CTS – p. 49, l. 2-8). LSDAE em TC, HA, MC e AH; LSND em AN e AB.

APERUAR *v.* Observar um jogo de cartas, pondo-se em volta da mesa e dando palpites inoportunos: “**Aperuei** meia hora e percebi que o rapaz era pexote e estava sendo roubado descaradamente.” (SB – p. 21, l. 13). LSDAE em TC, AH, MC e AB; LSND em AN e HA. **NL**: TC registra as variantes “*apiruar*”, “*peruar*”.

APRUMADO *adj. m.* 1 Diz-se do indivíduo elegante, bem-posto, bem-apegoado: “Quando vinha o advogado Barroca, sério, cortês, **bem aprumado**, a sala se animava.” (CTS – p. 11, l. 14). LSDAE em MC e AH; LSND em AN, HA, AB e AH. 2 Diz-se do indivíduo íntegro, altivo: “– Vamos lá, doutor. Que é que há? Perguntei de novo. [...] / – Assim de importância... ia eu interrompendo. / Mas Evaristo continuou, **aprumado**, com os olhos fixos em mim, movendo lentamente, num gesto de orador, a mão bem tratada, onde um rubi punha em evidência o seu grau de bacharel.” (CTS – p. 28, l.6-14). LSDAE em MC, AB; LSDAD em TC; LSND em AN, HA e AH.

APURADO *adj. m.* Diz-se daquilo que é realizado com esmero, com bastante cuidado, com muito capricho ou aplicação: “No escritório dos Teixeira, passando para o razão os diversos a diversos em bonita letra **apurada**, pensei naquela insistência do Isidoro.” (CTS – p. 41, l. 2). LSDAE em TC, MC, AH; LSDAD em HA; LSND em AB.

AQUI PARA NÓS *exp.* Confidencialmente...; em segredo...; secretamente...: “– [...] E **aqui para nós**: eu me lembro da minha última encarnação.” (CTS – p. 18, l. 22). LCXDAE em TC e HA; LCXND em AN, AH, MC e AB. **NL**: HA registra a variante “*Cá entre nós*”.

ARAGEM *s. f.* Vento que sopra, geralmente, pela madrugada ou ao entardecer, viração: “[Fabiano] Lembrou-se dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo do juazeiro, com sede. [...]. A **aragem** morna sacudia os xiquexiques e os mandacarus.” (VS – p. 15, l. 25-26). LSDAD em TC, AN, AH, MC, AB; LSND em HA. **NL**: Neste contexto de atualização, ao ter o seu significado modificado pelo adjetivo “morna”, a lexia “aragem” passa a configurar a falta de umidade, o calor causticante, a aridez ou infertilidade geofísica

da caatinga “morta” contextualizados no quadro da seca em que se inserem os personagens de VS.

ARENGAR *v.* Discutir um assunto acaloradamente; brigar; trocar palavras; bater boca: “– Então isso continua? Ainda ontem [Pe. Atanásio] estava **arengando** com o Neves por causa das materializações.” (CTS – p. 18, l. 3). LSDAE em TC, HA, MC, AH e AB; LSND em AN.

ARRANHAR *v.* Ter pouco conhecimento e habilidade acerca de um determinado assunto: “Eu, sim [...] gozo de saúde e **arranho** literatura.” (CTS – p.15, l. 8). LSDAE em AB; LSND em HA, AN, TC, AH e MC.

ARRANJAR *v.* Organizar as coisas nos devidos lugares; arrumar algo: “Lá dentro **arranjavam** a louça”. (CTS – p. 31, l. 5). LSDAE em TC, AH, AB e MC; LSND em AN e HA. **2.** Conseguir: “[...] Clementina, coitada, nos ataques que a fazem morder, rasgar, despedaçar. O dr. Liberato receava que aquilo acabasse em loucura. / – É pena que não lhe **arranjem** um homem. / – Credo! E isso lhe traria saúde? / – Talvez trouxesse.” (CTS – p. 22, l.5 – 7). LSDAE em AH, AB e MC; LSND em AN, HA e TC.

ARRANJO *s. m.* Casamento, enquanto efeito da ação de arranjar-se significando casar-se; união; aliança: “– Olhe aquilo, veja que prédio. [...] E terras, cada zebu de trinta arrobas, libra esterlina por desgraça, fortuna grossa, meu filho, e tudo da Marta, que o Miranda me contou. Atraque-se com a moça. / Não contive o riso. Estava ele certo de que a Marta Varejão aceitava o **arranjo**.” (CTS – p. 30 – 40, l. 5). LSDAE em MC; LSDAD, AH, AB, HA e TC; LSND em AN.

ARRASTAR A ENXADA *exp.* Trabalhar limpando o mato, retirando ervas daninhas do terreno com a enxada, que desliza sobre este: “– Faz tempo. Fui morador do velho Salustiano. **Arrastei a enxada**, no eito.” (SB – p. 36, p. 7 – 8). LCXND.

ARRASTAR A PEROBA *exp.* “[...] e a essência da minha instrução, não me tornaram melhor que o que eu era quando **arrastava a peroba**.” (SB – p. 218, l. 19). **V.** “arrastar a enxada”. LCXND. **NL:** A palavra “enxada”, na expressão “arrastar a peroba”, encontra-se representada pela palavra “peroba”, madeira de que é feito o cabo ao qual essa ferramenta é presa, para o seu devido uso.

ARREDADO *adj. m.* Diz-se daquilo que se encontra distante, longe, afastado: “Caiu antes de alcançar essa cova **arredada**.” (VS – p. 88, - l. 24). LSDAE em MC, AH, AB, e TC. LSND em AN e HA. NL: Para MC: “que está a grande distância”; para TC: “*um pouco distante*”.

ARREDAR *v.* Rescindir, anular o contrato de trabalho; demitir um trabalhador: “– Que gente! / Concentrei-me no caso do dínamo [...]. Depois tranquilizei-me. **Arredar** o maquinista, sim senhor, boa solução.” (SB – p. 141, l. 29). LSND.

ARREGALADO *adj. m.* Diz-se dos olhos excessivamente abertos e atentos, num gesto de vigilância, de atenção: “[Pe. Atanásio] Concentrou-se um instante, os olhos **arregalados**, o beijo pendente.” (CTS – p. 36, l. 1). LCXDAE em AN, TC, MC, AB, AH; LSND em HA.

ARREPIADO *adj.* Diz-se do pelo, do cabelo eriçado, levantados: “– Diabo! Exclamou Isidoro, supersticioso [...]. / Levantou a gola, **arrepiado**, baixou a voz [...].” (CTS – p. 36, l. 27 -31). LSDAE em TC, AH, AB e MC; LSND em HA e AN. NL: TC registra as variantes “*arripiado*”; “*arrupiado*” e “*arropiado*”.

ARREVESADO *adj. m.* Diz-se de algo estranho, esquisito, extravagante: “Citou autores, empregou termos **arrevesado**.” (CTS – p. 22, l. 9). LSDAE TC, AH, AB e MC; LSND em AN e HA.

ARRIBAÇÃO *s. f.* Ave semelhante ao pombo, que migra constantemente à procura de melhores condições de sobrevivência, conforme suas características biológicas, aparecendo em bandos no sertão nordestino: “O mulungu do bebedouro cobria-se de **arribações**, provavelmente o sertão ia pegar fogo.” (VS – p. 109, l. 1). LSDAE em HA e TC, AH, AB e MC; LSND em AN. NL: HA registra as variantes “*avuante*”, “*avute*”, “*avinte*”, “*ribaça*”, “*rabaça*”, “*rebaça*”, “*robaça*”, “*arribaça*”, “*pombo de bando*” e “*pombo de arribação*”.

ARROTAR IMPORTÂNCIA *exp.* Alardear virtudes e sucessos próprios, posicionando-se em nível superior ao de outras pessoas como se não tivesse estado em posição inferior antes; gabar-se do próprio sucesso; apregoar seus próprios méritos: “Há por aí uns pestes que principiaram como o senhor e **arrotam importância**.” (SB – p. 36, l. 14). LCDAE em TC e AH; LCXND em HA, AB e AN. NL: TC registra a variante “*arrotar grandeza*”.

ASSIM, ASSIM *exp.* Estado mediano em que se encontra uma pessoa, uma situação ou um objeto; mais ou menos; nem bem nem mal: “[...] Pedi informações sobre a saúde de d. Mariana. / – **Assim, assim**, na cama, respondeu a Teixeira com desconsolo.” (CTS – p. 88, l. 19). LCXDAE em AN, TC e AH; LCXND em HA, AH e MC.

ASSUNTAR *v.* Pensar ou refletir bastante na tentativa de compreender uma situação: “Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo. / – [...] Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono **assuntando** nisso.” (SB – p.68, l. 12). LSDAE em MC, AH, HA e TC. LSDAD em AB; LSND em AN.

ATAQUE *s. m.* Crise nervosa repentina, às vezes, acompanhada de convulsão e/ou de perda da consciência. “Falaram novamente na Clementina, coitada, nos **ataques** que a fazem morder, rasgar, despedaçar.” (CST – p. 22, l. 1). LSDAE em AH e MC; LSDAD em AB; LSND em TC, AN e HA.

ATILADO *adj. m.* Diz-se da pessoa experiente, esperta, perspicaz: “[...] Que desculpa iria apresentar a sinha Vitória? [...] A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. “Era **atilada**, notaria a pabulagem.” (VS – p.29, l. 30). LSDAE em TC, AB, AH e MC; LSND em HA e AN.

ATIRAR DE CHOFRE *exp.* Falar subitamente, repentinamente; dizer alguma coisa inesperadamente: “Ajeitou a volta, abotoou a batina [...] e **atirou de chofre** uma de suas falas embaralhadas.” (CTS – p. 34, p. 4). LCXND.

ATIRAR-SE *v. pron.* Lançar-se a uma conquista amorosa sem reservas ou cautelas, entusiasmadamente: “[...] ia **atirar-me** a ela, como diz o Pinheiro.” (CTS – p. 21, l. 29). LSDAE em MC; LSND em TC, AN, AB, HA e AH.

ATRACAR-SE *v. pron.* Unir-se pelo matrimônio; casar-se: “– [...] fortuna grossa, meu filho, e tudo da Marta, que o Miranda me contou. **Atraque-se** com a moça.” (CTS – p. 40, l. 2-3). LSDAD em HA e AH. LSND em MC, TC, AB e AN.

ATUADO *adj. m.* Diz-se do indivíduo sob influência sobrenatural, ou seja, em transe mediúnico, cuja entidade espiritual atuante pode ser um orixá ou um espírito de algum morto. “Clementina ficou **atuada**!” (CTS – p. 16, l. 17). LSDAE em MC, AH; LSND em TC, HA e AB.

À VARA E A REMO *exp.* Com muita dificuldade; num esforço extremo: “[...] a velha Margarida subiu a ladeira **à vela e a remo** para visitar-nos [...]” (SB – p. 178, l. 28). LCXDAE em MC; LCXND em AH, AB, HA, TC e AN.

AZULAR *v.* Fugir de algum lugar ou de alguém sem deixar, sinal, vestígio, rasto; desaparecer: “[...] essa sua companheira, a professora, **azulou** sem se despedir.” (CTS – p. 167, l. 2). LSDAE em AH, MC, TC, HA; LSND em AB e AN.

AZUNIR *v.* Dizer algo a alguém de maneira ríspida, rude, grosseira: “– Nunca me arrependo de nada. O que está feito está [...]. E aquilo que eu **azuni** a d. Glória... / Coitada! / – Coitada! Ela nem estava prestando atenção à conversa. Falou por falar.” (SB – p. 122, l. 28). LSND.

B

BABUJAR *v.* Acariciar ou beijar babando, com lisonjeio servil: “Decidi logo que um homem tão prático não havia ainda **babujado** o braço de Luísa e que pelo menos esta parte do corpo dela não lhe pertencia.” (CTS – p. 101, l. 8). LSDAE em TC, MC, e AH; LSND em AN, AB e HA. **2** Ficar sabendo de algum fato e propagá-lo, tornando-o vil: “Ali estava o meu segredo **babujado** pela boca mole daquele velhaco.” (CTS – p. 174, l. 14). LSDAE em MC e AH; LSND em HA, TC, AB e AN.

BACURÔNICO *adj. m.* Diz-se do indivíduo que tem o sobrenome ou o nome, ou ainda o apelido de Bacurau por trabalhar somente à noite: “– Conhaque, seu Pinheiro?/ – Café, bacurônico amigo [...]” (CTS – p. 73, l. 13). LSND.

BAIXAR A CRISTA *exp.* Mudar de atitude acovardando-se, tornando-se cordato, humilhando-se, submetendo-se à vontade de outrem: “E abrandei, meio arrependido, porque não queria brigar com Mendonça, homem reimoso. O que eu não queria era **baixar a crista** logo no primeiro encontro.” (SB – p. 32, l.8). LCXDAE em TC, AN e MC; LCXND em HA,

AH e AB. **NL**: TC registra as variantes “*baixar a grimpá*”, “*baixar o cangote*”, “*baixar o topete*”, “*baixar o toitiço*”, “*baixar a trunfa*” e “*baixar a pancada*”; MC, “*baixar a cabeça*”.

BAIXIO *s. m.* Terreno mais baixo que os adjacentes, circundado de montanhas onde se depositam as águas pluviais: “O senhor conhece os **baixios** de d. Rodrigo?” (CTS – p. 51, l. 22). LSDAE em MC, AH; LSND em TC, HA, AN e AB. **NL**: Segundo o dicionário de Caldas Aulete, esse é o sentido atribuído à lexia em questão no Nordeste.

BAQUE *s. m.* 1 Perda da força, ou derrota, de uma instituição, de um grupo de pessoas: “– Que triunfo para o espiritismo! E que **baque** para outras religiões! ajuntou Pascoal” (CTS – p. 20, l. 15) LSDAE em MC, AH, e AB. 2 Abalo; emoção forte: À entrada do Pinga-fogo encontramos Adrião e Luísa. [...] E senti um **baque** no peito.” (CTS – p. 87, l. 9). LSDAE em MC, AH e AB. LSND em AN e TC.

BATER CASTANHOLAS COM OS DEDOS *exp.* Produzir um som semelhante ao das castanhas, mediante a fricção forte das pontas dos dedos médio e polegar, num gesto comumente usado, no Nordeste, para açular o cão: “Nesse momento Fabiano andava no copiar, **batendo castanhas com os dedos**.” (VS p. 87, l. 9–10). LCXND. **NL**: No campo da música, castanhas - *s. f. pl.* (**Var.**: castanhetas) instrumento de percussão para acompanhar danças espanholas, feito de duas peças de madeira, arredondadas e côncavas, superpostas, em forma de castanha, de castanhola.

BATOTA *s. f.* Manobra para enganar em jogo; trapaça ou logro em jogo: “Selvagens! rosnava aguentando as **batotas** no bacará.” (SB – p. 24, l.1). LSDAE em TC, HA, MC, AH, AB; LSND em AN.

BAÚ DE FOLHA *exp.* Caixa retangular e rígida, com tampa, coberta com folhas de flandre: “[...] sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o **baú de folha** na cabeça.” (VS – p. 9, l. 10). LCXDAE em TC; LCXND em HA, AN, MC, AH e AB.

BEBERAGEM *s. f.* Café fraco, de sabor desagradável não identificado: “– Conhaque, seu Pinheiro?/ – Café, bacurônico amigo [...]. / Bebeu o café, levantou-se: – Não nos poderá arranjar uma **beberagem** menos indecente, Bacurau?” (CTS – p. 73, l. 13). LSDAD em AH,

MC, AB e HA. LSND em TC e AN. **NL**: Quando dicionarizada, a lexia beberagem significa medicação caseira: chá, xarope, garrafada.

BENTINHOS *s. m.* Objeto de devoção mariana composto de dois pequenos pedaços de tecido bentos ligados entre si por duas fitas, os quais ficam pendentes para diante e para trás do pescoço: um traz a imagem da Senhora do Carmo, o outro, do Coração de Jesus; escapulário; relicário: “– Obrigado, respondi. Com um pai destes! E a carolice, os **bentinhos**, a fita azul...” (CTS – p. 21, l. 25). LSDAE em TC, HA, MC, AH e AB; LSND em AN. **NE**: “O escapulário era um avental usado pelos monges durante o trabalho para não sujar a túnica. Colocado sobre as escápulas (ombros), o escapulário é uma peça do hábito que ainda hoje todo carmelita usa. Com o tempo, estabeleceu-se um escapulário reduzido para ser dado aos fiéis leigos. Dessa forma, quem o usasse poderia participar da espiritualidade do Carmelo e das grandes graças que a ele estão ligadas.” (Padre Luizinho – Província Carmelitana). Segundo Câmara Cascudo (2002, p. 63), “quem usa os bentinhos do Carmo não morre em pecado mortal e sem absolvição [...]. Era indispensável aos sertanejos nordestinos, mesmo os cangaceiros assassinos, devotíssimos dos escapulários”. Atual e equivocadamente, os fiéis usam bentinhos também de metal (ouro ou prata), de todos os santos de devoção e para todos os tipos de proteção, como verdadeiros patuás.

BESTA *adj. f.* Diz-se de algo insignificante; sem importância: “Eu se não tivesse trinta e oito anos, um emprego tão **besta** e um desconchavo no coração, atirava-me a ela.” (CTS – p. 21, l. 29) **2 adj. f.** Diz-se de uma pessoa estúpida, imbecil, arrogante que pretende ser o que não é: “– Espere lá, doutor. Elogio ao Mesquita? Não convém. O Mesquita é uma **besta**.” (CTS – p. 29, l. 27). LSDAE em HA, AN, TC, AH, AB; LSND em MC. **3 adj. f.** Diz-se do indivíduo ingênuo curto de inteligência, bronco, imbecil, tolo, ignorante. “[...] emprenha pelos ouvidos, inteligência de peru novo, **besta como aruá**”. (SB – p. 60, l. 15). LCXDAE em AN; LCXND em HA, TC, AH, AB e MC.

BEZERRINHO MAIS TALUDO *exp.* Criança mais crescida e mais forte em idade escolar: “E os **bezerrinhos mais taludos** soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.” (SB – p.217, 25). LSND.

BICHÃO *s. m.* Mulher de dimensões graúdas, corpulenta, atraente, bonita, que enche os olhos de qualquer um: “De repente conheci que estava querendo bem à pequena. [...] Miudinha, fraquinha. D. Marcela era um **bichão**.” (SB - p.77, linha 27). *Var.:* “*pancadão*” LSDAD em HA; LSND em TC, AN, MC, AB e AH.

BICHO DE FÔLEGO *exp.* Criatura que se encontra viva: “À noite parecia ouvir passos no jardim. [...] – Quem está aí? É **bicho de fôlego** ou marmota? (SB – p. 179, l. 1 - 10) LCXND.

BICHO DE PENA *exp.* Ave, em geral: “Um **bicho de penas** matar o gado! Provavelmente sinha Vitória não estava regulando.” (VS – p. 109, l. 14). *V.* “*arribação*”. LCXDAE em TC; LCXND em HA, AN, MC, AH e AB.

BICHO DO MATO *exp.* Indivíduo que trabalha no pesado na zona rural; pessoa rústica e antissocial: “Bichos.[...] **bichos do mato** como Casimiro Lopes [...].” (SB, p.217). LCXDAE em TC, HA e AN; LCXND em MC, AH e AB.

BINGA *s. f.* Algo imprestável, sem valor; numa linguagem chula, merda: “[...] – Aqui entre nós, murmurou o desgraçado, sempre desejei conservar a fazenda. / – Para quê? [...] – e se eu mandar tocar fogo na **binga**, você fica de saco nas costa.” (SB – p. 28, 12-13). LSDAE em HA e TC; LSND em AN, AH, AB e AN.

BODE *s. m.* Indivíduo que segue a doutrina de uma das denominações do cristianismo diferentes da Igreja Católica Romana; indivíduo de religião protestante: “[...] um homem que aprendeu leitura na cadeia, em carta de ABC, em almanaques, numa bíblia de capa preta, dos **bodes**.” (SB, p.126, l. 17). LSDAE em TC; LSND em HA, AN, AH, AB e MC. **NE:** Na região Nordeste, a lexia “bode” é usada, pejorativamente, em alusão ao protestante, ao judeu e ao ateu, conforme versão on-line do Dicionário de Caldas Aulete. ÉG Léonard (1951, p. 364) cita duas hipóteses para a origem desse apelido: 1) Ter origem no fato de o Rev. Smith que, em 1874, tentou uma obra de evangelização em Maceió, usar cavanhaque; 2) Originar-se “de uma possível caricatura corrente do Tio Sam, com sua barbicha e seus grandes pés, e em quem o espírito cáustico do povo certamente encontrou pontos de aproximação com a ‘coisa ruim.’” Na opinião desse professor “os famosos bodes” contribuíram para o folclore local e para a poesia popular”. Das canções cantadas em Alagoas, em 1921 ou 1923, citamos aquela cuja letra parece explicar a conotação pejorativa da palavra “bode”, também em terras

paraibanas, associada à forma de os protestantes se expressarem, quando de suas preces, por ocasião dos cultos – falam muito alto, quase aos berros, num tom lastimoso e suplicante: “No beco do hotel / Ninguém mais pode passar/ Com os bodes e bodinhas/ Todos êles a berrar. / Esta gente aqui na Lage / Quer ser cousa adeantada. / Nas garras de nós, católicos, / Não dá nem urna pitada! Refrão: Oh! pé de bode... / Pé de bode tentador (bis) / Tens os pés tão grandes / Que és capaz de pisar Nosso Senhor (bis).

BODOQUE *s. m.* Arco rudimentar com que se lança pedrinhas ou pequenas bolas de barro cozidas ao sol ou ao fogo. É usado para passarinho: “Levantei-me, encostei-me na balastrada [...]. No fim do pátio um moleque passou, com um **bodoque** na mão. Estava ali para que servia a escola. Vadiando [...]”(SB – p. 142, l.24). LSDAE em HA, TC, AH e MC; LSND em AN e AB.

BOLANDEIRA *s. f.* Roda grande, puxada por animais, que impulsiona o ralador de mandioca: “Seu Tomás fugira também, com a seca, a **bolandeiara** estava parada.” (VS – p. 15, l. 10). **2 s. f.** Máquina de descaroçar algodão. **3 s. f.** Roda grande que, nos engenhos, transmite o movimento às moendas. LSDAE em HA, TC, AB, MC e AH; LSND em AN. NL: TC registra “*bulandeira*” como variante da entrada.

BOTAR OS QUARTOS DE BANDA *exp.* Fugir ou afastar-se de uma situação ou de alguém que nos incomoda ou ameaça: “[...] abrequei a Germana, [...] e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou se mijando de gosto. Depois **botou os quartos de banda** e enxeriu-se com João Fagundes.” (SB – p. 16, p. 19). LCXDAE em TC e AH; LCXND em MC, HA, AN e AB. NL: HA e TC registram as variantes “*botar os quartos de lado*”, “*dar com os quartos de lado*”, “*pôr os quartos de banda*”; AN e AB, “*fugir com o rabo à seringa*”.

BUGALHO DO OLHO *exp.* Órgão da visão cuja estrutura é envolvida por um tecido membranoso situado abaixo das sobrancelhas ou pálpebra; globo ocular: “O diretor da Semana pregou os **bugalhos dos olhos** surpreendidos, sacudiu a cabeça com um gesto de nervoso e engrolou uma explicação.” (CTS – p. 34, l. 14-15). LCXND.

BURRO *adj. m.* Diz-se da pessoa sem muita inteligência, ou ignorante, que não tem conhecimento acerca do que fala: “– O Mesquita é um besta [...]. Não há no mundo um sujeito

mais **burro**.”(CTS – p. 30, l. 1). LSDAE em TC, AH, AB e MC; LSND e HA e AN. NL: Variantes: “*asno*”, “*besta*”, “*jegue*”, “*jerico*”, “*mulo*”.



CABACINHO *s. m.* Planta medicamentosa encontrada no Norte e Sudeste do Brasil e bastante usada como purgativo: “Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma pisa de cipó de boi, tomei **cabacinho** e estive de molho, pubo, [...] na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes.” (SB – p. 16, l. 28). LSDAE em AH, MC e HA; LSND em TC, AB e AN.

CABEÇA DA CHEIA *exp.* Enxurrada na enchente de um rio, ocasionada por uma forte chuva: “[...] a **cabeça da cheia** aparecera arrastando troncos e animais mortos.” (VS. p. 66, l. 2). LCXDAE em TC e HA; LCXND em AH, MC, AB e AN. NL: Variantes registradas por HA e TC “*cabeça d’água*”, “*cabeça da enchente*”.

CACHAÇO *s. m* Parte posterior do pescoço; nuca; pescoço grosso ou largo: “Não me contive e dei-lhe dois beijos no **cachaço**.” (CTS – p. 9, l. 7-8). LSDAE em MC, HA, TC, AH; LSND em AB. NL: HA registra as variantes “*cangote*”, “*toitiço*”, “*toutiço*”.

CACHORRA INSOSSA *exp.* Sofrimento demasiado por conta das privações ou necessidades passadas; infortúnio: “Impressionado com aquela pobreza, exclamei: – Diabo! Vocês **comeram uma cachorra insossa**”. (SB, p. 116, l.). LCXND.

CAIR NA BOCA DO MUNDO *exp.* Ficar difamada, mal falada; tornar-se alvo de comentários maledicentes: “Em todo o caso fica você avisado, porque enfim não é bonito que a pobre moça **caia na boca do mundo**.” (CTS – p. 186, l. 21 – 22). LCXDAE em TC, HA; LCXND em AH, AB, AN e MC. NL: HA registra a variante “*cair na boca do povo*” e AN, “*andar na boca do mundo*”.

CAMBADA *s. f.* Grupo de indivíduos que apresentam um traço comum, no caso, espíritas: “– O Allan Kardec e essa **cambada**, o Willian Crookes, o Flamarion, o João Lício Marques [...]” (CTS – p. 36, l. 3). LSDAE em MC e TC; LSDAD em HA, AH, AB e TC; LSND em AN.

CAMBAIO *adj. m.* Diz-se do indivíduo com o corpo penso, torto, com as pernas enfraquecidas, sem firmeza: “[...] Fabiano sombrio, **cambaio**, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro.” (VS p. 9, l. 11). LSDAE em TC e MC; LSDAD em AH e AB; LSND em HA e AN.

CAMBÃO *s. m.* Grande responsabilidade assumida em relação a alguém ou a algo, que impede o indivíduo de se envolver em determinadas situações: “O que lhe amolecia era o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles **cambões** pesados, não envergaria o espinhaço não [...].” (VS p. 37, l. 9). LSDAD em AH, HA MC e TC; LSND em AN e AB.

CAMBEMBE *s. 2g.* Indivíduo de baixas condições, humilde, pobre, trabalhador rural: “Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira [...] doidice. **Cambembes** podiam ter luxo?” (VS p. 23, l. 23). LSDAE em MC e HA; LSND em AN, TC, AH. NL: MC registra como regionalismo de Alagoas.

CANTAR DE GALO *exp.* Mostrar-se senhor absoluto, audaz, vitorioso: “Na catinga ele às vezes **cantava de galo**, mas na rua encolhia-se.” (VS – p.30, l.23). LCXDAE em TC, AN, AH e MC; LCXND em AB e HA.

CANTAR LOA *exp.* Tecer ou fazer elogios a alguém; louvação: “– Um quartau. [...] não há no mundo um sujeito mais burro. E o doutor vem **cantar loas** ao Mesquita?” (CTS – p. 30, l. 2). LCXDAE em HA, AB, AH e MC; LCXND em TC. NE: Loa é um tipo de cantiga popular em louvor a santos católicos, como acontece no Brasil, atualmente. No século XVIII, era a única forma de teatro popular. “Simples e original a toada é composta e executada, especialmente, pelos canoeiros do baixo São Francisco e da lagoa do Norte e Manguaba, no estado de Alagoas, subordinada, geralmente, ao compassar dos remos. De um acento doce e melancólico, as palavras dessa toada de caráter vulgar e singelo representam um pensamento verdadeiro, sob uma forma musical tão simples e natural, como as próprias convenções por eles usadas.” Podem ser executadas em solo, por uma pessoa ou por um instrumento, em dueto ou ainda na forma de diálogo. (CASCUDO: 2006, p. 334). Originada da loa, temos a lexia popular “*É loa mas não entoa...*”, usada em referência à falta de harmonia entre duas “coisas”, especialmente, entre um elemento elogiado e o elogio em si, com o intuito de

criticar um elogio não pertinente à pessoa elogiada, “louvada”, exatamente por não soar bem, visto que loa são versos cantados harmoniosamente.

CARAPETÃO *s. m.* Mentira considerada inofensiva: “Li na escola primária, uns **carapetões** interessantes no Gonçalves Dias e no Alencar, mas esqueci quase tudo.” (CTS – p.). LSDAE em HA, MC e AH; LSND em TC, AN e AB.

CATINGA *s. f.* Mata típica do Nordeste brasileiro, de vegetação rala, praticamente, toda composta de cactos, gravatá e espinheiros: “A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da **catanga** rala.” (VS – p. 9, l.8). LSDAE em TC, HA, MC, AB, AH; LSDAD em AN.

CAVAÇÃO *s. f.* Empenho, junto a outras pessoas, na obtenção do que se pretende; negócio conseguido por proteção: “– O idiota sou eu. Ali há interesse, ali há **cavação**.” (CTS – p. 31, l.19). LSDAE TC, AH, MC; LSND em HA, AB e AN.

CAVALO DE FÁBRICA *exp.* Animal usado, nas fazendas, como instrumento de trabalho na realização de tarefas do dia a dia: “Ao ser contratado recebera o **cavalo de fábrica**, perneiras, gibão, guarda-peito [...]” (VS p. 23, l.18). LCXND.

CAVAQUEAR *v.* Conversar descontraidamente, amigavelmente; papear: “Às quintas e aos domingos ia aos chás de Adrião. Ficávamos tempo estirado **cavaqueando**.” (CTS – p.11, l.5). LSDAE em TC, AH, AB e MC. LSND em HA e AN.

CHALEIRICE *s. f.* Agrados excessivos a alguém, com vistas a benefício próprio; adulação; bajulação: “Tanta **chaleirice**, tanta baixeza, por uma cadeira na câmara de Alagoas.” (CTS – p. 34, l.23). **V.** “açúcar”. LSND em HA, AN, TC, MC e AB. **NL:** TC registra as variantes “chaleiramento” e “chalerismo”; AH, “chaleire”.

CHOCALHICE *s. f.* Conversa maldosa sobre a vida alheia; falatório: “[...] eu experimentava grande mal-estar, menos pelos dissabores que as **chocalhices** me trariam que por antever misturado a elas o nome de Luísa.” (CTS – p.10, l. 26). LSDAE em MC e AH; LSND em HA, TC e AN.

CHUPAR UMA BARATA *exp.* Ser enganado, iludido, bigodeado; não obter o que se desejava: “Por esse tempo encontrei em Maceió, **chupando uma barata** na Gazeta do Brito, um velho alto, magro, curvado, amarelo, de suíças, chamado Ribeiro.” (SB – p.43, l. 1). LCXDAE em AN; LCXND em TC, HA, AB, AH.

COBRIR MATO *exp.* Deitar-se sobre o mato despreocupadamente, sem trabalhar: “Ali malucando, e a gente do eito à vontade **cobrindo mato**.” (SB – p. 167, l.14). LCXND.

COMER DA BANDA PODRE *exp.* Enfrentar muitas dificuldades de forma geral ou financeiras e suas consequentes privações e desassossego: “Andei por lá uns meses, de tanga, procurando passagem, **comendo da banda podre**. Veio o furdunço. E, como não tinha o que fazer na vida, peguei no pau-furado.” (CTS – p. 81, l. 13). LCXDAE em AN, HA e MC; LCXND em AB, AH e TC. NL: TC e HA registram as variantes: “*comer safado*”; HA, as variantes “*comer o pão que o diabo amassou*”, “*comer fogo*”, “*comer brasa*”, “*comer tampado*”, “*cortar uma volta*” (HA).

COMER TOUCINHO COM MAIS CABELO *exp.* Ter enfrentado e vencido desgraça maior do que aquela que estava vivendo: “– Tenho **comido toucinho com mais cabelo**, declarou Fabiano desafiando o céu, os espinhos e os urubus.” (VS p. p. 127, l.9). LCXDAE em TC, AN; LSND em HA, AH, MC e AB. NL: AN registra como regionalismo do Nordeste.

COMER UMA CACHORRA INSOSSA *exp.* “Impressionado com aquela pobreza, exclamei: – Diabo! Vocês **comeram uma cachorra insossa**”. (SB, p. 116, l.). V. “*comer da banda podre*” e “*cachorra insossa*”. LCXDAE em MC; LCXND em AB, AH, HA, TC e AN.

COM OS COTOVELOS NO FIO *exp.* Vestido em camisa, que de tão usada, as mangas estavam quase se rasgando na altura dos cotovelos: Faz seis anos que aqui chegou, pobre, saído de fresco da academia, sem recomendações, **com os cotovelos no fio** e os fundilhos remendados.” (CTS – p. 31, l. 23). LCXDAE em AN.

COM UMA NO CANO, OUTRA NO FECHO *exp.* Sem dinheiro e sem os pertences necessários à sobrevivência; sem nada: “[...] escafeder-se [...] **com uma no cano, outra no fecho**, não”. (SB – p. 200, l.1). LCXND.

CORRER MUNDO *exp.* Andar pelo mundo sem rumo certo, levando uma vida de desolação até um dia não datado: “A sina dele era **correr mundo**, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante.” (VS – p. 19, l.24-25). LCXDAE em HA e TC; LCXND em AN, AB, AH e MC. **NE:** A comparação estabelecida pelo personagem de VS [Fabiano] parece motivada pelo imaginário do povo. Conta uma lenda, com diferentes versões, que Ahsverus, um judeu artesão (sapateiro), trabalhava na mesma rua por onde Jesus passou na Sexta-feira da Paixão carregando sua Cruz. Ao passar em frente ao estabelecimento de Ahsverus, Jesus havia sido por ele ironizado ou agredido verbal ou fisicamente. Jesus, então, o havia amaldiçoado, condenando-o a vagar pelo mundo, vivo, até o dia em que Jesus voltasse no fim dos tempos. Segundo Ferreira (2000, p. 1), “Ele é também o antípoda de Lúcifer, pois diferentemente dele vive sempre a esperança de modificar a situação em que se encontra.”

COTOVELO DA ESTRADA *exp.* Curva não muito fechada de um caminho: “Dobrando o **cotovelo da estrada**, Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido; o patrão, o soldado amarelo, e a cachorra Baleia esmoreceram no seu espírito.” (VS p. 122, l. 5 – 8). LCXND. **NL:** TC registra a variante “*cotovelo*”.

CURAR NO RASTO *exp.* Fazer sarar ferimentos de animais a distância, por meio de rezas ou orações realizadas ao se colocar ramos de folhas cruzados sobre as pegadas destes: “Fabiano **curou no rasto** a bicheira da novilha raposa.” (VS p. 17, l. 1). LCXDAE em HA, TC e AN. **NL:** TC registra na mesma entrada “*capar no rasto*” e atribui ao curador de rasto, além da faculdade de curar bicheira de animais à distância, por meio de rezas e de passes de bruxaria, a de também castrá-los pelo mesmo método. **NE:** Segundo Câmara Cascudo (2002, p. 171), essas orações são ensalmos numéricos – rezas extraídas do livro dos Salmos usadas para cura – dispostos em ordem decrescente, “que têm o poder de diminuir as entidades sob sua influência na mesma ordem em que os números foram indicados.” Uma das mais antigas data do século V: oração para curar inflamações de glândulas. Esse autor registra o modelo do ensalmo mais popular, ao fim do qual o “curador de rasto” – feiticeiro ou curioso – risca no ar uma cruz e os bichos (vermes) caem. Citando alguns folcloristas, aponta variantes destes para o sertão do Nordeste, de Minas Gerais e, ainda, para Santa Catarina.

D

DAR ÁGUA PELA BARBA *exp.* Criar sérios problemas; atrapalhar o intento de alguém; causar enormes dificuldades a outra ou outras pessoas: “Essas sessões têm **dado água pela barba** a padre Atanásio.” (CTS – p. 18, l. 2). LCXDAE em AN, HA; LCXNDA em TC, AB, AH e MC.

DAR CARTAS E JOGAR DE MÃO *exp.* Encontrar-se no controle de uma situação; dizer o quer e como quer que seja ser feito, gozando de privilégios e de todas as facilidades: “– Seu Ribeiro é trabalhador honesto, você não acha? / – Acho. Antigamente **deu cartas e jogou de mão**. Hoje é refugo.” (SB p. 190, l.11). LCXDAE em TC; LCXND em HA, MC, AH, AN e AB.

DAR EM OSSO DE MINHOCA *exp.* Fracassar em algum objetivo não se concretizar; não se realizar; ir por água abaixo; dar em nada: Que azar de Clementina! Sempre os casamentos que **dão em ossos de minhoca**.” (CTS – p. 208, l. 17). LCXND. NL: AN registra a lexia a variante “*dar em água de barrela*”.

DAR O COURO ÀS VARAS *exp.* Morrer; falecer: “O que é certo é que rosnaram por aí, você andava doido por ela e o Adrião **deu o couro às varas**.” (CTS – p. 240, l. 6). *Var.:* “*finar-se*”, “*descansar*”, “*ir-se embora*”, “*ser com Deus*.” LCXDAE em AN, TC, HA e MC; LCXND em AB e AH. NL: Na linguagem popular/popular, as formas verbais *finar-se* e *ir-se* só são usadas na terceira pessoa do pretérito perfeito, com o pronome, em geral, anteposto.

DAR-SE *v. pron.* Manter relações amistosas com alguém; relacionar-se harmoniosamente com outra pessoa: “Mas Evaristo continuou [...]. / – O senhor **se dá** com o Fortunato?” (CTS – p. 28, l. 17); LSDAE em TC; LSND em HA, AN, AB, AH e MC.

DAR UM TRAMBOLHÃO *exp.* Cair de forma espalhafatosa: “Isidoro Pinheiro deitou fora a ponta do cigarro, **deu um trambolhão**, agarrou-me um braço e berrou [...]” (CTS – p. 38, l. 12). LCXDAE em AN; LCXND em HA, TC, AH, AB e MC. NL: AN registra as variantes “*dar uma queda*” e “*levar uma queda*”.

DE BICHO NA CAPAÇÃO *exp.* Como um animal no momento em que está sendo castrado; “**De bicho na capação** (falando com pouco ensino), esperneeí nas unhas do Pereira, que me levou músculos e nervos, aquele malvado.” (SB – p. 17, l.11). LCXND.

DE CABO A RABO *exp.* Do início ao fim; completamente: “– Assistiu à missa, Pinheiro? / - [...] **de cabo a rabo**, ajoelhado na grama, com o olho no diabo da matuta. (CTS – p. 138, l. 18). LCXDAE em TC e AH; LCXND em HA, AN, MC e AB.

DE FRESCO *exp.* Recentemente; há pouco tempo: “Faz seis anos que aqui chegou, pobre, saído **de fresco** da academia. E lá vai [...]. Grande clientela [...], comprou fazenda de gado, [...]” (CTS – p. 31, l.22). LCXND.

DEITAR EM PRATOS LIMPOS *exp.* Esclarecer definitivamente todos os detalhes referentes a um assunto, a fim de resolver uma situação; resolver um mal-entendido; tirar, dirimir dúvida: “– Esperem aí, bradou o vigário. Vamos **deitar** esse negócio de reencarnação **em pratos limpos**.” (CTS – p. 36, l. 17). LCXDAE em TC, HA, MC e AN; LCXND em AB e AH. NL: AN registra a variante “*botar em pratos limpos*”.

DE MANSO *exp.* Suavemente, com bastante suavidade; com muita delicadeza ou delicadamente: “Evaristo Barroca entreabriu a porta **de manso**.” (CTS – p. 26, l. 2-3). LCXND. NL: TC registra as variantes “*de mansinho*”, “*no manso*” e “*mansamente*”.

DESAFASTAR *v.* Manter distância em relação a um determinado lugar ou a uma pessoa: “– **Desafasta**, bradou a polícia.” (VS – p. 30, l. 28). LSDAE em TC; LSND em AN, HA, AB, AH e MC.

DESCONCHAVO NO CORAÇÃO *exp.* Questão amorosa não resolvida; desordem, descompasso de natureza sentimental: “Eu, se não tivesse um **desconchavo no coração**, atirava-me a ela.” (CTS – p. 21, l. 29). LCXND.

DESEMPENADO *adj. m.* Diz-se do indivíduo esbelto; elegante, que se mostrar desembaraçado na forma de andar: “Eu, sim, estava a calhar para marido dela, que sou **desempenado**, gozo de saúde e arranho literatura.” (CTS – p. 15, l.7). LSDAE em TC, MC, AB e AH; LSND em AN e HA.

DE UMA FIGA *exp.* Diz-se do indivíduo desprezível, digno de esconjuro: “Aí começaram a aparecer intrusos, invadiram o quarto. O farmacêutico... E esse bacharel **de uma figa** que ninguém conhece.” (CTS – p. 106, l. 28) LCXDAE em MC e AN; LCXND em TC, AH, HA e AB.

DE UM FÔLEGO *exp.* Ininterruptamente; sem parar; sem descansar; sem interrupção: “Escrevi os artigos **de um fôlego**. Têm imperfeições evidentemente. Não me sobra tempo para cultivar a língua vernácula.” (CTS – p. 30, l. 7). LCXDAE em AN, MC e AH; LSND em HA TC.

DE SUPETÃO *exp.* Abruptamente, sem que fosse esperado; de repente ou repentinamente: “Tinham-lhe caído todos em cima, **de supetão**, como uns condenados.” (VS – p. 31, l. 28) LCXDAE em TC e MC; LCXND em AN, AB, HA e AH.

DEUS A CONSERVE POR MUITOS ANOS *exp.* Votos de longa vida a uma pessoa motivados pela bondade que lhe deve ser, também, preservada: “Boa mulher. **Deus a conserve por muitos anos.**” (CTS – p. 25, l. 22). LCXND.

DE VENTO EM POPA *exp.* Aceleradamente, rapidamente, progressivamente graças ao favorecimento das circunstâncias: “Naturalmente ganhou com a indicação, pois os negócios lhe andaram sempre **de vento em popa.**” (CTS – p. 32, l. 16). LCXDAE em AB, AH e MC; LCXND em HA, TC e AN.

DEVER OS CABELOS DA CABEÇA *exp.* Ter muitas dívidas; estar muito endividado: “Contenta-se com a renda mofina do jornal e **deve os cabelos da cabeça.**” (SB – a p. 209, l. 2-3). LCXDAE em AN; LCXND em AH, HA, TC, AB e MC. NL: TC registra a variante “*dever os olhos da cara*”.

DIA DE ANOS *exp.* Dia do aniversário natalício de alguém: “[Dr. Liberato] Tinha ido à casa do Mendonça, que era **dia de anos** de d. Eulália. (CTS – p. 51, l. 4). LCXDAE em AN; LCXND em TC, HA, MC, AH e AB.

DIREITO *adj. m.* Diz-se do indivíduo honesto; decente; honrado; correto em seus atos: “Nós julgávamos que o Valério fosse homem **direito**.” (CTS – p.10, l. 19). LSND. NL: AN registra “*homem às direitas*”.

DIZER COMIGO *exp.* Conversar consigo mesmo, sem emitir palavras; pensar: “– Sim senhor, **disse comigo**. Deputado!” (CTS – p. 32, l. 17). LCXND.

DOS PECADOS *exp.* Diz-se da sensação de dor extremamente forte, praticamente insuportável: “Não pude dormir ontem com uma **dor de cabeça dos pecados**. Uma peste.” (CTS – p. 44, 19) LCXND.

DURO COMO BEIRA DE SINO *exp.* Indivíduo que não se abala com o drama dos outros, permanecendo inflexível nessa postura: “O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo [...]. Andei, virei, mexi, procurei empenho – e ele **duro como beira de sino**”. (SB – p. 17, l. 23 – 27). LCXND.



EM ATITUDE DE GALINHA ASSADA *exp.* Retesado e à disposição, aguardando as determinações do patrão: “[...] sentou-se num tamborete e, sério, **em atitude de galinha assada**.” (SB – p. 170, l. 8). LCXND. NE: A expressão, provavelmente, foi motivada por um costume do povo nordestino, principalmente do interior, que, em festas de padroeira, expõem numa bandeja uma galinha assada para ser rifada. No contexto da obra, a visita do patrão tinha como finalidade “rifar” (demitir) o seu empregado.

EMBATUCAR *v.* Calar-se constrangido por não saber argumentar; emperrar-se; encabular-se: “[...] ia pegar uma xícara de café, deixou pender a mão suja e **embatucou**.” (CST – p. 21, l.). LSDAE em TC, AH, MC e AB; LCXND em HA e NA.

EMBELECO *s. m.* “Estorvos, obstáculos, empecilhos a um acordo: “Padilha, por camaradagem, consentiu em receber sessenta. Discutimos duas horas, repetindo os mesmos **embelec**os, sem nenhum resultado.” (SB p. 28, l. 28). LSDAE em TC e MC; LSDAD em HA e AH; LSND em AN.

EMBRENHAR-SE *v. pron.* Ocultar-se ou envolver-se nos próprios pensamentos: “**Embrenhei-me** numa fantasia doida por aí além, de tal sorte que em poucos minutos Adrião se finou.” (CTS – p. 25, l. 3). LSDAE em AB, MC e TC; LCXDAD em AH; LSND em AN e HA.

EM MANGAS DE CAMISA *exp.* Sem paletó, vestido com camisa de mangas longas dobradas a uma altura pouco abaixo dos cotovelos, ou curtas à altura dos cotovelos ou um pouco acima: “E eu **em mangas de camisa**, a estragar-me no escritório dos Teixeira.” (CTS – p. 14, l.14). LCXND.

EMPAMBADO *adj. m.* Diz-se da pessoa muito anêmica, por isso muito pálida, fraca, opilada: “Jaqueira era um sujeito **empambado**, os moleques, e **as quengas de pote e esteira**, batiam nele.” (SB – p. 168, l6). LSDAE em HA, TC, MC e AH; LSND em AB e AN.

ENCHER O QUENGO COM ESTOPADA *exp.* Ocupar a cabeça com asneiras, tolices, chateações: “- E não se **enche o quengo com estopadas**, acrescentei.” (SB, p. 105, l. 15). LSDAE em TC, HA, AB, AH, MC; LSND em AN.

ENFEZADO *adj. m.* Diz-se da pessoa em estado de irritação, aborrecida: “Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, **enfezado**, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o.” (VS – (p. 20, l.21). LSDAE em TC, HA, AB, AH e MC; LSND em AN.

ENGATAR-SE *v. pron.* “Herdeira rica, sim senhor. Por que não **se engata** com ela, João Valério?” (CTS – p.21, l. 23). LSDAD em HA, AB, MC e AH; LSND em TC e AN. V. “*atracar-se*”.

ENGROLAR *v.* Falar de maneira confusa, que não se pode compreender o que diz: “O diretor da Semana pregou os bugalhos dos olhos surpreendidos, sacudiu a cabeça com um gesto de nervoso e **engrolou** uma explicação.” (CTS – p.34, l.16). LSDAE em TC, HA, MC, AH; LSND em AN e AB.

ENGROSSAR v.. Bajular; adular: “Ao sair, refleti com espanto na insensatez que Evaristo revelava **engrossando** o Fortunato.” (CTS – p. 31, l.12). LSCXDAE em TC, HA, MC, AB e AH; LSND em AN.

ENREDEIRO *adj.* Diz-se de quem faz intrigas, fuxicos, mexericos: “– Seu Ribeiro é trabalhador honesto, você não acha? / – Acho. [...]. / – E o Padilha... / – Ah! não! Um **enredeiro**.” (SB p. 190, l.11). LSDAE em TC, HA, AH, MC; LSND em AB e AN.

ENXERIR-SE v. *pron.* Insinuar-se a uma querendo conquistá-la, namorá-la: “Ela ficou se mijando de gosto. Depois botou os quartos de banda e **enxeriu-se** com João Fagundes.” (SB – p. 16, p. 19). LSDAE em HA, TC, AH e MC; LSND em AB e AN.

ESPOJAR-SE v. *pron.* Contorcer-se, esfregar-se, embolar-se deitado no chão: “Tentei recordar a figura da cabocla, [...]. Como lamentava o Pinheiro não **se ter espojado** num canto do muro com aquilo?” (CTS – p. 138, l. 27). LSDAE em TC, HA, AB, MC e AH; LSND em AB e AN.

ENSEBAR AS CANELAS *exp.* Fugir às pressas de algum lugar; abandonar um lugar rapidamente: “Daí em diante encantou-se. Disseram-me que tinha **ensebado as canelas** para S. Bernardo.” (SB – p. 26, p. 4). LCXND.

ENSINAR RATO A FURAR ALMOTOLIA *exp.* Ser perito, hábil, esperto, sagaz, matreiro. “O doutor, que **ensinou rato a furar almotolia**, sacudiu-me a justiça e a religião.” (SB p. 18, l. 9). LCXND. NL: AB, acepção 1, e MC, acepção 2, registram “almotolia” como sinônimo de azeiteira, coerentes com a entrada em destaque. Para MC, “almotolia: garrafa alta, de barro vidrado”; TC traz a variante “*ensinar rabo de couro (ou rato) a subir em garrafa*”.

ENXERIDO *adj. m.* Diz-se do indivíduo que se intromete em assunto que não lhe diz respeito; atravessado; abelhudo: “O menino estava ficando muito curioso, muito **enxerido**.” (VS – p.20, l.20-21). LSDAE em TC e HA; LSND em AB, AH e MC.

ESCAFEDER-SE v. *pron.* Ir-se embora de um lugar às escondidas e às pressas: “[...] **escafeder-se** [...] com uma no cano, outra no fecho, não.” (SB – p. 200, l.1). LSDAE em TC, AH, AB e MC; LSND em HA, AN.

ESCANGALHAR-SE *v. pron.* Ficar destroçado; quebrar-se, destroçar-se: “Melhor teria feito se houvesse arrumado os *Caetés* no interior do país e deixado a embarcação **escangalhar-se** como Deus quisesse.” (CTS – p.50, l. 26). LSDAE em TC. LSND em HA, AN, TC, AH e AB.

ESPERNEAR NAS UNHAS DE *exp.* Agitar-se e irritar-se por se sentir impotente diante de uma situação de sofrimento e/ou constrangimento: “De bicho na capação (falando com pouco ensino), **esperneei nas unhas** do Pereira, que me levou músculos e nervos, aquele malvado.” (SB – p. 17, l.11). LCDAE em TC; LCND em AN, HA, MC, AH e AB.

ESTAR NA VIDA, DE PORTEIRA ABERTA *exp.* Encontrar-se na prostituição, à disposição de qualquer um, de forma publicamente declarada, evidente: “Quando me soltaram, ela **estava na vida, de porta aberta**, [...]”. (SB p. 17, l.3). LCXND.

ESTAR PARIDO POR *exp.* Encontrar-se afeiçoado a alguém que lhe dispensa extremada dedicação, cuidado: “Que diabo tem você com o Marciano para estar tão **parida** por ele?” (SB – p. 129, l.14). LCXDAE em MC e AH; LCXND em TC, HA, AB e AN.

EXCOMUNGADO *adj. m.* Diz-se do indivíduo preguiçoso, malandro: “– Anda **excomungado**. O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo.” (VS – p. 10, l. 11). LSDAE em TC; LSDAD em HA, AB e AH. LSND em AN.



FALAR COM O NARIZ EM BICO *exp.* Dirigir a palavra a alguém arrogantemente, imperiosamente e com modos ameaçadores: “Agressiva e espalhafatosa, falava como se quisesse espetar a gente **com o nariz em bico**.” (CTS – p. 63, l. 29). LCXND.

FAZER UMA PERNA *exp.* Ser o parceiro de outro num jogo: “– [...] O poker é uma instituição. **Faça uma perna**.” (CTS – p. 209, l. 11-12). LSDAE em HA e AN; LCXND em AH, MC e AB. NL: MC registra a lexia “perna” = parceiro; amigo, como sendo uso coloquial no Nordeste.

FERRAR NO SONO *exp.* Adormecer em sono profundo: “Algumas vezes Luísa falava de contos, versos, novelas. O marido **ferrava no sono.**” (p. 11, l.8). LCXDAE em AN, HA, TC e MC; LCXND em AH e AB.

FICAR DE SACO NAS COSTAS *exp.* Passar a viver pedindo esmolas como consequência do duplo prejuízo: “[...] – Aqui entre nós, murmurou o desgraçado, sempre desejei conservar a fazenda. / – Para quê? [...] e se eu mandar tocar fogo na binga, você **fica de saco nas costas.** [...] Faça preço.” (SB – p. 28, 12-13). LSDAE em HA e TC; LSND em AN, AH, AB e AN.

FICAR DE VENTA INCHADA *exp.* Tornar-se amuado, mal-humorado: “Madalena respondeu-me com quatro pedras na mão e **ficamos de venta inchada** uma semana” (SB p. 140, l. 26). LSDAE em AN; HA; LCXND em TC, AB; AH e MC.

FICAR SEM MEL E SEM CABAÇO *exp.* Perder uma e outra coisa; perder as duas coisas: “– Felicito-a pela prudência. Efetivamente a senhora arriscava a **ficar sem mel nem cabaço.**” (SB – p. 101, l. 10). LCXDAE em MC; LCXND em HA, TC, AH, AN e AB.

FICAR-SE MIJANDO DE GOSTO *exp.* Tornar-se incapaz de controlar a extrema satisfação: “Numa sentinela, que acabou em furdunço, abrequeia Germana, [...] e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela **ficou se mijando de gosto.**” (SB – p. 16, p. 19). LCXND. **NL:** Em linguagem pejorativa, mijar significa ter medo ou mostrar-se medroso (MC, acepção 3). Por substituição, outras emoções, também, podem entrar na construção desse tipo de lexia.

FINAR-SE *v. pron.* “[...] Como vai o doente? [...]. – **Finou-se**, é com Deus, descansou, foi-se embora.” (CTS – p. 229, l. 16). **V.** “*dar o couro às varas*”. LCXDAE em MC; LCXND em HA, TC; AN, AH e AB.

FITA AZUL *s. f.* Objeto de devoção feito de fita de cor azul, em formato V, pendente para frente, com uma medalha de Nossa Senhora, e para trás. É usado no pescoço por mulheres que fazem parte da Congregação de Maria: “– Obrigada, respondi. Com um pai destes! E a carolice, os bentinhos, a **fita azul...**” (CTS – p. 21, l. 25). LCXND.

FOGO-CORREDOR *s. m.* Sensação de angústia que de tão intensa parece queimar a alma: “E havia também aquele **fogo-corredor** ia e vinha ao espírito dele (VS – p. 36, l.25). LCND.

FROUXO *adj. m.* Diz-se do indivíduo que não tem coragem, é medroso e covarde: “E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns **frouxos**, uns capados, sim senhor.” (VS – p. 78, l. 27-28). LSDAE em TC e HA, AH e MC; LSND AB. NL: HA registra a variante “*poltrão*” e “*potrão*”.

FURDUNÇO *s. m.* Tumulto gerado por algum fato; desordem; bagunça; baderna; briga: “Numa sentinela, que acabou em **furdunço**, abreequei a Germana, [...] e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda.” (SB – p. 16, p. 19). LSDAE em HA, TC e MC; LSND em AB, AN e AH.



GANHAR O PÃO *exp.* Garantir a sobrevivência por meio do trabalho: “Morei trinta anos em Turim e **ganhei o pão** como tipógrafo.” (CTS – p. 19, l. 27). LCXND.

GARATUJAR *v.* Expressar as ideias sem muita clareza e com letra de forma indefinida: “[...] por mais que me esforçasse. Só conseguiria **garatujar** uma narrativa embaciada e amorfa.” (CTS – p. 1). LSDAE TC, AH, MC e AB; LSNE em AN; e HA.

GIBÃO *s. m.* Casaco de couro usado pelos vaqueiros nordestinos para pastorear o gado, como forma de se livrarem dos espinhos da caatinga: “Ao ser contratado recebera o cavalo de fábrica, perneiras, **gibão**, guarda-peito [...].” (VS p. 23, l.18). LSDAE em HA, TC, AH e MC; LSND em AB, AN.

GUARDA-PEITO *s. m.* Peça de couro presa ao pescoço e à cintura do vaqueiro, à maneira de guarda-peito, para resguardar-lhe o peito nas corridas no mato: “Ao ser contratado recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, **guarda-peito** [...].” (VS p. 23, l.18). LCDAE em HA, TC, AH e MC; LCND em AN e AB.

H

HOMEM DE FACÃO GRANDE *exp.* Diz-se do indivíduo que goza de posição prestigiada: “O safado do velhaco, turuna, **homem de facão grande** no município dele, passou-me um esbregue.” (SB – p. 17 – 18 l. 30; 31). LCXDAE em AN; LCXND em HA, TC, AB, MC e AH.

HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA *exp.* Momento difícil de assumir o compromisso, neste caso de efetuar o pagamento: “O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na **hora da onça beber água** deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes (SB – p. 17, l. 22). LCXDAE em; TC; AN, MC e HA; LSND em AB e AH. **NL:** “Cancão é um pássaro de cor preta e estridente e cujo ninho é tão difícil de ser localizado que deu origem a comparação: ‘É mais difícil do que ninho de *cancão*.’” (HA). Nesse mesmo sentido, é ainda usada a variante “*na hora do vamos ver*”, “*na hora do pega pra capar*” (TC). “*hora de canção pegar menino*” (AN, TC).

I

INTELIGÊNCIA DE PERU NOVO *exp.* “[...] emprenha pelos ouvidos, **inteligência de peru novo**, besta como aruá” (SB – p. 60, l. 15). LCXND. **V.** “*besta*, acepção 3.”

IR-SE EMBORA *exp.* “[...] Como vai o doente? [...]. – Finou-se, é com Deus, descansou, **foi-se embora**.” (CTS – p. 229, l. 16). **V.** “*dar o couro às varas*”. LCXDAE em AH e MC; LCXND em HA; AN, AB e TC.

J

JURO DE JUDEU *exp.* Diz-se da elevadíssima taxa cobrada pelo credor sobre o dinheiro emprestado: “[Monteiro] É um usuário, um ladrão, esfolia a gente com **juro de judeu**” (CTS – p. 38, l.1). LCXDAE em AN; LSND em TC, HA, AH, AB e MC.

JUIZO DE GALINHA *exp.* Diz-se da pessoa insensata, desajuizada; desmiolada: “Atrapalhei-me e contentei-me com injuriá-los: – Mal agradecidos, estúpidos. [...] – **Juízo de galinha.**” LCND.

∞ L ∞

LAMBANÇA *s. f.* Conversa fiada; mentira; fanfarronice; presepada: “– [...] Fizeram-lhe alguma grosseria por lá? / – Sempre me distinguiram com amabilidades que não mereço. / – **Lambanças**, homem. Deixe-se disso, fale direito, atalhou Adrião.” (CTS – p. 43, l. 27). LSDAE em TC, HA, MC e AH; LSND em AN, AB.

LAMBER OS PÉS DE *exp.* “– Perfeitamente, concordou Nazaré. Mas foi ele. **Lambeu os pés do** Mesquita e chegou a deputado.” (CTS – p. 59, l. 21-22). V. “*chaleirice*”, “*açúcar*”. LCXDAE em AN, AH, AB, MC; LCXND em HA e TC.

LANÇAR *v.* Expelir pela boca substâncias que se encontram no estômago; vomitar: “A mulher tísica, no catre, **lançando sangue**, homem!” (CTS – p. 39, l. 7) LSDAE em TC e AB; LSND em HA, AN, MC e AH.

LOROTA *s. f.* “Sapeque logo essa trapalhada [...]. Que eu **lorotas** de espiritismo não tolero. E o Allan Kardec...” (CTS – p. 35, l. 29). V. “*lambança*”. LSDAE em TC, HA, AB, AH e MC; LSND em AN.

LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO *exp.* Saudação de um católico ao entrar numa casa, numa reunião de pessoas. A resposta a essa saudação era: Para sempre seja louvado. “– **Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, seu major**”. (SB – p. 44, l. 14). LCXDAE em AN; LCXND TC, HA, AH, MC, AB.

∞ M ∞

MACACOA *s. f.* Doença leve, insignificante, sem gravidade: “As **macacoas** deste homem não deixam ninguém descansar.” (CTS – p. 107, l. 13). LSDAE em TC, HA, AH, AB e MC; LSND em AN.

MAÇADA *s. f.* Conversa ou situação fastidiosa; importunação; amolação: “Acharam-me apático e murcho. D. Maria José perguntou, solícita, se as comidas me desagradavam. **Maçada**. As comidas eram ótimas, respondi, mas o estômago e a cabeça não me iam bem.” (CTS – p. 23, l. 6). LSDAE em TC, AH, AB e MC; LSND em AN e HA.

MANDACARU *s. m.* Planta característica da caatinga nordestina, conhecida popularmente como cacto ou cardeiro: “A aragem morna sacudia os xiquexiques e os **mandacarus**.” (VS – p. 15, l. 25-26). LSDAE em AH, AB e MC; LSND em TC, HA e AN.

MANDAR FAZER UMA DE ENCOMENDA *exp.* A solução é mandar fazer conforme o ideal e fim determinados, pois não existe naturalmente pronto: “Onde se vai achar outra [moça] em melhores condições? Se aquela não lhe agrada, **só mandando fazer uma de encomenda**.” (CTS – p. 39, l. 25-26). LCXND. **NL**: Ao ser usada em referência a um ser humano, essa lexia passa a ter uma carga semântica irônica.

MÃOS DE MULHER QUE VIVE A REZAR *exp.* Diz-se de mãos delicadas, de pele fina e macia, que não trazem as marcas do trabalho de nenhuma natureza, leve, grosseiro ou pesado: “Realmente não era feia, com aquele rostinho moreno, grandes olhos pretos, boca vermelha de beiços carnudos, cabelos tenebrosos, **mãos de mulher que vive a rezar**.” (CTS – p. 41, l. 15). LCXND.

MARMOTA *s. f.* Ser sem vida corpórea, que aparece como fantasma, assombração: “À noite parecia ouvir passos no jardim. [...] – Quem está aí? É bicho de fôlego ou **marmota**?” (SB – p. 179, l. 10). LSDAE em TC, MC e AH; LSDAD em AB e HA; LSND em AN.

MAROTEIRA *s. f.* Falta de vergonha; canalhice: “Não vivo com saltos de pulga, ninguém, encontra em mim rabo de palha. Amigo de todos, mas com seriedade, sem **maroteiras**.” (CTS – p. 198, l. 12). LSND em HA, AN e TC; LSDAE em AH, AB e MC.

MEDONHO *adj. m.* Diz-se daquilo que é extraordinariamente pavoroso, triste, horrendo: surpreendente: “– [...] e d. Maria referiu o caso **medonho** de uma negra que morrera queimada na semana anterior.” (CTS – p. 45, l. 24). LSDAE em TC, HA, AH, AB e MC; LSND em AN.

METER O RABO NA RATOeira *exp.* Recuar em relação a uma situação, temendo consequências prejudiciais; entregar os pontos: “No outro dia, cedo, ele **meteu o rabo na ratoeira** e assinou a escritura” (SB p. 30, l. 3). LCXND.

MOLECOREBA *s. f.* Os moleques de um lugar; bando, magote: “Pelo menos o Gondim e padre Silvestre estiveram lá examinando a **molecoreba** e acharam tudo em ordem.” (SB – p.87, l. 18). LSDAE em AH; LSND em HA, TC, AN, AB e MC.

MOURÃO *s. m.* Esteio grosso fincado no chão ao lado da porteira, para sustentá-la: “Trepou-se no **mourão** do canto, examinou a catinga, onde avultava as ossadas e o negrume dos urubus.” (VS – p. 13, l.7-9). LSDAE em HA, TC, AH e MC; LSND em AN e AB.

MULUNGU *s. m.* Árvore de grande porte, da família das leguminosas, ornamental devido as suas flores vermelhas ou amarelas. A sua madeira é branco-amarelada, porosa e leve; mulunguzeiro: “O **mulungu** do bebedouro cobria-se de arribações, provavelmente o sertão ia pegar fogo”. (VS – p. 109, l. 1). LSDAE em MC e AH; LSND em AB, HA, AN e TC.

N

NÃO BEBER ÁGUA NA RIBEIRA DO NAVIO *exp.* Ser experiente, ativo, esperto, sagaz: “Casimiro Lopes, que **não bebia água na ribeira do Navio**, acompanhou-me.” (SB – p. 19, l. 2). LCXND.

NÃO DEITAR ÁGUA A PINTO *exp.* Ser esperto, matreiro, astuto;: “Bom advogado, negócios direitos [...], mas no gênero mulher é uma rede, **não deita água a pinto**. (SB – p.159, l.13-14). LCXND.

NÃO METER PREGO SEM ESTOPA *exp.* Agir sempre de forma interesseira; a expressão é usada em referência à pessoa que pauta suas ações em interesses próprios, geralmente ambiciosos: “– O advogado, homem, esse Barroca [...]. Aquilo **não mete prego sem estopa**.” (CTS - p. 34, l. 22). LCXDAE em AN, HA, TC, MC, AH e AB.

NÃO TER ONDE CAIR MORTO *exp.* Ser extremamente pobre; estar na miséria; ser pobretão: “Tomar as coisas de um infeliz que **não tem onde cair morto.**” (VS – p.98, l. 11-12). LCXDAE em TC, AN e HA; LCXND em AB, MC e AH. **NL:** HA e AN registram as variantes “*Não ter eira nem beira*” e “*Sem eira nem beira*”.

NÃO VIVER COM SALTOS DE PULGA *exp.* Ter conduta correta; agir de modo a não ter o que esconder, a não temer julgamentos: “**Não vivo com saltos de pulga**, ninguém, encontra em mim rabo de palha. Amigo de todos, mas com seriedade, sem maroteiras.” (CTS – p. 198, l. 12). LCXDAE em AN; LCXND em HA, AB, AH e MC.



O MINGAU VIROU ÁGUA *exp.* “– É o diabo, Gondim. **O mingau virou água.** Três tentativas falhadas num mês!” (SB p. 9, l. 28). LCXND. **V.** “dar em ossos de minhoca”.

O MUNDO É UM PAU DE FORMIGA *exp.* Universo complicado, cheio de encrencas, de contradições: “No dia seguinte o [...] Epitácio visitou-me no hospital e repreendeu-me: ‘Pois você, seu Nicolau, um sujeito de coragem, virar maluco!’ E eu respondi: ‘É verdade, seu Presidente, **o mundo é um pau de formiga.**’” (CTS – p. 82, l. 11-12). LCXDAE em AN; LCXND em TC, HA, AB, AH e MC.

ONDE JUDAS PERDEU AS BOTAS *exp.* Lugar muito distante “– [...] E que há no livro umas estatuetas desenterradas lá onde Judas perdeu as botas.” (CTS – p. 55, l.23). LCXND em HA, TC, AH e AB; LCXDAE em AN e MC.



PABULAGEM *s. f.* Alarde de qualquer coisa que se considere positiva; bravata; fanfarronice; gabolice: “[...] Que desculpa iria apresentar a sinha Vitória? [...] A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. “Era atilada, notaria a **pabulagem.**” (VS – p.29, l. 30). LSDAE em HA, AH, MC; LSND em AB, TC e AN.

PANCADÃO *s. m.* “Sim senhor, um **pancadão**. Isto de saias eu conheço bem.” (CTS – p.86, l. 22). *V.* “*bichão*”. LSDAE em HA; LSND em TC, AN, MC, AH e AB.

PANDEGAR *v.* Viver na boemia (em pândegas); farrear: “E eu, o caminho aplainado, invadi a terra dos Fidélis, parálítico de um braço, e a dos Gama, que **pandegavam** no Recife, estudando direito.” (SB – p. 49, l. 9). LSDAE em AH, AB e MC. LSND em HA, TC e AN.

PASSAR AS UNHAS NOS BABADOS *exp.* Ir, aos poucos, se apropriando do que restou de algo; ir se apossando das sobras de alguma coisa de forma gradativa: “Hoje que o engenho caiu, o gado dos vizinhos rebentou as porteiras, as casa são taperas, o Mendonça **vai passando as unhas nos babados...**” (SB – p. 28, l. 19). LCND.

PAU *s. m.* Qualquer tipo de árvore ou tronco de árvore, de arbusto, principalmente, quando não se conhece o nome: “Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um **pau**.” (VS – p.23, l.27-28). LSDAE em HA, TC, AH e AN; LSDAD em AB e MC. **NL**: Nesse sentido, TC e AN registram apenas as lexias complexas “*pé de pau*”, “*pé de árvore*”, “*pé de mato*”.

PAU-FURADO *s. m.* Qualquer arma de fogo; espingarda: “Andei por lá uns meses de tanga, procurando passagem, comendo da banda podre. Veio o furdunço. E, como não tinha o que fazer na vida, peguei no **pau-furado**”. (SB – p. 16, p. 19). LCPDAE em TC HA e AN; LCPND em AB, AH e MC.

PÉ DE RABO *exp.* Nádegas: “De repente conheci que estava querendo bem à pequena. [...] Miudinha, fraquinha. D. Marcela era um bichão. Uma peitaria, um **pé de rabo**, um toitiço!” (CTS – p.77, linha 27). LCXDAE em AB, HA e MC; LCXND em AN, TC e AH.

PEGAR NO PAU-FURADO *exp.* Prestar serviço militar, especialmente, em guerra: “Andei por lá uns meses, de tanga, procurando passagem, comendo da banda podre. Veio o furdunço. E, como não tinha o que fazer na vida, **peguei no pau-furado**”. (CTS – p. 81, l. 13). LCXDAE em AN, HA, MC e TC; LCXND em AB e AH. **NL**: AN registra as variantes “*pegar no pau-da-goiaba*”, “*pegar no pau-de-fogo*”.

PEITARIA *s. f.* Seios bastante volumosos. “D. Marcela era um bichão. Uma **peitaria**, um pé de rabo, um toitiço!” (CTS – p.77, linha 27). LSDAE em MC; LSND em AB, AH, HA, AN e TC.

PEJADA *adj.* Diz-se da mulher que está grávida, que traz no seu útero um filho ou filha; prenhe; cheia. “Também acontecia que uma sujeitinha começava a chorar e acabava confessando que estava **pejada**.” (SB – p. 44, l. 20). LSDAE em HA, AB e AH; LSND em TC, AN e MC.

PERNEIRA *s. f.* Calça de couro muito justa usada pelos vaqueiros: “Ao ser contratado recebera o cavalo de fábrica, **perneiras**, gibão, guarda-peito [...]” (VS p. 23, l.18). LSDAE em HA, TC, AH, AB e MC; LSND em, AN.

PESSOA DE CERTA ORDEM *exp.* Pessoa de um considerável nível de escolaridade; de conhecimento; que estudou e, por isso, tem qualificação profissional: “Faz até raiva ver uma pessoa de certa ordem sujeitar-se a semelhante miséria. Tenho empregados que nunca estudaram e são mais bem pagos”. (SB – p. 86, l. 25). LCDND.

PEXOTE *s.* 2g Indivíduo inexperiente no jogo; mau jogador: “Aperuei meia hora e percebi que o rapaz era **pexote** e estava sendo roubado descaradamente”. (SB – p. 21, l. 13). LSDAE em HA, AH e MC; LSND em AB, TC e AN.

PINTAR O BODE *exp.* Fazer diabruras; praticar travessuras, desatinos; divertir-se; pandegar: “Na opinião do Silveira, as normalistas pintam o bode [...]” (SB p. 158, l.). LCDAE em AN, TC, HA; LCND em AH, MC e AB. **NL: Var.:** Pintar o sete; pintar os canecos; pintar o diabo; pintar o diabo a sete; pintar a manta; pintar o cão.

PODRE DE RICA *exp.* Extremamente rica; riquíssima: “Ora ali estava aquela viúva antipática, **podre de rica**, morando numa casa grande como um convento [...]” (CTS – p. 14, l. 11). LCXDAE em AN, HA e TC; LCXND em AB, AH e MC.

POR DESGRAÇA *exp.* Em grande quantidade, muito: “– Olhe aquilo, veja que prédio. Vale vinte contos. Pedra e madeira de lei. E terras, cada zebu de trinta arrobas, libra esterlina **por**

desgraça, fortuna grossa, meu filho, e tudo da Marta, que o Miranda me contou.” (CTS – p. 40, l. 30). LCXND.

PUBO *adj. m.* Diz-se do corpo dolorido pelo cansaço; moído; quebrado: “Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma pisa de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, **pubo**, [...] na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes.” (SB – p. 16, 28). LSDAE em TC, MC e AH; LSND em HA, AN e AB.

Q

QUEIMAR O ASSENTO NO CHÃO *s. m.* Abrasando as nádegas, a bunda, no chão, que de tão quente por conta da incidência do sol escaldante sobre ele, assemelhava-se a fogo: “Sinhá Vitória, **queimando o assento no chão**, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos [...]” (VS – p. 11, l. 23-24). LCXND.

QUENGA DE POTE E ESTEIRA *exp.* Prostituta que não tem ponto fixo, vai fazer programa em qualquer lugar onde dorme, come e bebe: “Jaqueira era um sujeito empambado, os moleques, e **as quengas de pote e esteira**, batiam nele.” (SB – p. 168, 16). LCXND.

QUERER ABARCAR O MUNDO COM AS PERNAS *exp.* Dispor-se a fazer diferentes coisas simultaneamente; assumir vários compromissos ao mesmo tempo: “[...] não prestei atenção aos que me censuravam por **querer abarcar o mundo com as pernas**.” LCXDAE em TC; LCXND em AN, HA, AH, MC e AB.

R

RABO DE PALHA *exp.* Defeitos ou atitudes reprováveis que comprometem a reputação de uma pessoa: “Não vivo com saltos de pulga, ninguém, encontra em mim **rabo de palha**.” (CTS – p. 198, l. 12). LCXDE em HA, AN, AH, AB e TC.

RASGAR MORTALHA *exp.* Voar (a coruja) anunciando com um canto lúgubre, fúnebre a próxima e inevitável morte de um enfermo da vizinhança: “No céu negro uma coruja passou

alto piando. – Diabo! exclamou Isidoro, supersticioso [...]. Não gosto de ouvir estes amaldiçoados gritos. Justamente por cima da casa do Silvério, que está de cama, esta peste voar, **rasgando mortalha**.” (CTS – p. 36, l. 27). LSDAE em TC, AH, AB e MC; LSND em HA e AN. **NE**: Segundo Câmara Cascudo (2002, p. 164 e 571), essa espécie de coruja, pequena e alvacentas, é denominada rasga-mortalha porque o atrito de suas asas nesse voo baixo e pesado “lembra um pano resistente que fosse rasgado bruscamente. Os supersticiosos dizem que a coruja está rasgando mortalha para algum doente da vizinhança.” Esse autor afirma que, em Alagoas, a rasga-mortalha é chamada de “*graxadeira*”.

REIMOSO *adj.* Diz-se do Indivíduo que se irrita com muita facilidade, é brigão e genioso.: “E abrandei, meio arrependido, porque não queria brigar com Mendonça, homem reimoso.” (SB – p. 32, l.7). LSDAE em HA, AB, AH, MC e TC; LSND em AN.

REMEXER O QUENGO *exp.* Pensar; não tirar algo da cabeça: “Luís Padilha tinha recebido o recado e desde a véspera **remexia o quengo**, curioso” (SB – p. 55, l.25). LCXND Cf. quengo.

S

SABER ONDE TEM AS VENTA *exp.* Saber conduzir-se, agir; ser experiente; ter muito conhecimento acerca de qualquer assunto: “Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e **sabia onde tinha as vendas**.” (VS – p. 33, l.22). LSDAE em TC; LCXND em AN, HA, AB, AH e AN.

SACO DA MALOTAGEM *s. m.* “Fabiano atrás, [...] a espingarda de pederneira num ombro, o **saco da malotagem** no outro.” (VS – p. 118, l.15). V. “*aio*” LCND.

SENTINELA *s. f.* Vigília realizada a um defunto por familiares e amigos antes do sepultamento ou cremação; velório: “Numa **sentinela**, que acabou em furdunço, abrequei a Germana, [...] e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda”. (SB – p. 16, p. 19). LSDAE em MC, HA e TC; LSDAD em AH e AB; LSND em AN.

SER COM DEUS *exp.* “[...] Como vai o doente? [...]”. – Finou-se, **é com Deus**, descansou, foi-se embora.” (CTS – p. 229, l. 16). **V.** “*dar o couro às varas*”. LCXDAE em TC; LCXND em AN, AB, HA, AH e MC.

SERVIR DE ESPOLETA *exp.* Atender a todas as necessidades e vontades de alguém, com servilidade, com bajulação; ser leva-e-traz: “Bem feito. Se eu não servisse de espoleta a sua mulher, não acontecia isto.” (S B - p. 171, l.3). LCXND. **NE:** Encontra-se registrada a lexia espoleta em TC, AH, AB e MC.

T

TER BARRIGA DE EMA *exp.* Ser acostumado a não cumprir com os compromissos assumidos, com os acordos, deixando-os sob a responsabilidade do acordante: “Mas o Brito **tem barriga de ema**: desprezou o aviso e mandou-me diversas cartas, as primeiras com choro, as últimas com exigências.” (SB, p. 71, l.14). LCXND. **NL:** Essa lexia encontra-se motivada, provavelmente, pelo fato de a ema ser uma ave cujo choco dos ovos, postos por várias delas, dar-se pelo macho, que, também, cuida dos filhotes. Segundo Cascudo (2002, p. 209), nas campinas e tabuleiros do Nordeste elas eram em muitas. Sua carne era bastante apreciada e, nas feiras e mercados, expostas à semelhança da carne de gado, em mantas.

TER GRAÇA *exp.* Ser o que faltava; não ter cabimento; não ter sentido: “Tinha graça eu esquecer o que me aconteceu no exército! Eu me chamava Cunha, sargento Cunha. (CTS – p. 21, l.15) O Siqueira Campos? [...] replicou o herói indignado. Foi comigo. O Siqueira Campos! **Tinha graça**.” (CTS – p. 17). LCXND.

TER BOA PONTA DE LÍNGUA *exp.* Ser conversadeira; saber conversar; saber o que diz: “Apesar de **ter boa ponta de língua**, sentia um aperto na garganta e não poderia explicar-se.” (VS – p. 120, l. 13). LCXND.

TER ROUPA NA MOCHILA *exp.* Ter coragem, habilidade, competência para enfrentar algo. “-Vamos ver quem tem roupa na mochila.” (SB, p.14, linha 27). LCXDAE em TC; LCXND em AB, AN, AH, HA e AN.

TER UMA ADUELA A MENOS *exp.* Ser excêntrico, esquisitão, meio amalucado; não regular bem do juízo: “Ela deu um muxoxo e, brincalhona como uma garota: / – Parece que este rapaz **tem uma aduela a menos.**” (CTS - p. 109, l. 15-16). LCXDAE em AN, TC, MC e AH; LCXND em AB e HA. NL: HA registra “*ter uma telha a menos*”.

TIRAR AS PEIAS DA LÍNGUA *exp.* Começar a falar mais do que é costumeiro; começar a falar sem parar: “Azevedo Gondim, a quem o conhaque tinha **tirado as peias da língua**” (SB - p. 149, l. 5). LCXND.

TOCAR FOGO NA BINGA *exp.* Incendiar algo imprestável, sem valor: “[...] – Aqui entre nós, murmurou o desgraçado, sempre desejei conservar a fazenda. / [...] – e se eu mandar **tocar fogo na binga**, você fica de saco nas costas.” (SB – p. 28, 12-13). LSDAE em HA e TC; LSND em AN, AH, AB e AN.

TOITIÇO *s. m.* “D. Marcela era um bichão. Uma peitaria, um pé de rabo, um **toitiço!**” (CTS – p.77, linha 27). V. “*cachaço*”. LSDAE em HA, TC, AH e MC; LSND em AN e AB.

TRÁS-ZÁS, NÓ CEGO *exp.* Imediatamente; num instante; sem delongas; “Detesto picuinhas. Comigo é **trás-zás, nó cego.**” (SB- 60, l. 27). LCXDAE em AN, HA e TC; LCXND em AB, AH e MC.

TRASTE *s. m.* Indivíduo maroto, de maus costumes; pessoa desclassificada, de mau caráter: “Nós julgávamos que o Valério fosse homem direito. Enganamo-nos é um **traste.**” (CTS – p.10, l. 20). LSDAE em TC, AN, HA, AB, AH e MC

TURUNA *adj. f.* Diz-se do indivíduo forte, ativo, desembaraçado: “O safado do velhaco, **turuna**, homem de facão grande no município dele.” (SB – p. 17, l.30). LSDAE em TC, e HA; LSND e, AN, AH, AB e MC.



UM-DEUS-NOS-ACUDA *exp.* Balbúrdia, confusão, desordem barulhenta: “Chovia que era **um deus -nos - acuda.**” (SB – p. 26, l. 7). LCXDAE em TC e MC; LCXND em HA, AN, AH e AB.

V

VASSOURINHA *s. f.* Vassoura rústica, que, na zona rural, é feita do arbusto de mesmo nome: “Varrido o chão com **vassourinha**, escorregaria entre as pedras, enroscariar-se-ia [...]” (VS – p. 70, l.16), LSDAE em TC, HA, AH, MC e AB.

VEXADO *adj. m.* Diz-se do indivíduo apressado, impaciente: “Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Replicou-o **vexado**: / – Esses capetas têm idéias...” (VS – p. 20, l.21-24). LSDAE em HA, TC, AB, AH e MC; LSND em AN. **NL**: HA e TC registram a variante “*avexado*”.

VOLTA *s. f.* Corrente feita em metal, geralmente, ouro ou prata, usada como adorno para o pescoço: “Ajeitou a **volta**, abotoou a batina [...] e atirou de chofre uma de suas falas embaralhadas.” (CTS – p. 34, p. 4). LSDAE em TC, HA, MC e AB; LSDAD em AH; LSND em AN. **NL**: MC registra a lexia como regionalismo do Nordeste.

X

XAROPADA *s. f.* Conjunto de falas sem sentido, enfadonhas, sem graça, que aborrecem: “O fabricante daquela **xaropada** toda é um idiota.” (CTS – p. 78, l. 27). LSDAE em TC, AH, AB, MC, HA; LSND em AN.

XIQUEXIQUE *s. m.* Planta nativa (cacto) da caatinga do Nordeste brasileiro, de caule espinhoso, sem folhas e cheio de água; serve de alimento para o gado durante as secas. “A aragem morna sacudia os **xiquexiques** e os mandacarus.” (VS – p. 15, l. 25-26). LCDAE em HA, AH, AB e MC; LCND em TC e AN.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa, constatamos que no universo linguístico contextualizado em *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas* constam lexias que, analisadas sob a perspectiva selecionada, em seus aspectos léxico-semânticos revelam traços do universo sociocultural da região transposta às obras, pelo autor, convalidando as teorias representadas.

Em *Vidas Secas*, as lexias compiladas mostram pessoas angustiadas, cansadas, caminhando sem rumo, carregando os míseros objetos nas costas e na cabeça, dormindo ao relento num espaço geofísico assolado pela seca e pela quentura. Embrutecidos, as poucas palavras trocadas, ou apenas “resmungadas”, são mais ofensas que respeito. As consequências do fenômeno da seca são vivenciadas de formas distintas. Nesse contexto, a “bolandeira” de seu Tomás e o “aió” de Fabiano, que já “comeu toucinho com mais cabelo”, são marcas de uma sociedade social e culturalmente hierarquizada. Enquanto o primeiro, homem de certo recurso, representante da camada mais privilegiada, deixa o lugar sem atropelos, o segundo, nas condições de penúria acima postas.

No contexto narrado em *São Bernardo*, não se dá de forma diferente. Os universos ali relacionados são conflitantes, as ações nem sempre são legítimas, quer no âmbito da exploração da mão de obra, quer na esfera pessoal e familiar. Nesse contexto narrado, encontramos, dentre outras, as lexias “pubo”, “passando as unhas nos babados”, “ter barriga de ema”, “ensinar rato a furar almotolia”, “em posição de galinha assada” “ficar de saco nas costas”, “aceiro”, “mandacaru”, “bicho do mato”, “molecoreba” em cujos aspectos léxico-semânticos refletem-se o pensar e o agir do povo nordestino, nos limites de Alagoas.

Em *Caetés* esse pensar e agir intrínsecos das relações sociais que se estabelecem num contexto urbano, revelam-se em lexias como “cair na boca do mundo”, “em manga de camisa”, “desempenado”, “desconchavo no coração”, “chocalhices”, “cantar loa”, “juro de judeu”, “fita azul”, “atuada” “cavação”.

Entendemos que os aspectos socioculturais que singularizam os indivíduos inseridos em tais contextos configuram-se nas lexias compiladas no Glossário ora apresentado, confirmando a hipótese levantada: No universo linguístico contextualizado em *Caetés*, *São Bernardo* e *Vidas Secas*, romances de Graciliano Ramos, configuram-se, nas falas do narrador e/ou personagens, lexias que permitem uma análise léxico-semântica sob uma perspectiva geo-sócio-etnolinguística e, à luz dos recursos teórico-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia, ordenarem-se em um glossário do léxico regional/popular desse escritor.

Tal fato, entretanto, não significa uma prontidão, um esgotamento da temática, ao contrário, deve ser visto como uma janela às possibilidades diversas, ao que se inclui o aprofundamento da mesma. Esperamos, ainda, que este trabalho cumpra seu papel de divulgar a linguagem que caracteriza o povo nordestino.

REFERÊNCIAS

AHUMADA, Ignacio. **Nomenclaturas populares y lexicografía regional**. Archivo de Filología Aragonesa (AFA). 65, 2009, pp. 235-248, ISSN: 0210-5624. Disponível em: <https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/56/_ebook.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 2001.

ALEXANDRE, Fernando. **Dicionário da Ilha: Falar & Falares da ilha de Santa Catarina**. ilust. Andrea Ramos. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994, 134 p.il.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v.1, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário Popular Paraibano**. João Pessoa: Grafset, 1985.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Linguística Aplicada aos Falares Regionais**, v. 1, 118 p. João Pessoa: A União, 1983.

_____. **Glossário aumentado e comentado de A Bagaceira** por Maria do Socorro da Silva de Aragão e outros. João Pessoa, A União, 1984.

_____. **A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa, FUNESC, 1990.

_____. **Sinônimos e parassinônimos em capitais do Nordeste brasileiro: dados do ALiB**. v. 19, n. 1 (2014). Disponível em: <www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/actas/search/authors/view?firstName>. Acesso em: 12 mai. 2017.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES; Cleuza Bezerra de. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: CNPq. Universidade Federal da Paraíba, 1984.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. Coleção primeiros passos, p. 36. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BAGNO, Marcos (org.). **Norma lingüística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed., São Paulo: Hucitec, 2000.

BARBOSA, Maria Aparecida. *et al.* **Manual de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.

_____. Estrutura, funções e processos de produção de dicionários terminológicos multilíngues. In: **Revista do GELNE** – Ano1. Nº2, 1999.

_____. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: métodos, campos de atuação e de cooperação. SEMINÁRIO DO GEL – XXXIX. **Anais**. Franca: UNIFRAN; 1991, p. 182 – 189.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **A Constituição da Normalização Terminológica no Brasil**. Caderno de Terminologia N. 1, 2001. Humanitas FFLCH/USP – abril 2001, p. 23 – 45.

_____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Ciência da Informação**. v. 24, n. 3, 1995. Artigos. Disponível em: <www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_ecadce0d4e_0008850.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. **Alfa**, São Paulo, 50 (2): 43-54, 2006.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. Campinas, São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campina, 1995.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística (linguística quantitativa e computacional)**. Rio de Janeiro - São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

_____. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo 28 (supl.): 1 – 26, 1984b,e.

_____. O dicionário padrão da Língua. **Alfa**, São Paulo 28 (supl.): 27 – 43, 1984f.

_____. Glossário. **Alfa**, São Paulo 28(supl.): 135 - 144, 1984a,c,d.

_____. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

_____. Dimensões da Palavra. **Filologia e linguística portuguesa**. n, 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. Dicionários do Português: da tradição à Contemporaneidade. **Alfa**, São Paulo, 47 (1): 53-69, 2003.

BLIKSTEIN, Isidoro. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**; organização e tradução Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

_____. Em que constituem os avanços tecnológicos na elaboração de dicionários? In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. (Orgs.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 192 p.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRANDÃO, Silvia Figueredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BREAL, Michel. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. Trad. Aída Ferrás at. al. – São Paulo: EDUC, 1992. 205 p.

MIRANDA, Félix Bugueño. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. V. III São Paulo: Humanitas, 2007.

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística**. 3. ed. Porto Alegre: Global, 1976.

CABRAL, Tomé. **Dicionário de Termos e Expressões Populares**. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Manual de expressão oral e escrita**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

CÂNDIDO, Antônio. Ficção e Confissão. In: RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 17 ed. São Paulo: Martins, 1986.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolingüística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, Vol. 15, No especial, pp 233-255, 1999. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010>. Acesso em: 13 mar. 2017.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Linguísticos**. Recife: Editora UFPE, 2002.

CARROLL, John Bissell. **O estudo da linguagem**. Tradução de Vicente Pereira de Sousa. Petrópolis, Vozes, 1973.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2002.

_____. **Civilização e cultura**: pesquisas e notas de etnografia geral. São Paulo: Global, 2004.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Rumo da Dialectologia Portuguesa, nº 18/19, p. 115 – 1153. **Alfa**: São Paulo, 1972-1973.

CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. Linguagem, Sociedade e Cultura. In: CARNEIRO, Marísia (Org). **Pistas e Travessias**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

CHAUÍ, Marilena Sousa. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CORREIA, Margarida. **Os dicionários portugueses**. Alfragide, Portugal, Editora Caminho S. A.: fevereiro de 2009.

COSERIU, Eugênio. **Sentido y tareas de ladialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSERIU, Eugênio, *at al.* [1976]. **Problemas da Lexicologia e Lexicografia**. Tradução e introdução de Mário Vilela. Rio de Janeiro: Companhia Editora do Minho - Barcelos, 1979.

_____. Fundamentos e tarefas da sócio e etnolinguística. In: MELLO, Linalda Arruda. (Org.). **Sociedade, Cultura e Língua**: Ensaios de Sócio e Etnolinguística. João Pessoa: Shorin, 1990.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. São Paulo: Autêntica, 2008.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro, 1976.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2 ed. Bauru: EUDSC, 2002.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ECO, Humberto. **Os limites da interpretação**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Como se faz uma tese**. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. Editora Perspectiva: 1988.

ELIA, Sílvio. **Orientações da linguística moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

_____. **Sociolinguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Padrão / EDUFF, 1987.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes** (1939), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 7. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda de. **Dicionário Aurélio de Português On-line**. 2008 – 2018. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed., revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Susana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Pires Jerusa. O judeu errante: a materialidade da lenda. In: **Revista Olhar**. Ano 2, nº 3, Junho de 2000. <http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar3/02Jerusa.pdf>. Acesso em 28 de mar de 2016.

FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. **A escrita oficial: manuscritos paraibanos dos séculos XVIII e XIX**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREITAS, Horácio Rolim de. **Princípios de morfologia: visão sincrônica da derivação em Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1991.

FRUBEL, Auri Claudionei Matos; Isquardo, Aparecida Negri. Vocabulário do falar sul-mato-grossense: aspectos lexicográficos e socioculturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, RJ: 1987.

GARCIA, Carlos. **O que é o nordeste brasileiro?** 9. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GECKELER, Horst. **Semântica estructural y teoria del campo léxico**. Madrid: Gredos, 1976.

HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía: de lalingüística teórica a la lexicografia práctica**. Madrid, España: Editorial Gredos S.A., 1982.

HENRIQUES, Claudio Cesar. **Léxico e Semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HJELMSLEV, Lois. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2.ed., São Paulo: Perspectiva, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Houaiss – Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.br/Houaiss/>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa**. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HOUAISS, Antônio; FRANCO, Francisco Manoel de Mello; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário HOUAISS de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ILARI, Rodolfo. **A linguística e o ensino da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2003.

ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1996.

_____. (Org.). **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.

_____. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

_____; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. 483 p.

_____. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. 483 p. [193 – 208].

_____. **Normas lexicais no português do Brasil e desafios para a lexicografia brasileira**. (UEL/CNPq). Disponível em: <www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_511.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2016.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

KEHDI, Valter. **Morfemas do português**. 6. ed. 5. reimpr. São Paulo: Ática, 2003.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia/tradução**. Marie-Agnès Chauvel; prefácio Maria Isaura Pereira de Queiroz. 16. reimpr. da 1. ed. de 1988. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LARA, Ignacio Ahumada. Panorama de la lexicografía regional del español. Káñina, **Rev. Artes y Letras**, Univ. Costa Rica. XXXI (1): 101-115, 2007. ISSN: 0378-0473 Disponível em: <digital.csic.es/bitstream/10261/23018/1/Kañina_2007.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LÉONARD, Émile G. **O Protestatismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social**. Tradução: Lineu de Camargo Schützer. Revista de História / USP, 1952. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/34900/37636>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

LEPSCHY, Giulio C. **A linguística estrutural**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. São Paulo: Cultrix, 1971.

LYONS, John. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. **Linguagem e Linguística – uma introdução**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1987.

LUCAS, Fábio. **O caráter social da ficção do Brasil**. 2. ed., São Paulo: Ática, 1987.

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral**. 6.ed., São Paulo: Martins Fontes, 1975.

_____. **A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 3 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MASSAUD, Moisés. **A Literatura Brasileira através de textos**. 23 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

MAIOR, Mario Souto. **A língua na boca do povo**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1992.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 19926. 179 p.

MATOS, Francisco Gomes de. Notas sobre livros booknotes: WELKER, Herbert Andréas. 2004. Dicionários. Uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília, Thesaurus, 287 p. **DELTA**, v. 20 n. 2. São Paulo, dez. 2004. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-4502004000200015>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

MEDEIROS, Elza Cansanção. **Novo dicionário de alagoanês**. Maceió: Integral Comunicação, 2005, 119 p.

MELLO, Linalda Arruda (org.). **Sociedade, Cultura e Língua**: Ensaios de Sócio e Etnolingüística. João Pessoa: Shorin, 1990.

MICHAELIS. – **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão *on-line*. Disponível em: <michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem. Para uma Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. Trad. Fernando de Castro Ferro.

_____. **O método III. O conhecimento do conhecimento**. Publicações Europa América. Biblioteca Universitária. 1986. Trad. Maria Gabriela de Bragança.

MORIN, Edgar. **O método IV. As idéias**: a sua natureza, vida, habitat e organização. Publicações Europa América. Biblioteca Universitária. 1991. Trad. Emílio Campos Lima.

MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro**. Fortaleza, Edições Universidade do Ceará; Rio de Janeiro, J. Olympio, 1982.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.) **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto Editora, 2006.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Modelos de verbetes em dicionários clássicos da língua portuguesa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. 483 p. [p. 235 – 245].

_____. Os homônimos devem ser organizados em entradas diferentes, mesmo que a maioria dos consulentes não tenha noção de sua origem? In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 192 p.

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da fraseologia brasileira**. 3. ed. rev. por Olavo Aníbal Nascentes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. 268 p.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed., 5. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PADRE LUIZINHO. **Qual o verdadeiro significado do escapulário?** Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/.../qual-o-verdadeiro-significado-do-escapulario/>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

POETZSCHER, Carmem Cinira B. **Linguagem e condicionamentos sociais**. Rio de Janeiro: Revinter, 1994.

POMPA, Cristina. Leitura do “fanatismo religioso” no sertão brasileiro. In: **Revista Novos Estudos**, n. 69. São Paulo: Lis Gráfica, julho de 2004.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

_____. A sinonímia na terminologia do caju. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

_____. Exemplo lexicográfico em dicionários escolares brasileiros. **Filol. lingüíst. port.**, n. 12(2), p. 351-370, 2010.

_____. Metadiscorso verbal e visual: análise da medioestrutura de um dicionário de língua inglesa. In: **Palimpsesto**, n. 13, Ano 10, 2011. Estudos (5) p. 2.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de. **A influência da língua falada no léxico de Menino de Engenho, de José Lins do Rego**. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1992.

_____. **Lexicologia e Significação – Posições Teóricas**. João Pessoa: Idéia, 2002.

_____; MELLER, Vilson Brunnel. **Dicionário Linguístico-Literário de Termos Populares / Regionais (Norte / Nordeste)**. João Pessoa: Idéia, 2003, 2v.

POTTIER, Bernard. **Semântica y lógica**. Madrid: Gredos, 1983.

_____. **Estruturas Linguísticas do Português**. Tradução de Albert Audubert e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

_____. **Presentación de la lingüística: Fundamentos de una teoría**. Traducción de Antonio Quilis. Madri: Ediciones Alcalá, 1967.

_____. **Linguística geral: teoria e descrição**. Tradução de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença/USU, 1978.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os Níveis da Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira**. 8. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 216p.

RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *São Bernardo*. 92. ed. Ed. Revista. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. *Vidas Secas*. 118 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste**. 5. ed. Rio, São Paulo, Record, Martins [1975].

_____. *Angústia*. 67. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **Garranchos**. (Org.) Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RECTOR, Mônica. **A linguagem da juventude: uma pesquisa geo-sociolinguística**. Petrópolis, Vozes, 1975.

RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed., revista e ampliada. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2002.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SACKS, Sheldon (org.). **Da metáfora**. São Paulo: EDUC / Pontes, 1992.

SAPIR, Edward. **Linguística como Ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SCHAFF, Adam. **Introdução à Semântica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SCHELLING, V. **A Presença do povo na cultura brasileira: ensaios sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. In: **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. Organização Claudia Xatara, Cleci Regina Bevilacqua, Phillippe René Marie Humblé. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SILVA, Deonísio da. **A vida íntima das frases**. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **A língua portuguesa e a unidade do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

TAMBA, Irène. **A semântica**. 2. ed. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à Ciência do Significado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura**: o caso Rubem Fonseca. São Paulo: Cortez, 2000.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VILELA, Mário. **Estruturas Léxicas do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

_____. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. **Ensino da Língua Portuguesa**: Léxico, Dicionário, Gramática. Coimbra: Almedina, 1995.

_____. **Metáforas do nosso tempo**. Coimbra: Almedina, 2002.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico** – Texto integral. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martim Claret, 2002.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

XATARA, Cláudia; BEVILACQUA; HUMBLÉ, Philippe René Marie. (Orgs.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.